



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
NÍVEL MESTRADO



EMANUELA CARLA SANTOS

TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES EM PRAÇAS DE ARACAJU/SE

SÃO CRISTÓVÃO

2016

EMANUELA CARLA SANTOS

TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES EM PRAÇAS DE ARACAJU/SE

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Gicélia Mendes.

SÃO CRISTÓVÃO

2016

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Santos, Emanuela Carla.
S237t Territórios e territorialidades em praças de Aracaju/SE /
Emanuela Carla Santos; orientadora Gicélia Mendes. – São
Cristóvão, 2016.
133 f.: il.

Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio
Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, 2016.

1. Territorialidade humana. 2. Praças – Aracaju,SE. 3.
Poder (Ciências Sociais). I. Mendes, Gicélia, orient. II.
Título.

CDU 911.3

EMANUELA CARLA SANTOS

TERRITÓRIOS E TERRITORIALIDADES EM PRAÇAS DE ARACAJU/SE

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe.

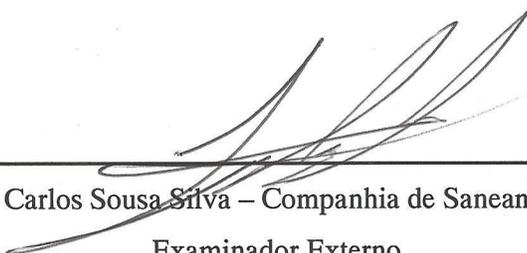
Aprovada em 26 de fevereiro de 2016



Profa. Dra. Gicélia Mendes – Universidade Federal de Sergipe
Presidente – orientadora



Prof. Dr. Genésio José dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Examinador Interno



Prof. Dr. Luiz Carlos Sousa Silva – Companhia de Saneamento de Sergipe
Examinador Externo

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente concluído no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).



Profa. Dra. Gicélia Mendes – Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA

Universidade Federal de Sergipe – UFS

É concedido ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) responsável pelo Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente permissão para disponibilizar, reproduzir cópia desta Dissertação e emprestar tais cópias.



Emanuela Carla Santos

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA

Universidade Federal de Sergipe – UFS



Profa. Dra. Gicélia Mendes – Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA

Universidade Federal de Sergipe – UFS

A Deus, pelo dom da vida.
À minha mãe Elivânia, principal Mestre da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Foram vinte e quatro meses intensos, de mudanças, aprendizados e desafios. Por mais que a dissertação de Mestrado seja um trabalho de um único autor, é praticamente impossível fazê-la sozinha. Por isso, primeiramente, agradeço a Deus por todas as pessoas que estiveram presentes comigo ao longo desta trajetória. A Nossa Senhora de Fátima, agradeço por toda a proteção. A São Tomás de Aquino, padroeiro dos acadêmicos, agradeço pela intercessão em “fortificar meu estudo, dirigir o seu curso e aperfeiçoar o seu fim”.

Agradeço à minha amada família, meu alicerce de todos os momentos. Muito obrigada aos meus pais José Vicente e Elivânia, aos meus irmãos Gilvan, Luciana, Daniela e Daniel, aos meus sobrinhos Ana Lisa e Pedro, pela companhia de toda uma vida. Um agradecimento especial à minha mãe Elivânia, pela ajuda na revisão dos textos e pela inspiração cotidiana (“vá estudar, menina! Já terminou esta dissertação?”) e ao meu irmão Daniel pela ajuda incomensurável na coleta de dados. Sem vocês, este trabalho não sairia. Muito obrigada, meus amores!

Muito obrigada à minha querida orientadora, Profa. Dra. Gicélia Mendes, que aceitou o desafio de orientar uma engenheira florestal para fazer um trabalho sobre territorialidades. Agradeço imensamente por todos os momentos de orientação, por toda a paciência e por todos os “puxões de orelha”, fundamentais para que eu terminasse este trabalho. Enfim, por tamanha dedicação e cuidado comigo, muito obrigada, mais uma vez! Aproveito aqui para agradecer aos integrantes da banca, Prof. Dr. Genésio José dos Santos (UFS) e Prof. Dr. Luiz Carlos Sousa Silva (DESO), pela dedicação e pelas contribuições para a melhoria deste trabalho.

Agradeço à querida turma 2014 do Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Quem diria que, daquelas conversas meio desesperadas antes do início das aulas, sairia uma turma tão unida! Aqui, faço questão de citar todos: Sandra, Analee, Aninha, Andrea, Dedheya, Bayne, Fred, Miranda, Deby, Douglas, Nanda, Flavia, Haiane, Karlinha, Mary, Sofia, Sonia e Thaisa, além dos agregados do Doutorado: Edilma, Roberto, Patrícia e Thaciana. Agradeço imensamente pelas conversas, pelos seminários (des)integradores, pelas risadas, pela ajuda em todos os momentos. Nosso companheirismo e alegria foram imprescindíveis para tornar esta trajetória mais leve e divertida. Tenho muito orgulho de vocês! Muito obrigada também a Camila Bomfim, Edilson Carneiro, Jadson Santos e Phellipe Cunha, pela companhia e dicas valiosas que tanto me auxiliaram na construção do pré-projeto

de Mestrado, e a Douglas Góis, pela brilhante elaboração dos mapas que compõem este trabalho.

Agradeço ainda à Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SEMA Aracaju, principalmente ao Secretário Eduardo Matos, ao Diretor de Controle Ambiental (DCA) José Rosa e aos queridos colegas do DCA, pelo apoio e incentivo ao longo destes meses. Muito obrigada especialmente aos “brodinhos” Layse e Toni, que tanto suportaram minhas reclamações e incertezas. Vocês foram os presentes que a SEMA me trouxe, obrigada de coração!

Muito obrigada aos amigos do Movimento Comunhão e Libertação, que estiveram comigo neste sonho muito antes de eu ter um pré-projeto de Mestrado. Agradeço a Ashley (que me avisou da seleção para disciplina isolada em 2013), à Cristina, Elidiana, Iris, João e Lucas (pelas conversas no SOCITEC que, dois anos depois, ajudaram-me nas aulas do Mestrado), aos Fraternos Joanna, Flávia, Marina e Ricardo, e aos demais, pelas orações e pela amizade. Muito obrigada ainda à “Família Trevinhas”: Gabriela, Jussara, Luiz, Genaina, Ailton e à nossa mais nova integrante, Aurora, pela amizade de sempre. “*Compañeros hacia el destino*”!

Muito obrigada aos amigos Ayslan, Cássio, Leonardo, Rafaela e Sarah, por sempre estarem presentes em minha vida. A Wanessa e Guilherme, meus caríssimos amigos *made in Pernambuco*, pelas ótimas conversas e preciosa amizade. Aos queridos Diego, Isadora, Kamila, Lincoln e Soares, pelas risadas e pelo apoio.

Agradeço ainda à Prefeitura Municipal de Aracaju, pela disponibilidade dos dados necessários a esta pesquisa. Meu agradecimento ainda a todos os entrevistados que contribuíram para a realização do trabalho, além de demais frequentadores que me auxiliaram com fontes e informações preciosas.

Enfim, meu mais profundo agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização da pesquisa e conclusão da dissertação. Como falei no começo, este trabalho somente seria possível com o valioso auxílio de vocês. De coração, o meu mais sincero
MUITO OBRIGADA!

“Dada a relação entre os espaços urbanizados e o comportamento humano, aqueles que projetam edifícios, bairros, espaços públicos e cidades precisam da contribuição dos vários saberes que permitem compreender os processos, o simbolismo e os comportamentos das pessoas. Não é suficiente a busca da beleza no projeto, porque tem ainda mais valor servir outro tipo de beleza: a qualidade de vida das pessoas, a sua harmonia com o ambiente, o encontro e ajuda mútua. Por isso também, é tão importante que o ponto de vista dos habitantes do lugar contribua sempre para a análise da planificação urbanista” (Carta Encíclica *Laudato Si'* sobre o Cuidado da Casa Comum– Papa Francisco).

RESUMO

As praças fazem parte do traçado das cidades ocidentais desde a Antiguidade, servindo a diferentes usos, sendo ambientes versáteis e relevantes do contexto urbano. Em Aracaju é possível observar como as praças se constituem em um rico espaço para o ambiente urbano, mostrando uma variada trama de relações de seus habitantes entre si e a cidade. As relações de poder que se estabelecem nas praças levam à formação de territórios. Neste contexto, a hipótese a ser defendida é que o conhecimento das territorialidades presentes nas praças constitui-se em elemento essencial à gestão mais eficiente. O objetivo geral da pesquisa é analisar as territorialidades presentes nas praças, relacionando-as às dimensões física e cultural. Como objetivos específicos, tem-se: revelar as territorialidades presentes nas praças aracajuanas; avaliar a localização, oferta de equipamentos presentes e a sua utilização nas praças; verificar como moradores e frequentadores realizam a apropriação simbólica das praças; analisar como as relações de poder influenciam no uso das praças aracajuanas. Para alcançar os objetivos expostos, o estudo foi aplicado em oito praças da Capital sergipana. A pesquisa foi composta de revisão bibliográfica acerca dos conceitos de espaço, território e territorialidade, levantamento de dados em campo e cruzamento de informações obtidas para indicação dos territórios existentes. Para verificar como são constituídas as territorialidades, foram utilizadas a matriz quali-quantitativa para avaliação das praças e entrevistas com moradores do entorno e frequentadores das praças analisadas. As relações entre materialidade e atores sociais estão presentes em todas as praças, das mais diversas formas. A dimensão de território que prevalece nas praças aracajuanas é a cultural, com a apropriação simbólica em diversos momentos do dia. Os territórios formados nas oito praças escolhidas para este estudo foram classificados em sete tipos: territórios da acessibilidade, territórios da atividade física, territórios do comércio, territórios da recreação infantil, territórios dos eventos, territórios religiosos e territórios topofóbicos. Conclui-se, assim, que analisar como as territorialidades se constituem torna-se uma importante ferramenta de gestão, já que permite avaliar como os transeuntes fazem uso da praça, tornando-os partícipes para a melhor gestão e aproveitamento desta importante categoria de área de lazer.

Palavras-chave: Territorialidade. Relações de Poder. Praças.

ABSTRACT

The squares are part of the layout of the western cities since Ancient Age, serving different uses, being versatile and relevant environments of the urban context. In Aracaju it is possible to observe how the squares constitute a rich space for the urban environment, showing a wide network of relations of its inhabitants with each other and the city. Power relations that are established in the markets lead to the formation of territories. In this context, the hypothesis to be defended is that knowledge of territoriality present in the markets constitutes an essential element for more efficient management. The general objective of the research is to analyze the territoriality of the squares, relating them to physical and cultural dimensions. The specific objectives, it has: reveal the territoriality present in Aracaju's squares; evaluate the location, offer gifts equipment and its use in the squares; see how locals and regulars perform the symbolic appropriation of the squares; analyze how power relations influence the use of Aracaju's squares. To achieve the stated objectives, the study was implemented in eight squares of Sergipe's capital. The research consisted of a literature review about the concepts of space, territory and territoriality, data collection in the field and crossing information obtained to indicate the existing territories. To see how the territoriality are made, we used the qualitative and quantitative evaluation matrix to the squares and interviews with surrounding residents and frequenters of the analyzed markets. The relationship between materiality and social actors are present in all the squares, in many different ways. The size of the territory that prevails in Aracaju's squares is cultural, with the symbolic appropriation at different times of the day. The territories formed in the eight squares chosen for this study were classified into seven types: territory accessibility, territories of physical activity, trade territories, territories of children's club, territories of events, religious territories and topofobics territories. It follows, therefore, that analyze how territorialities constitute becomes an important management tool, enabling you to evaluate how passers make use of the square, making them sharers for better management and use of this important category of area recreation.

Keywords: Territorialities. Power relations. Squares.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Mapa de Macrozoneamento de Aracaju, com as Zonas de Adensamento Básico (ZABs), Zonas de Adensamento Preferencial (ZAPs) e Zona de Adensamento Restrito (ZAR).....	31
Figura 02 - Localização da área de estudo, com a indicação das praças analisadas	48
Figura 03 – Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Norte.....	51
Figura 04 - Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Oeste	52
Figura 05 - Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Central.....	53
Figura 06 - Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Sul.....	54
Figura 07 - Visão panorâmica da Praça Ulysses Guimarães, Bairro Santos Dumont.....	64
Figura 08 - Setor da Praça Ulysses Guimarães onde ficam concentrados os jovens, principalmente grafiteiros e skatistas, com idades entre 16 e 24 anos	65
Figura 09 - Setor da Praça Ulysses Guimarães dedicado à recreação infantil	66
Figura 10 - Porção da praça dedicada principalmente à prática de atividades físicas, durante o dia, e encontros à noite	67
Figura 11 - Sexo dos Entrevistados da Praça Ulysses Guimarães.....	68
Figura 12 - Idade dos Entrevistados da Praça Ulysses Guimarães.....	68
Figura 13 - Grau de Escolaridade dos Entrevistados da Praça Ulysses Guimarães	69
Figura 14 - Visão panorâmica da Praça Olímpio Campos	71
Figura 15 - Utilização da calçada lateral da igreja como área de descanso.....	72
Figura 16 - Feira de artesanato e vendedores ambulantes situados na Praça Olímpio Campos	73
Figura 17 - Movimento da praça durante o feriado do Dia da Independência	74
Figura 18 - Idade dos entrevistados da Praça Olímpio Campos.....	75
Figura 19 - Sexo dos entrevistados da Praça Olímpio Campos.....	75
Figura 20 – Grau de Escolaridade dos entrevistados da Praça Olímpio Campos	76
Figura 21 - Visão panorâmica da Praça da Juventude, com o ícone indicativo do projeto.....	78
Figura 22 - Sexo dos entrevistados da Praça da Juventude Pres. João Goulart.....	79
Figura 23 - Idade dos entrevistados da Praça da Juventude Pres. João Goulart.....	79
Figura 24 – Grau de escolaridade dos entrevistados da Praça da Juventude Pres. João Goulart	80
Figura 25 - Visão panorâmica da Praça Dom José Thomaz, bairro Siqueira Campos.....	81

Figura 26 - Sexo dos entrevistados da Praça Dom José Thomaz	82
Figura 27 - Idade dos entrevistados da Praça Dom José Thomaz	83
Figura 28 – Grau de escolaridade dos entrevistados da Praça Dom José Thomaz.....	83
Figura 29 - Visão panorâmica da Praça Nelson Ferreira Martins	85
Figura 30 - Parque infantil e bancos na Praça Nelson Ferreira Martins.....	86
Figura 31 - Sexo dos entrevistados da Praça Nelson Ferreira Martins.....	86
Figura 32 - Idade dos entrevistados da Praça Nelson Ferreira Martins.....	87
Figura 33 – Grau de Escolaridade dos entrevistados da Praça Nelson Ferreira Martins	88
Figura 34 - Quadra da Praça Theodorico do Prado Montes	89
Figura 35 - Depósito de lixo situado na Praça Dr. Ranulfo Prata. Ao fundo, o monumento com o nome do patrono da praça.....	90
Figura 36 - Presença de grama nos brinquedos da Praça Liberato Costa.....	91
Figura 37 - Porção da Praça Olímpio Campos “menos acessível”, no fundo da Catedral Metropolitana.....	97
Figura 38 - Estacionamento nas praças da Juventude (A) e Ulysses Guimarães, condição que favorece a formação de territórios da acessibilidade.....	98
Figura 39 - Atividade física realizada na Praça da Juventude (A) e na Praça Ulysses Guimarães (B).....	101
Figura 40 - Tipos de comércio observados nas praças analisadas: A) Feira de artesanato na Praça Olímpio Campos; B) Vendedores ambulantes na Praça da Juventude; C) Bares na Praça Dom José Thomaz; D) Bar na Praça da Juventude.....	103
Figura 41 - Igrejas localizadas nas Praças Olímpio Campos (Catedral Metropolitana – Paróquia Nossa Senhora da Conceição) e Nelson Ferreira Martins (Capela Cristo Rei)	104
Figura 42 - Praça Olímpio Campos na festa da padroeira de Aracaju, em 08 de dezembro de 2015	105
Figura 43 - Áreas de recreação infantil nas praças analisadas. A) Brinquedos na Praça da Juventude; B) Brinquedos abandonados na Praça Liberato Costa; C) Brinquedos na Praça Nelson Ferreira Martins; D) Praça Ulysses Guimarães	107
Figura 44 - Eventos ocorridos nas praças Nelson Ferreira Martins (A), Ulysses Guimarães (B), da Juventude (C) e Dom José Thomaz (D)	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Descrição das praças analisadas na pesquisa, de acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju.....	55
Quadro 02: Perfil geral dos entrevistados das praças analisadas.....	58
Quadro 03 - Relação dos usos das praças analisadas na pesquisa.....	63
Quadro 04 - Constituição dos territórios em praças a partir da análise do discurso dos entrevistados	94

LISTA DE SIGLAS

ADEN	Áreas de Desenvolvimento Econômico
AEIS	Áreas de Especial Interesse Social
AIA	Áreas de Interesse Ambiental
AIU	Áreas de Interesse Urbanístico
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
ZAB	Zona de Adensamento Básico
ZAP	Zona de Adensamento Preferencial
ZAR	Zona de Adensamento Restrito

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Espaço, território e territorialidade nas praças aracajuanas	24
2.1 Espaço: Como esta categoria geográfica se aplica às praças?.....	24
2.2 Território: a apropriação simbólica das praças	33
2.3 Territorialidade: Como as apropriações simbólicas se constituem e se fazem presentes	40
3 METODOLOGIA: Descrevendo os caminhos para chegar às territorialidades das praças	47
3.1 Área de estudo.....	47
3.2 Paradigma e Natureza da Pesquisa.....	55
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: Desvendando as territorialidades das praças aracajuanas	62
4.1 Descrição das Praças através da Matriz Quali-Quantitativa e do Guia de Entrevistas	64
4.1.1 Praça Ulysses Guimarães.....	64
4.1.2 Praça Olímpio Campos	70
4.1.3 Praça da Juventude Presidente João Goulart	77
4.1.4 Praça Dom José Thomaz	81
4.1.5 Praça Nelson Ferreira Martins	84
4.1.6 Praça Theodorico do Prado Montes.....	88
4.1.7 Praça Doutor Ranulfo Prata.....	89
4.1.8 Praça Liberato Costa.....	90
4.2 Territorialidades das Praças Aracajuanas.....	92
4.2.1 Territórios da acessibilidade	95
4.2.2 Territórios da atividade física	99
4.2.3. Territórios do comércio	101
4.2.4 Territórios religiosos	104
4.2.5 Territórios infantis	106
4.2.6 Territórios dos eventos	108
4.2.7 Territórios topofóbicos	110

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	120
APÊNDICE A: Matriz Quali-Quantitativa para Avaliação das Praças	121
APÊNDICE B: Roteiro de Entrevista para Moradores.....	130
APÊNDICE C: Roteiro de Entrevista para Frequentadores	131
APÊNDICE D: Roteiro de Entrevista para Comerciantes (Adaptado aos vendedores da Praça Olímpio Campos e aos comerciantes da Praça Dom José Thomaz)	132
APÊNDICE E: Cronograma de Aplicação das Entrevistas	133

INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

As praças possuem papel reconhecidamente importante no espaço público urbano. Monumentos, espécies arbóreas, traçado arquitetônico, diversas características possibilitam versatilidade e simbolismo às praças, tornando-as um ambiente característico da trama urbana. Ao propiciarem aos cidadãos uma área de lazer permitindo a aproximação da natureza com a convivência humana, esta categoria de área verde torna-se relevante para o bem-estar da população e melhoria estética das áreas urbanas, fazendo-se presente em praticamente todas as cidades, adaptando-se à realidade local.

A história das praças remete-se à Antiguidade, com a *Ágora grega*¹ e o *Fórum romano*², cenários de importantes eventos históricos, tais como o julgamento de Sócrates e o nascimento do Império Romano. Embora o traçado tenha evoluído ao longo do tempo, a função das praças, como espaço de lazer aberto, origina-se destes modelos (SOUZA, 2009; DE ANGELIS *et al.*, 2004).

Na Idade Média, as praças eram locais para a celebração de eventos tais como compras, conversas, festas e apresentações artísticas, geralmente com ligação direta com os centros de compras. Na Itália (*piazze*) e na Espanha (*plaza mayor*) medievais, ocorriam desde casamentos até encenações teatrais, geralmente em espaços distantes dos centros urbanos. Com o passar dos anos, os locais em torno das praças tornavam-se cada vez mais urbanizados. Assim, no final do Medievo, as praças já estavam integradas ao espaço urbano (SEGAWA, 2005; SOUZA, 2009).

No Renascimento, a partir do século XVI, as praças adquirem um caráter formal, dedicado às classes mais abastadas. As praças tornam-se local de contemplação da natureza e da arquitetura mais refinada, dedicado apenas àquelas pessoas que entenderiam o significado das formas e elementos ali presentes. Embora não houvesse uma sinalização ou algo que impedisse a entrada de outras pessoas, as praças tornaram-se neste período espaços fechados para a maior parte da população (SEGAWA, 2005).

¹ A *Ágora grega* era um espaço ao ar livre, localizada em praticamente todas as cidades-estados gregas, para a realização de diversos eventos abertos ao público, tais como julgamentos e assembleias, possuindo papel importante na configuração da democracia e da política na cidade (ANGELIS *et al.*, 2004).

² O *Fórum romano*, principal centro comercial de Roma, era cenário de discursos públicos, cerimônias e confrontos, sendo cercada pelos prédios mais importantes da cidade. Chegou a ser considerado o ponto de encontro mais importante do mundo (ANGELIS *et al.*, 2004).

Após este período, somente no século XIX é retomada efetivamente a função de convívio público. Aqui, vale destacar que esta mudança refere-se também à nova forma de conceber a vegetação no ambiente urbano. Antes pouco valorizada nas áreas urbanas, a vegetação torna-se elemento arquitetônico importante, por oferecer sensação de bem estar e embelezamento às cidades (SEGAWA, 2005).

No Brasil, pode-se afirmar que as praças já se faziam presentes bem antes do Descobrimento, já que os índios organizavam suas ocas em círculo, deixando uma área livre para reuniões e cerimônias. Embora estes espaços não fossem nomeados como praças, a função que possuíam era semelhante. Durante o Brasil Colonial, as praças estavam diretamente ligadas aos largos das igrejas. Por serem estes os espaços mais importantes das primeiras cidades brasileiras, os administradores locais ofereciam melhor cuidado arquitetônico (DE ANGELIS *et al*, 2004).

Após a ocorrência de diversos eventos contra a Colônia portuguesa, tais como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Baiana, o uso dos espaços para convívio urbano foi cada vez mais desencorajado, como forma de evitar novos conflitos. Somente com a vinda da Família Real ao Brasil e a criação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em 1808, as praças e demais áreas verdes retomaram a sua função, tornando-se novamente locais destinados à realização de diversos tipos de encontros nas cidades. Assim, concomitantemente ao que ocorria na Europa no século XIX, as praças brasileiras receberam uma nova formação, aliando vegetação e equipamentos urbanos. A partir da década de 1940, com a praça já consolidada como área de lazer urbana, foram implantados os equipamentos esportivos, tais como quadras e aparelhos de ginástica.

Em Aracaju, as praças também possuem importante significado. A Praça Fausto Cardoso, localizada em posição privilegiada no Centro da capital sergipana, em frente à Ponte do Imperador, é considerada marco zero da criação da cidade sendo, até hoje, lugar de passagem de trabalhadores e estudantes, zona comercial, local de encontros cotidianos e ponto de partida de diversos eventos da capital, desde protestos até eventos religiosos. Outras praças de Aracaju homenageiam personagens marcantes para a cidade, tais como a Praça Olímpio Campos, Inácio Barbosa, Camerino e Tobias Barreto, cujos patronos são personagens importantes da História de Sergipe.

Nas praças é possível observar a trama urbana, caracterizando estes espaços com suas particularidades. Como categoria de área verde, oferece a toda população os benefícios

relacionados à presença de vegetação, como melhoria do microclima, sensação de tranquilidade, bem-estar visual, preservação da fauna local e redução da poluição sonora. Além disso, proporcionam uma rica trama de relações observadas apenas em espaços públicos. Relações muitas vezes efêmeras e transitórias, mas que oferecem uma amostra de como a população se relaciona entre si e com a cidade. Diante de todo o percurso descrito acima, pode-se afirmar que as praças constituem-se em um rico espaço para o ambiente urbano, por aliarem o meio ambiente natural e a rotina urbana. Estudar estas relações oferece uma ampla possibilidade de analisar como as relações de poder se fazem presentes na cidade de Aracaju.

A hipótese a ser defendida é que o conhecimento das territorialidades presentes nas praças constitui-se em elemento essencial à gestão mais eficiente. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar as territorialidades presentes nas praças, relacionando as dimensões física e cultural. Por sua vez, os objetivos específicos são: revelar as territorialidades presentes nas praças aracajuanas; avaliar a localização, oferta de equipamentos presentes e a sua utilização nas praças; verificar como moradores e frequentadores realizam a apropriação simbólica das praças; analisar como as relações de poder influenciam no uso das praças.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: na introdução é dado um panorama histórico geral, além da justificativa, hipótese e objetivos que norteiam este trabalho. O Capítulo I, referente à fundamentação teórica, analisa os conceitos de espaço, território e territorialidade, à luz de autores como Milton Santos, Rogério Haesbaert e Marcelo Lopes de Souza. No Capítulo II é apresentada a metodologia, contendo a descrição da área de estudo e os instrumentos para a coleta e análise dos dados, a fim de chegar aos objetivos propostos. Já o Capítulo III contém a análise dos resultados encontrados, utilizando-se das ferramentas de discussão citadas na metodologia. Por fim, a conclusão destaca alguns pontos importantes da análise e propõe intervenções para ações futuras.

Capítulo 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Espaço, território e territorialidade nas praças aracajuanas

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Espaço, território e territorialidade nas praças aracajuanas

2.1 Espaço: Como esta categoria geográfica se aplica às praças?

Antes de iniciar a discussão referente à apropriação simbólica do território e às territorialidades presente nas praças aracajuanas, é importante conceituar os termos que nortearão este projeto, referindo-se a autores já consagrados da Geografia, tais como Santos, Haesbaert e Souza. Assim, o primeiro conceito-chave a ser analisado é o de espaço.

Santos define espaço como “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações”, é o lugar de vivência do homem (2002, p. 21). Corrêa (2001) complementa ainda afirmando que espaço pode ser uma porção específica da Terra, um local onde o homem deixou suas marcas. Tais definições, aparentemente simplórias, escondem uma trama de relações envolvendo o homem e a paisagem onde está inserido. Juntamente com paisagem, região, lugar e território, espaço forma um dos cinco conceitos-chave da geografia, como termos que se referem à ação humana sobre a superfície terrestre (CORRÊA, 2001).

Santos (2002) trata de sistemas de objetos como instrumentos fabricados pelos homens para um conjunto de intenções sociais, e sistemas de ações como práticas que possuem um objetivo, uma finalidade. Estas ações podem ser classificadas de três formas: técnica, formal e simbólica. O espaço é o lugar onde os sistemas de ações e sistemas de objetos atuam em conjunto. Ao reunir os conceitos de diferentes autores, Santos define mais claramente o que é tal conceito para a geografia: “[...] o espaço pode ser visto como ‘um palco onde os humanos entram em relação com outros homens e com objetos’”. (SANTOS, 2002, p. 98).

Milton Santos afirma ainda que o espaço é o grande pano de fundo das relações sociais, o local em que as relações sociais se concretizam. A partir da interação entre os sistemas de objetos e sistemas de ações, é possível verificar como o espaço influencia a sociedade, os modos de produção e até mesmo o seu próprio uso. Em outro livro, o autor explica como isto acontece

O espaço é o maior conjunto de objetos existente. Se ele associa o que, pela origem, tem idades diversas, tais coisas são todas, a cada momento, movidas e verificadas

por uma lei única, a lei do hoje, a que se submetem todas as relações sociais. Trata-se de uma grande lei dos movimentos de fundo, dada pelos modos de produção e seus momentos, responsável pelas mudanças grandes e gerais e pela criação de novos objetos, enquanto as relações que se estabelecem entre os homens através dos objetos novos e dos antigos também se submetem a uma lei menor, como se, na vida da sociedade e do espaço, existissem um motor movente e um motor movido (SANTOS, 1998, p. 113).

Pode-se fazer uma analogia entre o motor movente o motor movido de Santos (1998) com as inter-relações e interações de Massey (2009). Em um dos seus escritos, a autora define o espaço a partir de três pontos de vista, assim descritos

Primeiro, reconhecemos o espaço como o produto de inter-relações, como sendo constituído através de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno. [...]. Segundo, compreendemos o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera na qual distintas trajetórias coexistem; como a esfera, portanto, da coexistência da heterogeneidade. Sem espaço, não há multiplicidade; sem multiplicidade, não há espaço. Se espaço é, sem dúvida, o produto de inter-relações, então deve estar baseado na existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são co-constitutivos. Terceiro, reconhecemos o espaço como estando sempre em construção. Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora (MASSEY, 2009, p. 29).

Costa (2010, p. 85) complementa que o espaço é compreendido como formas e conteúdos, ou seja, a “integração entre materialidade e as ações sociais que o movimenta e o transforma”. Ou seja, a partir destes autores, os elementos básicos que constituem o espaço são o material e o homem, através de suas relações sociais que transformam e modificam o espaço, utilizando-se dos sistemas de objetos e ações.

Assim, para compreender melhor o espaço é importante ter fixa a ideia de que objetos e ações não devem ser abordados de forma distinta. Outra ideia que ajuda a compreender melhor o que o espaço é pensar neste como “um presente, uma construção horizontal, uma situação única” (SANTOS, 2002, p. 103). Distinguindo espaço e paisagem, Santos utiliza o exemplo de uma bomba de nêutrons, que iria ser construída na época da Guerra Fria com a finalidade de dizimar a vida humana, mas preservando as edificações. O autor afirma que, caso a bomba fosse realmente utilizada, o espaço não existiria mais (já que a sociedade, que faz uso dos objetos e das ações não estaria mais presente), mas apenas a paisagem, a distribuição de formas-objetos. Assim, a natureza do espaço é formada

[...] de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. Paisagem e sociedade são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano (SANTOS, 2002, p. 106).

Carlos (2005) completa afirmando que o espaço geográfico é produto das relações entre o homem e a natureza. Assim, o espaço constitui-se em produto social, produzido através do trabalho humano com a finalidade de transformar a natureza, utilizando-a para um determinado fim. Assim, a cidade, o campo ou, em escalas menores, uma praça, um parque, uma indústria constituem-se em exemplos de espaço, onde há a atuação do homem, através suas interações entre si e com o exterior.

Corrêa faz um percurso histórico do conceito de espaço na geografia. Nos primórdios desta ciência, em 1870 até aproximadamente a década de 1950, o espaço sequer era considerado como conceito-chave, embora estivesse presente de forma implícita. Corrêa (2001) cita Ratzel e Hartshorne como representantes da geografia tradicional, característica daquela época, para a definição de espaço. Enquanto o primeiro utiliza o conceito de espaço vital, oriundo da ecologia e que significa “as necessidades territoriais de uma sociedade em função de seu desenvolvimento tecnológico, do total de população e dos recursos naturais”, o segundo autor afirma que espaço é “um conjunto de pontos que tem existência em si, sendo independente de qualquer coisa” (*apud* CORRÊA, 2001).

Após o advento da geografia teórico-quantitativa, o espaço é finalmente definido como conceito-chave, tomando o lugar de outros conceitos tais como região, lugar e território. Para se entender o que é espaço, a partir da década de 1950 é utilizado o modelo da “planície isotrópica”, uma superfície uniforme em todos os aspectos (clima, vegetação, densidade demográfica, renda). As ações humanas praticadas nesta planície levariam à diferenciação do espaço. A variável principal a ser considerada neste processo é a distância (outras duas variáveis consideradas são a orientação e conexão). Assim, a geografia passaria a ser a ciência espacial por excelência, já que analisaria os fenômenos sociais através das diferenças presentes no espaço, determinadas principalmente pela distância. Embora esta visão oferecesse unidade ao pensamento geográfico, logo ela se apresentou limitada, já que não avaliava o impacto das representações sociais presentes nos espaços.

Assim, na década de 1970 surge uma nova linha de pensamento, balizada pelo materialismo histórico-dialético. A geografia crítica, surgida a partir de discussões entre geógrafos marxistas e não marxistas, procura avaliar como as contradições promovidas pelo capitalismo influenciam nos estudos sobre espaço. Assim, espaço firma-se como conceito-chave da geografia, sendo definido como local das relações sociais de produção, de “reprodução da sociedade” (CORRÊA, 2001, p. 26). Este conceito baliza toda a obra de Milton Santos, discutida anteriormente.

Ao explicar como a ideia de relações de produção se associa com o conceito geográfico de espaço, Milton Santos faz uma analogia comparando os sistemas de objetos com o conjunto de forças produtivas (a cidade, o porto, a floresta, uma plantação...) e os sistemas de ações com o conjunto das relações sociais de produção (as necessidades humanas: sociais, materiais, econômicas, sociais, culturais...). Santos deixa claro, mais uma vez, que não há separação entre os sistemas, já que as relações sociais de produção e as forças de produção são interdependentes, ou, de acordo com as palavras do autor “as forças produtivas são relações de produção, as relações de produção são forças produtivas” (SANTOS, 2002, p. 64).

As praças são um exemplo de como este conceito de espaço pode ser observado na prática. Utilizando-se dos conceitos discutidos acima, é possível perceber como a praça constitui-se como exemplo de relação entre materialidade e atores sociais. Assim, não é possível analisa-la plenamente apenas como a área da praça e seus elementos (sistema de objetos) ou através dos seus frequentadores (sistema de ações). Faz-se preciso estudar plenamente este conjunto, como Santos sugere

Considerar o espaço como esse conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações, assim como estamos propondo, permite, a um só tempo, trabalhar o resultado conjunto dessa interação, como processo e como resultado, mas a partir de categorias susceptíveis de um tratamento analítico que, através de suas características próprias, dê conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos (SANTOS, 2002, p. 64).

Outra forma de abordagem utilizada para se discutir o conceito de espaço refere-se às horizontalidades e verticalidades. Sinteticamente, Santos descreve da seguinte forma

As segmentações e partições presentes no espaço sugerem, pelo menos, que se admitam dois recortes. De um lado, há extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade, como na definição tradicional de região. São as *horizontalidades*. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as *verticalidades*. O espaço se compõe de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente [...]. (grifos do autor).

Enquanto as horizontalidades são, sobretudo, a fábrica de produção propriamente dita e o *locus* de uma cooperação mais limitada, as verticalidades dão, sobretudo, conta dos outros momentos da produção (circulação, distribuição, consumo), sendo o veículo de uma cooperação mais ampla, tanto econômica e politicamente, como geograficamente (SANTOS, 2002, p. 284).

Analisando o conceito de espaço a partir destes dois campos de visão, pode-se afirmar que as horizontalidades se caracterizam por contíguos vizinhos, enquanto as verticalidades são pontos distantes, ligados por formas e processos sociais. Santos (2002) afirma que as cidades são o local em que as horizontalidades e verticalidades podem ser observadas e avaliadas. A verticalidade pode ser constituída através do governo, de uma organização ou de uma associação que promove a hierarquia, a disciplina e a setorização, enquanto que a horizontalidade pode ser vista nas relações entre estes órgãos ou entre pessoas.

É interessante observar, contudo, que a avaliação e a observação das horizontalidades e verticalidades passa prioritariamente pelo teor que estas relações carregam, podendo ser diferente a cada época, sendo resultado de uma conjunção de fatores: sociais, econômicos e ambientais. Em um mundo cada vez mais dominado pela técnica, Santos defende que hoje o espaço é “um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e seus habitantes” (SANTOS, 2002, p.63). A partir do momento em que as áreas verdes urbanas são concebidas partindo de um modelo pré-concebido, distante da realidade da população de seu entorno, tais locais podem se tornar tal sistema. Complementando este conceito, em outro trecho de “A Natureza do Espaço”, Santos afirma ainda que

Cada objeto é, em si mesmo, um sistema, funcionando sistematicamente. Um grande supermercado ou um *shopping center* seriam incapazes de existir se não fossem servidos por vias rápidas, estacionamentos adequados e acessíveis, sistemas de transportes públicos com horários regulares e conhecidos e se, no próprio interior, as atividades não estivessem subordinadas a uma coordenação. Esse é o caso dos grandes edifícios, dos armazéns, dos silos etc. Os portos, a rede rodoviária de um país, e, sobretudo, a rede ferroviária são exemplos de objetos complexos e sistêmicos (SANTOS, 2002, p. 219).

Considerando as praças e demais áreas verdes públicas, é possível visualizar como as horizontalidades e verticalidades se concretizam nestes locais. A partir da observação de como tais objetos são concebidos para a cidade, visando propiciar à população local uma área de passagem e apreciação da natureza, percebe-se como os elementos dispostos nas praças e sua localização influenciam em sua utilização. Assim, as praças também fazem parte deste conjunto de objetos complexos e sistêmicos, mesmo que em escala local.

Massey propõe outra forma de pensar os “espaços públicos”, de analisar como tais áreas são construídas e constituídas para a população. A autora acredita que apenas a mera distribuição de elementos públicos nas cidades, tais como praças, parques, jardins públicos, entre outros, não é suficiente para a sua consolidação na cidade. Além disso, a autora contesta tal classificação

Embora pudéssemos compartilhar de seu desejo de uma presença maior desse elemento no tecido urbano, sua natureza “pública” precisa ser levada a um exame minucioso que raramente lhe é devotado. Desde a maior praça pública até o menor parque público, esses lugares são um produto de, e internamente deslocados por identidades/relações sociais heterogêneas e, algumas delas, conflitantes. [...]. O espaço aberto, nesse sentido específico, é um conceito dúbio (MASSEY, 2009, p. 217).

Um aspecto interessante a ser analisado é a categoria conhecida como “espaço de vida”. De acordo com MARANDOLA JÚNIOR (2010) o espaço de vida constitui-se nos locais e itinerários que as pessoas percorrem para estudar, trabalhar, fazer compras, realizar atividades de lazer e serviços, ou seja, onde os habitantes da cidade desenvolvem seu cotidiano. Tal aspecto ajuda a compreender a ideia de sistemas de objetos e sistemas de ações que Santos utiliza para definir espaço. O espaço de vida é uma categoria unitária do espaço como um todo, uma porção onde acontece as relações sociais de produção. Em outras palavras, o espaço de vida é a forma prática de como o conceito de espaço se constrói na realidade urbana.

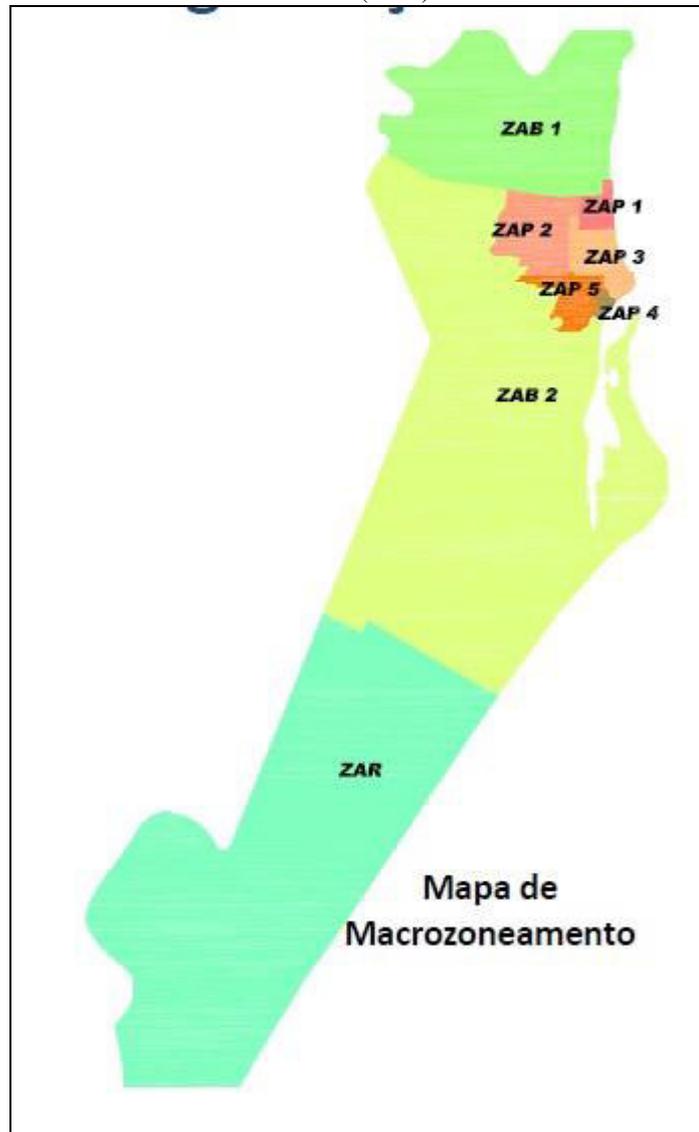
Outra forma de analisar o conceito de espaço na área urbana está ligada ao uso e ocupação do solo. O gerenciamento do espaço nas cidades, em todas as categorias possíveis de uso (habitação, lazer, comércio e serviços, infraestrutura, saúde e educação) envolve a avaliação de uma série de variáveis, envolvendo tanto a materialidade (ou seja, fatores como tipo de solo, relevo, clima e vegetação) quanto ligados aos atores sociais (os interesses da

população, considerando fatores socioeconômicos e culturais). A legislação vigente, na esfera federal (como é o caso da Constituição Federal de 1988, do Estatuto das Cidades– Lei 10.257/2001, os planos nacionais, planejamento das regiões metropolitanas e o planejamento municipal) e na esfera municipal (Planos Diretores Municipais, a disciplina do parcelamento, do uso e da ocupação do solo, o zoneamento ambiental, o plano plurianual) procura garantir o direito às cidades sustentáveis, alcançar a gestão democrática e a cooperação entre diversos setores da sociedade (incluindo a iniciativa privada e as esferas governamentais), estabelecer o planejamento adequado das cidades, oferecendo à população equipamentos urbanos de qualidade, além de disciplinar o uso e ocupação do solo, dentre outras normas (BRASIL, 2011).

Em Aracaju, a lei que disciplina o uso e o ocupação do solo e, conseqüentemente, a ocupação do espaço, é o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), promulgado através da Lei Complementar 042/2000 (ARACAJU, 2000). Atualmente, o PDDU está sofrendo processo de revisão. No Plano ainda em vigor, a cidade de Aracaju está dividida em macrozonas (Figura 01), com características de uso e ocupação distintas, assim descritas:

- a) **Zona de Adensamento Preferencial (ZAP):** zona com potencial construtivo elevado, possibilitando maior índice de ocupação. É composta pela Zona Central da Capital e a Zona Sul, até o Jardins e Grageru;
- b) **Zona de Adensamento Básico (ZAB):** zona com déficit de infraestrutura e serviços, mas com potencial de urbanização. Comporta a Zona Norte, parte da Zona Sul e a Zona Oeste de Aracaju;
- c) **Zona de Adensamento Restrito (ZAR):** zona sem padrão definido de ocupação, com déficit de infraestrutura e serviços. Também é conhecida como Zona de Expansão de Aracaju.

Figura 01 - Mapa de Macrozoneamento de Aracaju, com as Zonas de Adensamento Básico (ZABs), Zonas de Adensamento Preferencial (ZAPs) e Zona de Adensamento Restrito (ZAR)



Fonte: Câmara Municipal de Aracaju, 2015

O macrozoneamento reúne as características destas áreas em maior escala, já que desconsidera particularidades presentes nestas zonas, tais como áreas de preservação, áreas verdes, morros e dunas. Dentro das macrozonas, há as chamadas áreas de diretrizes especiais, classificadas da seguinte forma:

- a) **Áreas Especiais de Interesse Social (AEIS):** destinadas à produção, manutenção, recuperação e construção de habitações de interesse social. É composta por 44 regiões diferentes, situadas em todas as zonas da cidade (exceto a Zona de Expansão);

- b) **Áreas de Interesse Urbanístico (AIU):** frações do território municipal que são marcos de referência para a memória e a dinâmica da cidade. São as áreas situadas às margens do Rio Sergipe e do Oceano Atlântico (Orla Marítima);
- c) **Áreas de Desenvolvimento Econômico (ADEN):** áreas destinadas ao crescimento e à diversificação de atividades econômicas e de serviços. Corresponde ao Distrito Industrial de Aracaju (DIA);
- d) **Áreas de Interesse Ambiental (AIA):** áreas de preservação, áreas de proteção, espaços abertos e paisagens notáveis. São as áreas de mangues, às margens de cursos d'água, de encostas, dunas, e demais áreas protegidas pela legislação municipal, estadual e federal.

As praças de Aracaju estão classificadas nas áreas de interesse ambiental, como espaços abertos destinados ao lazer, ao ponto de encontro e animação na escala de bairro (praça de vizinhança tipo II) ou na escala de vizinhança (praça de vizinhança tipo I), com presença de pontos de comércio (bancas de jornal e quiosques), equipamentos para a prática de lazer e arborização urbana.

Tal classificação está ligada à utilização do espaço público pelo cidadão, ao livre acesso que as praças, assim como demais áreas de lazer, devem proporcionar à população. Nas palavras de Londe e Mendonça (2014), os espaços públicos devem contribuir para a melhoria da qualidade de vida da coletividade, auxiliando na sustentabilidade das cidades e no exercício da cidadania.

Desta forma, a forma de pensar a ocupação urbana, inclusive a localização das praças no espaço, passa pelo conceito de espaço, pela análise das relações entre materialidade e atores sociais, nas horizontalidades e verticalidades presentes, no espaço de vida disponível aos cidadãos. Pensar nestas relações ajuda a interpretar melhor a formação de territórios e territorialidades nas praças, conceitos a serem discutidos mais adiante.

2.2 Território: a apropriação simbólica das praças

A segunda categoria a ser analisada neste projeto é o conceito de território. Basicamente, território é um espaço definido e delimitado por relações de poder (Souza, 2001). Estas relações de poder podem ser formalmente instituídas ou terão o caráter informal, transitório, e possuir diversas dimensões.

Território vem do latim *territorium* e o termo possui origem jurídica, referindo-se à porção de terra apropriado em uma jurisdição político-administrativa no Império Romano. Refere-se ainda ao sentido de respeito e aos sentimentos (pertencimento, dominação, apropriação, satisfação) que aquela porção de terra inspira. A própria origem etimológica da palavra salienta este sentido: predominantemente, território pode ser respeito à terra como propriedade ou ainda estar relacionado a estes sentimentos (já que *territorium* vem de *terrerre*, lugar de acesso proibido a outras pessoas) (HAESBAERT, 2010). Almeida (2011) ainda completa afirmando que território “envolve uma característica de poder, ou seja, é um critério político, e não deve ser confundido com o de “espaço” ou de “lugar”. Santos e Silveira complementam ainda afirmando que território é a “extensão apropriada e usada do espaço” (2001, p. 19), isto é, o espaço tomado para satisfazer as necessidades humanas.

Territórios estão presentes, constroem-se e desconstroem-se nas mais diferentes escalas, desde uma rua até fronteiras internacionais, nas mais diversas escalas de tempo (desde séculos até horas), podendo ser permanentes, cíclicos ou transitórios. Assim, restringir território a apenas “os limites territoriais de um município, estado ou país”, como é feito pelo senso comum frequentemente, não abrange a variedade de situações que abrange este conceito (SOUZA, 2001). Santos ainda completa: “o território continua a ser usado como palco de ações isoladas e no interesse conflitante de atores isolados” (SANTOS, 1998, p. 105).

Guattari e Rolnik reforçam as palavras de Santos, ao considerar todo o subjetivismo relacionado à apropriação do território, desde o conforto individual até o pertencimento de um povo sobre uma área

Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai

desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1996).

Desta forma, território indica o sentimento de posse, remete à sensação de “fazer parte” daquele espaço. Este sentimento pode ser expresso em escalas diferentes, desde individual, passando por um grupo de moradores, até os habitantes de uma cidade ou um país. Em livro escrito em 2006, Haesbaert afirma que território

é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados. Esta relação varia muito, por exemplo, conforme as classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando. Como no mundo contemporâneo vive-se concomitantemente uma multiplicidade de escalas, numa simultaneidade atroz de eventos, vivenciam-se também, ao mesmo tempo, múltiplos territórios (HAESBAERT, 2006, p. 121).

Em outra obra, Haesbaert (2010) comenta que no dicionário *Le mots de la Géographie*, de 1993, existem seis conceitos de território. Outros dois autores, Lévy e Lussault, em 2003 reúnem nove conceitos para este mesmo termo. Haesbaert (2010) reúne todas estas definições e as divide em três dimensões, assim descritas:

Política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado.

Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao espaço vivido.

Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho, por exemplo (HAESBAERT, 2010, p. 40).

Aqui pode-se acrescentar ainda a dimensão física de território delimitada por Albagli (2004) constituída “por suas características geológicas e recursos naturais (clima, solo, relevo, vegetação), bem como aquelas resultantes dos usos e práticas dos atores sociais” (p. 27). Esta outra dimensão se confunde com a perspectiva naturalista, aquela que aborda o território relacionado com a sobrevivência biológica.

Na concepção naturalista, o território é o espaço delimitado para uso de recursos. Em alguns locais, esta concepção é ainda mais forte, quando o território é tornado como um local sagrado, que determina a presença, existência e ação humana, tais como as tribos indígenas e sociedades tradicionais (HAESBAERT, 2006). Confunde-se com a concepção etológica animal (ligada ao estudo do comportamento), que define território como a área possuída e defendida por instinto. Nos seres humanos o território indica o local onde ocorre a relação sociedade/natureza, definido a partir da relação com a dinâmica do mundo. Tal dimensão ainda é pouco estudada pela geografia, talvez pela visão antropocêntrica dominante de ignorar a dinâmica da natureza. Haesbaert (2010) defende não sobrevalorizar esta visão, explicando a ocupação humana do território apenas pelo ponto de vista biológico, nem tampouco suprimi-la, negligenciando a relação sociedade-natureza. Nos estudos sobre território, o ideal é visualizar como a dinâmica da natureza influencia no uso do território, oferecendo um outro campo de estudo e análise na construção dos territórios construídos e desconstruídos pelo homem.

Em outra obra, Haesbaert defende o estudo da relação sociedade-natureza nos estudos sobre território, considerando o impacto direto dos fenômenos da natureza sobre a sociedade

A ligação do território com a natureza é explícita e, nessa ligação, o território se torna, antes de mais nada, uma fonte de recursos, “meios materiais de existência”. Apesar de ser uma proposição com pretensões de universalidade, trata-se claramente de uma noção de território bastante influenciada, como ocorre entre muitos antropólogos, pela experiência territorial das sociedades mais tradicionais, em que a principal fonte de recursos provém da natureza, da terra (por exemplo: disponibilidade de animais e plantas para coleta, fertilidade dos solos e presença de água para a agricultura).

Hoje, em muitos lugares do mundo, estamos bem distantes de uma concepção de território como “fonte de recursos” ou como simples “apropriação da natureza” em sentido estrito. Isto não significa, contudo, que estas características estejam completamente superadas. Dependendo das bases tecnológicas do grupo social, sua “territorialidade” ainda pode carregar marcas profundas de uma ligação com a terra, no sentido físico do termo. O mesmo ocorre com áreas em que alguns fenômenos naturais (vulcanismos, abalos sísmicos, furacões) são profundamente reestruturadores da vida social (HAESBAERT, 2011, p. 47-48).

Na dimensão política, preponderante nos estudos sobre território, esta categoria é vista como um espaço de exercício do poder, quase sempre centralizada no Estado, é a área em que um governo instituído legitimamente exerce sua soberania, através de uma legislação e de uma autoridade legalmente constituída (MORAES, 2003). Esta dimensão é ainda mais importante para a Geografia Política, já que o território é a unidade política por excelência.

Ratzel, considerado um autor clássico nas discussões sobre território no âmbito político, afirma que “sem território não se poderia compreender o incremento da potência e da solidez do Estado” (*apud* HAESBAERT, 2010).

Esta dimensão é a mais tradicional nas discussões sobre território durante os séculos XIX e XX, enfatizando as relações de poder. Raffestin sintetiza o que constitui a natureza do poder a partir de cinco pontos:

1. O poder não se adquire: é exercido a partir de inumeráveis pontos;
2. As relações de poder não estão em posição de exterioridade no que diz respeito a outros tipos de relações (econômicas, sociais, etc.), mas são imanentes a elas;
3. O poder vem de baixo, não há uma oposição binária e global entre dominador e dominados;
4. As relações de poder são, concomitantemente, intencionais e não subjetivas;
5. Onde há poder há resistência e no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder (RAFFESTIN, 1993, p. 53).

Assim, a apropriação do território, a partir da dimensão política, torna-se uma consequência destas relações de poder presentes em um espaço delimitado.

Embora por vezes sejam discutidas de forma distinta, a dimensão naturalista (ou física) de território e a dimensão política foram desenvolvidas na mesma época, ao longo dos séculos XIX e XX. Ratzel procura unir estas duas dimensões, fazendo uma analogia aos “espaços vitais” da Biogeografia. Assim, o autor ajuda a reconhecer uma relação íntima entre solo (natureza, espaço material) e Estado (ou território) (HAESBAERT, 2010).

O Estado não é, para nós, um organismo meramente porque ele representa uma união do povo vivo com o solo [*Boden*] imóvel, mas porque essa união se consolida tão intensamente através da interação que ambos se tornam um só e não podem mais ser pensados separadamente sem que a vida venha a se evadir (RATZEL, 1974 *apud* SOUZA, 2001, p. 85).

É válido lembrar que esta dimensão envolve a apropriação do território por um ator ou grupo social através de suas concepções éticas, políticas e tecnológicas, variando de acordo com a estruturação, organização, subdivisão e gestão. Incorpora, ainda a toponímia, a nomeação do território como forma de apropriação e identificação (ALBAGLI, 2004).

A dimensão cultural é mais abrangente do que a política, ao sair da lógica cartesiana dos limites político-territoriais e procurar analisar o pertencimento de um povo a dado

território, indo além das fronteiras. Dois geógrafos franceses, Bonnemaïson e Cambrézy, afirmam que estudar território como representação e valor simbólico reforça sua importância. Além disso, os autores alegam que a dimensão cultural antecipa a dimensão política e a dimensão econômica. Utilizando as palavras de Bonnemaïson (1981), “é pela existência de uma cultura que se cria um território, e é pelo território que se fortalece e se exprime a relação simbólica do espaço” (*apud* ROSENDAHL, 2010, p. 187). Haesbaert (2010) reforça a perspectiva destes autores, explicando que o território se define principalmente com as relações sociais e/ou culturais e com o contexto histórico em que está inserido. Esta dimensão carrega o sentido de territorialidade, a ser abordado mais adiante. Em outro texto, Haesbaert (2001) completa afirmando que as fronteiras de apropriação não necessariamente apresentam fronteiras formalmente delimitadas, podendo se sobrepor umas às outras.

Por fim, outra dimensão em que o território pode ser analisada é a econômica. Esta dimensão pode ser vista pelo caráter antropológico, referindo-se ao território como porção de terra em que seus integrantes possuem acesso, controle e uso de seus recursos. Um exemplo é como as sociedades tradicionais, tais como os indígenas, fazem uso do que lhe é disponibilizado na área em que vivem (HAESBAERT, 2010). Também pode ser analisada sob o ponto de vista econômico, relacionada com a capacidade que determinado território possui de oferecer rentabilidade e competitividade (ALBAGLI, 2004). Haesbaert (2010) ressalta que, equivocadamente, é utilizado o termo “divisão territorial do trabalho” em vez de “divisão espacial do trabalho”, já que nesta divisão não está presente o sentido de apropriação implícita no conceito de território.

É importante reforçar que tais dimensões não devem ser trabalhadas separadamente. Esta divisão possui um caráter didático e possui a pretensão de melhor compreender a complexidade do conceito território. Na prática, estas dimensões se sobrepõem, “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural” (HAESBAERT, 2010, p. 79). Há ainda duas classificações que ajudam a entender como os territórios se relacionam: como espaços contíguos, vizinhos (territórios-zona) e como espaços sobrepostos, vizinhos (territórios-rede).

Haesbaert, aqui, defende a importância de se estudar o território a partir da sua dimensão totalizante, propondo a noção de espacialidade:

Uma das questões mais sérias, aqui, é que (...) dificilmente encontramos um espaço capaz de “integrar” de forma coesa as múltiplas dimensões ou lógicas: econômica, política, cultural, natural. Daí o fato de alguns defensores de uma visão totalizante ou integradora de território advogarem a sua superação (HAESBAERT, 2011, p. 53).

O conceito de território surgiu no século XIX, através da geografia política, como “espaço de poder fixo” (LIMA, 2013, p. 8). Em 1952 e em 1970 Jean Gottman desenvolveu os conceitos de território relacionados à dimensão simbólica e à soberania. Em 1986, Sack desenvolveu o conceito atribuindo o território às estratégias de atingir, controlar e influenciar pessoas, por meio das territorialidades, conforme será descrito adiante.

As cidades brasileiras se constituem um exemplo de como estas relações se fazem presentes. Através dos seus espaços adaptados para a convivência humana e para as práticas da sociedade moderna (trabalho, estudo, lazer), é possível notar sinais de convivência e de isolamento, traços que permitem deduzir o modo de vida de seus moradores e verificar a presença de território dentro do território da cidade. Ver a cidade como “território usado”, de acordo com a definição de Santos (2000), permite observar a totalidade destas relações, constituindo-se “um campo privilegiado para a análise na medida em que, de um lado, nos revela a estrutura global da sociedade e, de outro lado, a própria complexidade de seu uso” (SANTOS, 2000, p. 12). Em outro texto, Santos ainda completa

As cidades têm um grande papel na criação dos fermentos que conduzem a ampliar o grau de consciência. Por isso são um espaço de revelação. A vida de cada um, nesse lugar das grandes mutações, é uma grande incógnita, porque para a maior parte das pessoas a cidade, como um todo, ao primeiro contato é impalpável, não se deixando entender apenas com o que aprendemos em suas enormes quantidades, nada mais que uma fração do todo. Por isso, a grande maioria dos cidadãos não percebe a cidade senão pela lógica dos medos, das premonições, da sensibilidade, que se aguça com o próprio processo do trabalho (SANTOS, 1998, p. 63-64).

MAIA (2010), ao explicar como esta teia de relações se faz presente no Rio de Janeiro, formando distintos territórios, comenta que

Territórios são construídos e desconstruídos na cidade, tendo como marcas e justificativas elementos os mais distintos os mesmo complementares. Emanam, assim, das relações marcadamente produtivas (do trabalho), das práticas culturais, da esfera da vizinhança, dos espaços de consumo e de lazer, das atividades “marginais”. Poder, afeto, símbolo, identidade permeiam e dão o tom a essas múltiplas e, por vezes, entrecruzadas territorialidades. (MAIA, 2010, p. 123).

Antes de adentrar nas discussões territoriais das praças, é importante aqui definir a que tipo de território se quer referir. Os territórios presentes nas cidades não são apenas delimitados por fronteiras formais, na escala político-administrativa, mas também são os que indicam uma apropriação simbólica. A dimensão política e a dimensão cultural não são conflitantes nem opostas, mas uma ajuda a compreender melhor a outra.

Haesbaert auxilia a entender melhor estas acepções, ao afirmar que

(...) o território compõe de forma indissociável a reprodução dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espacial ou geograficamente mediadas, e de que a territorialidade ou a “contextualização territorial” é inerente à condição humana. Embora muito variável em suas manifestações, o território está presente em todo processo histórico. Trata-se da noção mais ampla de território, e que muitas vezes se confunde com a própria noção de espaço geográfico. O território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido (HAESBAERT, 2010, p. 78).

Analisar estas relações permite conhecer como os territórios se fazem presentes nas cidades e quais são os fatores que as constroem. As questões de ordem simbólico-cultural dizem respeito às territorialidades que, muito mais do que as qualidades de ser território, representam os pontos de interesse de uma dada área. Nas cidades, tais questões se fazem ainda mais fundamentais, já que nestes locais exprimem o que é viver em sociedade

A geografia pública de cidade começa a ser delineada quando o desejo de viver com o(s) outro(s) se torna uma prática comum e ganha o abrigo institucional necessário. Assim, a cidade se configura, por excelência, como um espaço de encontro entre diferentes e desconhecidos, contribuindo para que os seres humanos se tornem mais ricos de experiências no seio da vida societária (BARBOSA, 2011, p.133).

Desta forma, o território não se estabelece somente através de fronteiras legitimamente definidas ou de leis que direcionam um espaço a uma dada população. O território, antes de tudo, indica relações de poder, de pertencimento, de proximidade; enfim, uma identificação com o espaço utilizado. Estas relações constituem-se as territorialidades, aspecto importante a ser analisado na constituição de territórios.

2.3 Territorialidade: Como as apropriações simbólicas se constituem e se fazem presentes

O próximo tópico que norteia a discussão sobre a formação de territórios nas praças é a discussão sobre territorialidade. É importante reforçar aqui que a divisão em tópicos é apenas didática, já que, na prática, o espaço, o território e as territorialidades se entrecruzam cotidianamente.

Sack, um dos geógrafos que mais se dedicou a este tema, define territorialidade como a “tentativa por um indivíduo ou um grupo de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, através da delimitação e afirmação do controle sobre uma área geográfica” (*apud* HAESBAERT, 2006). Apesar desta visão abordar principalmente a dimensão política de território, é importante enfatizar que esta influência nem sempre é iniciativa do Estado.

Na definição de Sack, a territorialidade envolve três relações interdependentes: classificação por área, a forma de comunicação pelo uso de uma fronteira e a tentativa de manter o controle de acesso a uma área. Raffestin acrescenta que a territorialidade também envolve linguagens, sistemas de signos e códigos, sendo o conjunto de relações estabelecidas por indivíduo integrante da sociedade, “com a exterioridade e a alteridade através de do auxílio de mediadores ou instrumentos” (RAFFESTIN, 1993, p. 159).

Sack destaca ainda a importância da territorialidade como elemento determinante para a criação e manutenção do espaço geográfico como um todo, ao enfatizar que “a territorialidade, como um componente do poder, não é apenas um meio para criar e manter a ordem, mas é uma estratégia para criar e manter grande parte do contexto geográfico através do qual nós experimentamos o mundo e o dotamos de significado” (SACK, 1986 *apud* HAESBAERT, 2010, p. 90).

Trindade Júnior (1998) ao explicar a formação de territórios nas cidades, explica que a territorialidade é basicamente individual, vinculando-se diretamente ao espaço através de uma identidade individual ou coletiva. O autor defende ainda que a territorialidade nunca é apagada ou excluída; no máximo torna-se velada, manifestando-se em momentos de conflito ou ainda quando se necessita tomar posse daquele espaço.

Raffestin define territorialidade como relação entre o indivíduo e o exterioridade, balizada por uma “relação particular definida por uma forma e um conteúdo” (1993, p. 160). Assim, a territorialidade é este tripé sociedade-espço-tempo, que possui o objetivo de atingir a maior autonomia possível, compatível com as condições do sistema em que está inserido.

Ao citar as ideias de Sack, HAESBAERT (2004) coloca alguns aspectos importantes para entender o que é territorialidade, resumidos da seguinte forma:

- a) A territorialidade “é incorporada ao espaço quando este media uma relação de poder que efetivamente o utiliza como forma de influenciar e controlar pessoas” (p. 104);
- b) A territorialidade é ainda a “estratégia pessoal para atingir, influenciar e controlar pessoas” e, estrategicamente, “pode ser ativada ou desativada”, sendo relativamente flexível (p. 105);
- c) Todas as dimensões do território aplicam-se ao conceito de territorialidade. Assim, a territorialidade pode ser política (diretamente ligada a quem influencia e possui o território), econômica (ligada ao uso da terra) e cultural (através da significação do espaço) (p. 105);
- d) A territorialidade possui como características básicas a “classificação por área, uma forma de comunicação por fronteira e uma forma de controle” (p.107).

Souza (2001) ajuda a entender melhor como se constituem territorialidade e territorialidades, ao conceituar da seguinte forma

A territorialidade, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, isto é, [...] *relações de poder espacialmente delimitadas e operando sobre um substrato referencial*. As territorialidades, no plural, significam os tipos gerais em que podem ser classificados os territórios conforme suas propriedades, dinâmica, etc.: para exemplificar, territórios contínuos e territórios descontínuos singulares são representantes de duas territorialidades distintas, contínua e descontínua. Seja como for, é óbvio que, ao falar de territorialidade, [...] é, aliás, sempre uma interação entre seres humanos *mediatizada pelo espaço* (grifos do autor) (SOUZA, 2001, p. 99).

Outro conceito similar é o de geograficidade, interpretado por Costa (2010) como as tendências que fazem as pessoas se sentirem confortáveis, ligadas e identificadas com o espaço, a partir do envolvimento do grupo a qual pertencem com este espaço. Corrêa (2010)

completa que a geograficidade envolve tudo aquilo que é lembrado, imaginado e contemplado, seja material ou imaterial, real ou desejado, do todo ou de uma porção, vivido ou projetado.

A palavra “territorialidade”, como qualidade de ser território e envolver o sentimento de pertencimento, ajuda a compreender melhor o que é este conceito para a geografia, ajudando a diferenciá-lo de espaço, paisagem ou região. Sobre isso, Heidrich (2009) completa

[...] o território e a territorialidade consistem em expressão geográfica que não são simples ocorrências, posição ou distribuição de objetos no espaço. Não é simplesmente paisagem. Trata-se da ocorrência pertinente a ação. Ação que permite fixação, separação, uso, posse. Elas são o elo entre o ator e o objeto, resultam nas marcas objetivadas pela busca do domínio sobre o espaço (HEIDRICH, 2009, p. 274-275).

Haesbaert (2010) reúne outros conceitos de territorialidade. Há o território semantizado de García, em que tudo que está presente possui significado cultural ou social; para Bonnemaïson e Cambrèzy, o território é um construtor de identidade, podendo ser o mais importante de todos. Pode-se, aqui, inserir o conceito de “territorialidade religiosa”, definido por Rosendahl como “conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos no sentido de controlar um dado território” (ROSENDAHL, 2010, p. 195). Ao analisar todos estes conceitos, desde o político até o simbólico-cultural, HAESBAERT (2010) afirma

Poderíamos dizer que o território, enquanto relação de dominação e apropriação sociedade-espaço, desdobra-se ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais “concreta” e “funcional” à apropriação mais subjetiva e/ou “cultural-simbólica”. Embora seja completamente equivocado separar estas esferas, cada grupo social, classe ou instituição pode “territorializar-se” através de processos de caráter mais funcional (econômico-político) ou mais simbólico (político-cultural) na relação que desenvolvem com os “seus” espaços, dependendo da dinâmica do poder e das estratégias que estão em jogo. Não é preciso dizer que são muitos os potenciais conflitos a se desdobrar dentro desse jogo de territorialidades. [...] Territorializar-se, desta forma, significa criar mediações espaciais que nos proporcionem efetivo “poder” sobre nossa reprodução enquanto grupos sociais (para alguns também enquanto indivíduos), poder este que é sempre multiescalar e multidimensional, material e imaterial, de “dominação” e “apropriação” ao mesmo tempo (HAESBAERT, 2010, p. 96-97).

De acordo com Haesbaert (2010), o termo “territorialização” já está presente nos grandes dicionários, como o *Oxford English Dictionary*, além do francês *Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés*, definido como “tornar territorial, situar em bases

territoriais, ou ainda associar a um território ou distrito particular” (p. 21). O autor elenca ainda as diferentes faces das territorializações que ocorrem nos diversos ambientes

- a. Territorializações mais fechadas, quase “uniterritoriais”, ligadas ao fenômeno aqui denominado de territorialismo, que não admitem pluralidade de poderes e identidades, como ocorre em algumas sociedades indígenas e como ocorria entre os talibãs afegãos e, em parte, nas propostas de resolução para os conflitos bósnio e palestino.
- b. Territorializações “tradicionais”, ainda pautadas numa lógica (relativa) de exclusividade, que não admitem sobreposições de jurisdições e defendem uma maior homogeneidade interna, como a lógica clássica do poder e controle territorial dos Estados nações, tanto daqueles moldados sobre a uniformidade cultural quanto os Estados pluriétnicos, mas que buscam diluir essa pluralidade pela invenção de uma identidade nacional comum.
- c. Territorializações mais flexíveis, que admitem ora a sobreposição (e/ou a multifuncionalidade) territorial, ora a intercalação de territórios – como é o caso dos territórios diversos e sucessivos nas áreas centrais das grandes cidades, organizadas em torno de usos temporários, entre o dia e a noite ou entre os dias de trabalho e os fins de semana.
- d. Territorializações efetivamente múltiplas, resultante da sobreposição e/ou da combinação particular de controles, funções e simbolizações, como nos territórios pessoais de alguns indivíduos ou grupos mais globalizados que podem ou se permitem usufruir do cosmopolitismo multiterritorial das grandes metrópoles (HAESBAERT, 2010, p. 342).

O foco deste estudo, assim, será o estudo das territorialidades mais flexíveis. A observação destas territorializações leva em conta a ação dos atores que promovem as atividades de relação, segregação e apropriação espacial, além dos fatores materiais que ajudam nesta ação, tais como localização e características do ambiente. Tais atividades levam à geração das “multiterritorialidades”, tão presentes no mundo contemporâneo: os imigrantes que tomam conta de uma região da cidade, as metrópoles com sua mistura de povos, realidades e situações particulares, de uma pessoa que se liga a diferentes povos através da internet.

A territorialidade se dá através de diversas formas. Nas cidades, pode-se apontar três tipos. A toponímia, que indica significado dos nomes de rios, montanhas, cidades, bairros e logradouros, traz um significado político-cultural, seja a oficial, indicada através por documentos, ou a informal, que vem através da tradição popular. Tais nomeações, por vezes, estão sobrepostas (CORRÊA, 2010).

Outra indicação da territorialidade nas cidades é a produção de formas simbólicas nas cidades, definidas como bens e serviços com conteúdo emocional e intelectual, tais como

formas arquitetônicas ou centros turísticos. A terceira forma é a interpretação da paisagem urbana, produto do trabalho social, impregnada de ações sociais e conflitos (CORRÊA, 2010).

Heidrich (2009) fala que nas cidades ocorrem “microterritorialidades”, efêmeras e dependentes das situações em que a região se apresenta: horário, população presente, objetos disponíveis.

A microterritorialidade [...] é aquela que frequentemente se expressa na efemeridade, em que o domínio depende do corpo, da presença e se confunde com a ocupação. Não havendo ocupação, a territorialidade se desfaz, porque não há uso. Mas enquanto está ativa o que faz o fato ser territorial é uma extensão vinculada à presença, comunicada pela expressão do comportamento (HEIDRICH, 2009, p. 275).

Com a ênfase da aproximação da natureza, as praças são exemplos de locais nas cidades em que a “contextualização territorial” acontece. A territorialização, aqui descrita, ocorre das mais diversas formas, e fatores como localização, oferta de equipamentos, comportamento das pessoas (tratamento, linguagem, vestimenta), existência de comércio formal e/ou informal, entre outros, favorecem a formação, consolidação e desintegração de territórios nestes locais. As praças podem representar pontos de convergência ou de divergência de diversas territorializações.

Outro fator que implica na formação de territorializações está relacionado às sensações que o local proporciona, às experiências boas e ruins. As experiências boas, envolvendo laços afetivos, aprendizagem, identificação, favorecem a formação do território. Por outro lado, as experiências desagradáveis, envolvendo medo, rejeição, raiva, levam à segregação do território. Os conceitos de topofilia (sensações e lembranças agradáveis que remetem a um determinado local) e topofobia (lugares que remetem a lembranças ruins) relatados por Bachelard e Tuan ajudam a compreender isto (COSTA, 2010).

Assim, para delimitar os territórios presentes nas praças urbanas não se pode seguir o mesmo roteiro dos territórios formais, demarcados política-administrativamente, mas sim a apropriação simbólica que envolve subjetivismos. MAIA (2010) explica que

Os territórios que surgem na escala da cidade (de prostituição, do tráfico, do jogo do bicho, de torcidas, de “bacanas”, etc.) jamais podem ser analisados da mesma maneira que se analisaria a demarcação de território pelo Estado, suas estratégias de segurança, seus mecanismos de poder, os processos que se utiliza para tal.

Falar em territorialidade no contexto citadino requer, assim, a referência a elementos e processos capazes tanto de promoverem a distinção e a criação de identidade(s) entre indivíduos e grupos (ou “tribos”) quanto de torna-los capazes de demarcarem, entre si, áreas de influência, limites, barreiras nem sempre visíveis na sua imediaticidade (MAIA, 2010, p. 122).

Como local de criação e distinção destas realidades, o estudo das territorialidades das praças requer uma atenção diferente. Assim como em outras áreas destinadas à convivência urbana, tais como bares e shopping centers, as praças constituem-se um cenário para a demarcação de inúmeros territórios, por vezes sobrepostos e imediatos, mas que possibilitam analisar as relações dos habitantes citadinos. As praças ainda oferecem a vantagem de serem públicas, de livre acesso, permitindo o tráfego de diversas camadas da população.

Pode-se afirmar que as praças trazem em seu arranjo o conceito de território, especialmente a dimensão simbólica-cultural definida por Haesbaert (2010), em que o território é visto como “apropriação simbólica de um grupo em relação ao espaço vivido” (p. 40). Embora as praças não possuam um “dono”, um “proprietário” legalmente definido, observa-se neste espaço relações de poder em grande parte transitórias e efêmeras, seja pelo vendedor ambulante que faz da praça o seu ponto de venda, seja do casal de namorados que transforma o parque em local de encontro. São estas territorialidades, as “qualidades de ser território” (HAESBAERT, 2010, p.74) que merecem atenção, já que contribuem para a importância cultural e social das praças nos espaços urbanos e oferecem uma amostra da trama de relações presentes nas cidades em um local aparentemente limitado, mas rico em significados.

Capítulo 2

METODOLOGIA

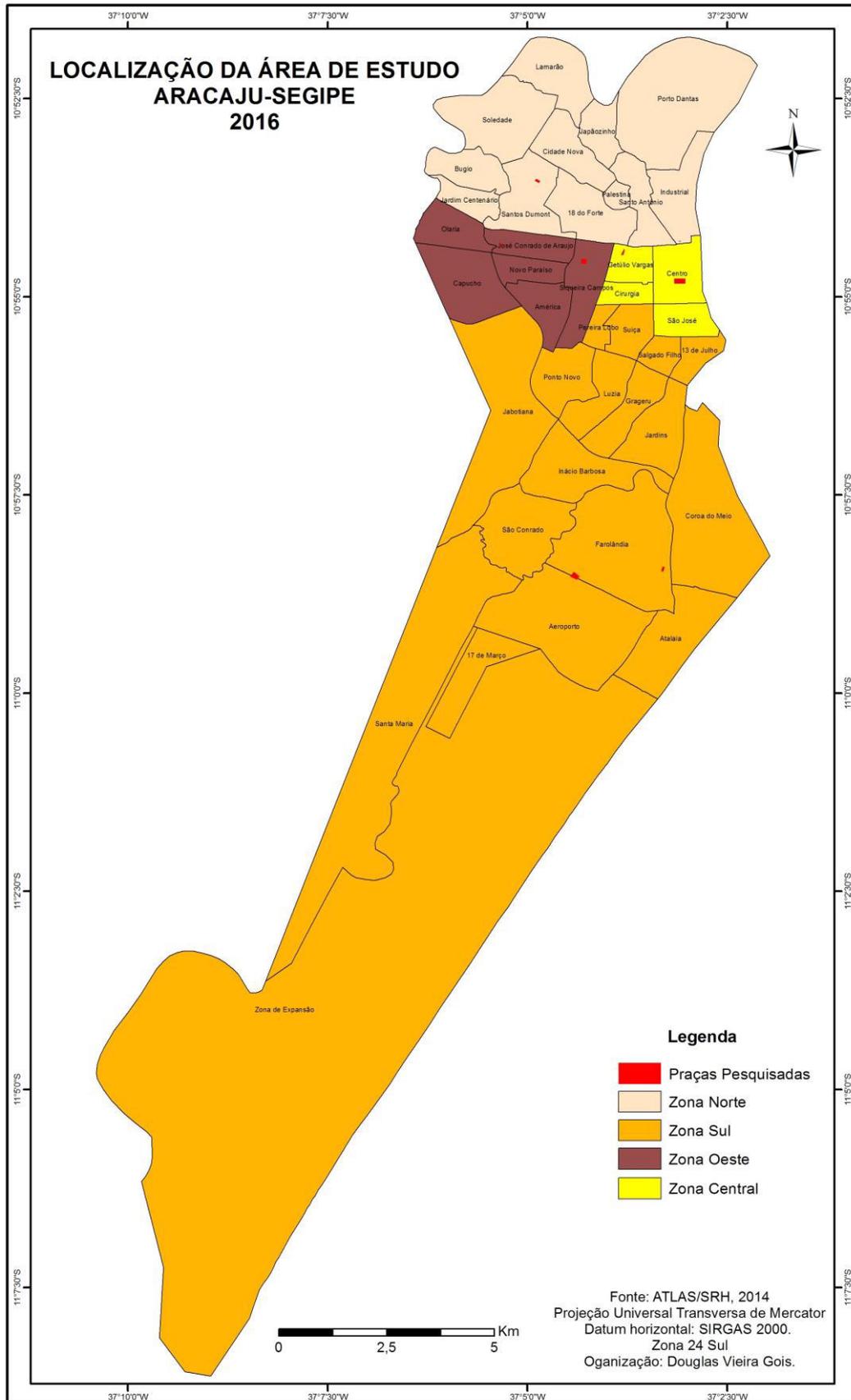
**Descrevendo os caminhos para chegar às territorialidades das
praças**

3 METODOLOGIA: Descrevendo os caminhos para chegar às territorialidades das praças

3.1 Área de estudo

A pesquisa foi realizada no município de Aracaju (Figura 02), Capital do Estado de Sergipe, localizada na Região Nordeste do Brasil, entre as coordenadas geográficas de Latitudes 11°09'50.65" e 10°51'19.74" Sul e Longitudes 37°10'35.73" 37°01'45.83" Oeste, limitando-se com os municípios de Nossa Senhora do Socorro ao Norte e Oeste, ao Sul com São Cristóvão e a Leste, com o Rio Sergipe e o Oceano Atlântico. A cidade possui população estimada de 623.766 habitantes em 2014, distribuída em uma área de 181,857 km². A densidade demográfica é de 3140 habitantes por km², sendo assim a cidade mais populosa e povoada do Estado (IBGE, 2014).

Figura 02 - Localização da área de estudo, com a indicação das praças analisadas



Fonte: GÓIS (2016)

De acordo com a base de dados da Secretaria Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão de Aracaju, a cidade possui 157 praças. Porém, de acordo com trabalho desenvolvido por Santos em 2013, 28 praças não foram construídas ou foram completamente impermeabilizadas. Já outras 21 praças não estão classificadas na base de dados da Prefeitura e/ou não estão identificadas, mas são identificadas pela comunidade ao redor como tal. Assim, efetivamente, a cidade possui 150 praças, ocupando cerca de 0,5% da área urbana de Aracaju (SANTOS, 2013).

Para analisar as diferentes territorialidades nas praças de Aracaju, optou-se por dividir a cidade em zonas: Zona Norte, Zona Sul, Zona Central e Zona Oeste. A divisão dos bairros por zonas foi realizada da seguinte forma, adaptada de Gois, Figueiredo e Melo e Souza (2013):

- a) **Zona Norte:** Porção da cidade que comporta os bairros situados nas regiões mais elevadas da cidade, onde se situa a Área de Proteção Ambiental (APA) Morro do Urubu, além de regiões de mangue próximas ao Riacho do Cabral e Rio do Sal, fronteira com o município de Nossa Senhora do Socorro. Predominantemente, nesta zona vive a população de baixa a média renda (de 1 a 6 salários mínimos), com presença de pequenos pontos de comércio, tais como mercadinhos, lojas de roupas e farmácias. Comporta os seguintes bairros: Porto Dantas, Lamarão, Cidade Nova, Soledade, Palestina, Bugio, Santos Dumont, Jardim Centenário, 18 do Forte, Santo Antônio e Industrial.
- b) **Zona Sul:** Zona mais heterogênea da cidade, compreende os bairros mais ricos (Jardins e 13 de Julho) e mais pobres da cidade (Santa Maria). Ainda possui intensa especulação imobiliária, principalmente na Zona de Expansão e na Jabotiana. Caracteriza-se por ser a zona mais próxima do litoral aracajuano, onde se situam as praias e os principais pontos turísticos da cidade, tais como a Passarela do Caranguejo e a Orla de Atalaia. Possui os seguintes bairros: Salgado Filho, 13 de Julho, Suíssa, Pereira Lobo, Luzia, Grageru, Jardins, Ponto Novo, Inácio Barbosa, Coroa do Meio, Atalaia, Jabotiana, Farolândia, Aeroporto, Santa Maria e Zona de Expansão.
- c) **Zona Central:** Única porção da cidade que mantém a base do “tabuleiro de xadrez”, desenho utilizado pelo arquiteto Sebastião José Basílio Pirro para o arruamento da cidade. É uma zona predominantemente comercial, com presença

ainda de clínicas, bancos e escolas, limitando-se com o Rio Sergipe. Nesta zona situam-se prédios históricos tais como o Palácio Museu Olímpio Campos (sede anterior do governo do Estado), Centro Cultural de Aracaju (antiga sede da Alfândega) e Museu da Gente Sergipana (antiga sede da Secretaria de Estado da Educação). Compreende o Centro, São José, Cirurgia e Getúlio Vargas.

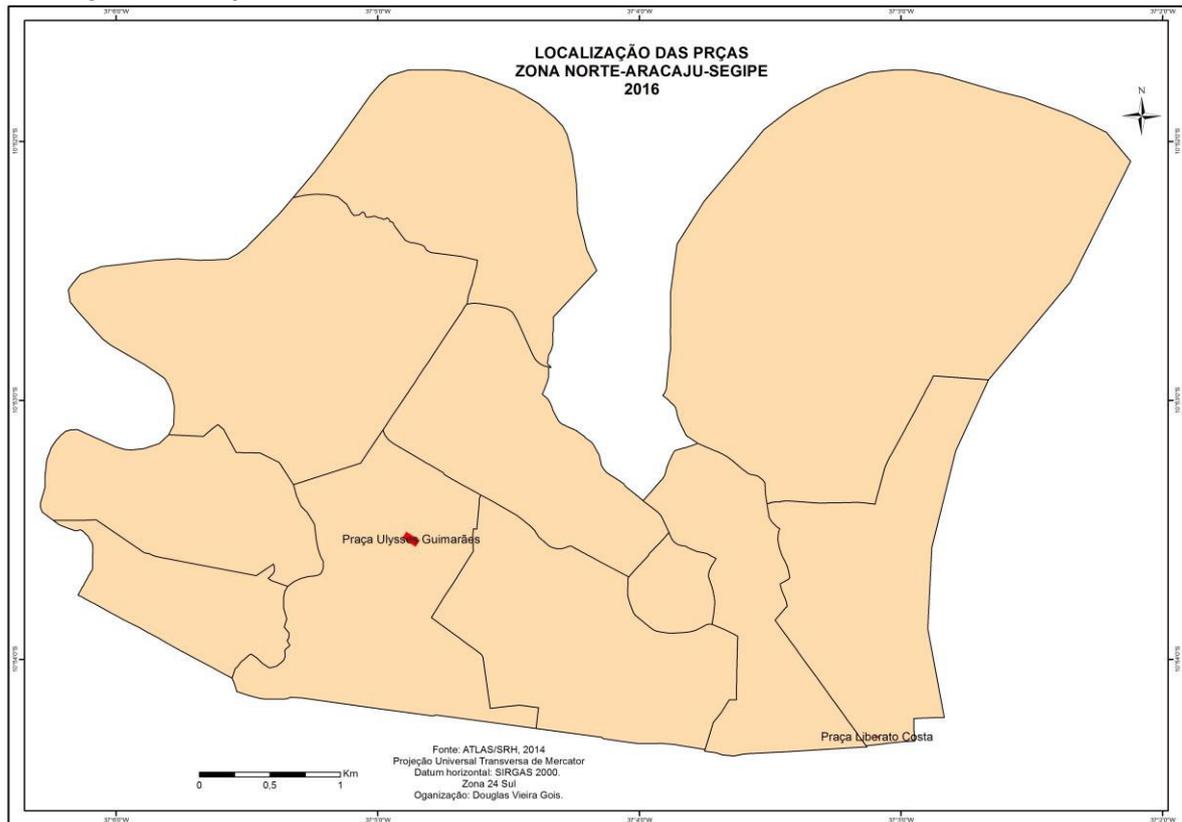
- d) Zona Oeste:** Zona diretamente ligada ao seu bairro principal, o Siqueira Campos, construído no final da década de 1950 e conhecido popularmente como “segundo Centro” de Aracaju. Contém população de baixa a média renda (de 1 a 6 salários mínimos). De forma análoga à zona central, também possui diversos pontos de comércio, além do Centro Administrativo da Capital, sede de diversos órgãos públicos. Porém, é uma zona predominantemente residencial. Compreende os bairros Siqueira Campos, Novo Paraíso, América, Capucho, Olaria e José Conrado de Araújo.

A escolha das praças foi realizada através de observação simples, realizada entre os meses de março a novembro de 2014, em dias aleatórios, nos períodos matutino e vespertino. Vale ressaltar que esta divisão em quatro zonas difere da utilizada pelo Plano Diretor, já que esta não leva em consideração apenas os critérios de uso e ocupação do solo, mas também as condições socioeconômicas e fatores ambientais presentes nos bairros. De cada zona, foram escolhidas duas praças, a mais frequentada e a menos frequentada, como vê-se a seguir:

a) Zona Norte (Figura 03)

- Mais frequentada: Praça Ulysses Guimarães (Bairro Santos Dumont)
- Menos frequentada: Praça Liberato Costa (Bairro Industrial)

Figura 03 – Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Norte

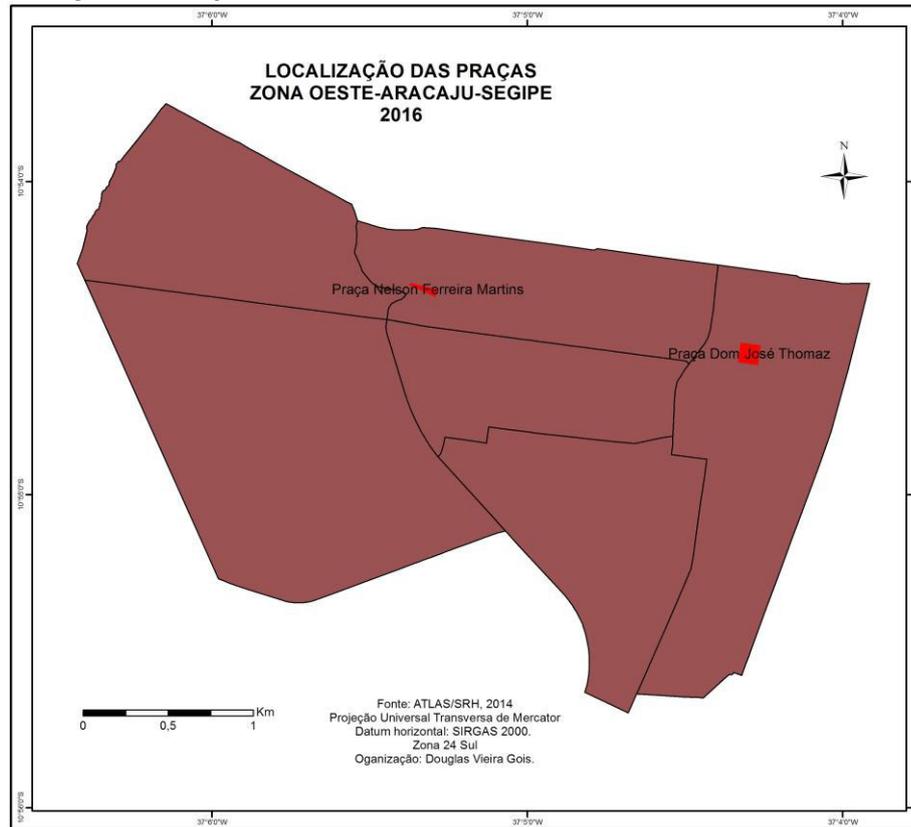


Fonte: GOIS, 2016

b) Zona Oeste (Figura 04)

- Mais frequentada: Praça Dom José Thomaz (Bairro Siqueira Campos)
- Menos frequentada: Praça Nelson Ferreira Martins (Bairro José Conrado de Araújo)

Figura 04 - Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Oeste

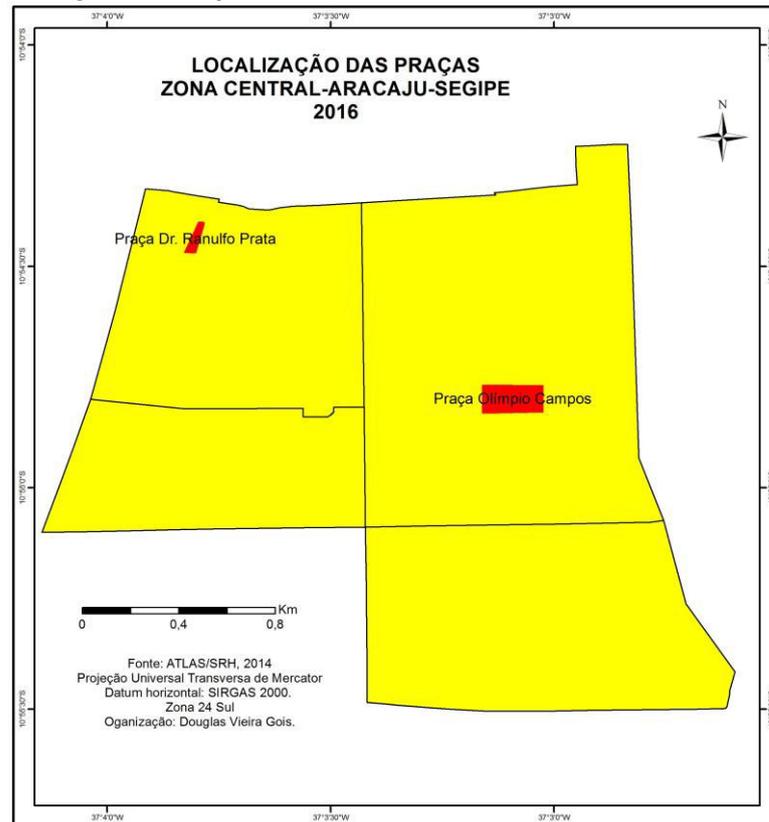


Fonte: GOIS, 2016

c) Zona Central (Figura 05)

- Mais frequentada: Praça Olímpio Campos (Centro)
- Menos frequentada: Praça Doutor Ranulfo Prata (Bairro Getúlio Vargas)

Figura 05 - Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Central

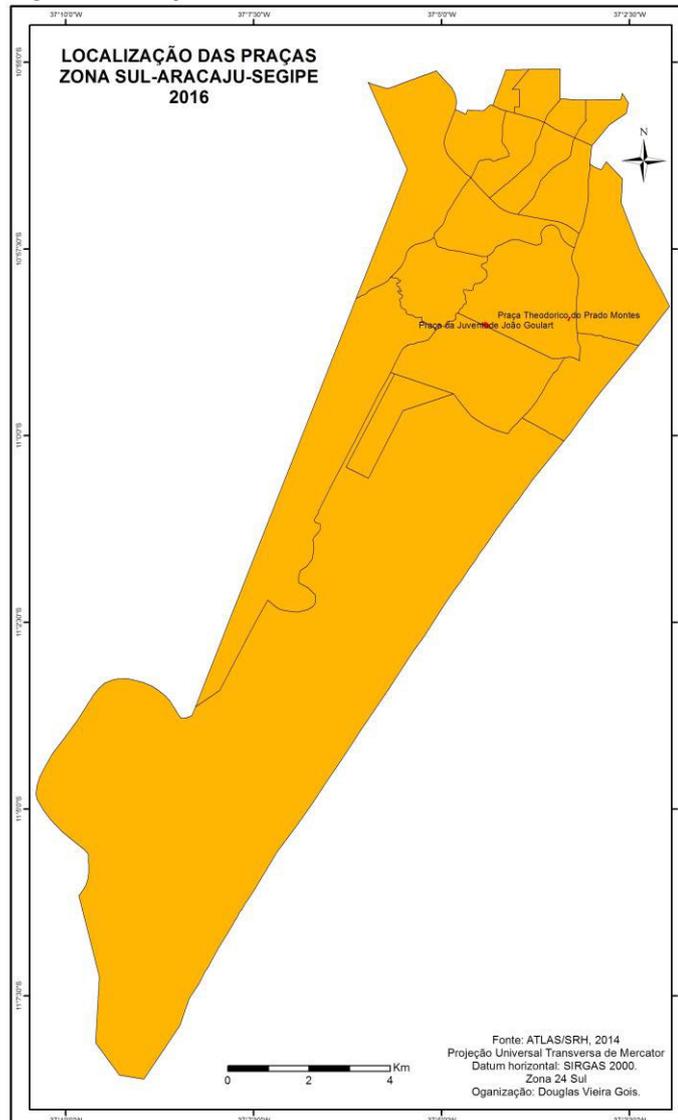


Fonte: GOIS, 2016

d) Zona Sul (Figura 06)

- Mais frequentada: Praça Presidente João Goulart (Conj. Augusto Franco)
- Menos frequentada: Praça Theodorico do Prado Montes (Bairro Farolândia)

Figura 06 - Praças analisadas no estudo localizadas na Zona Sul



Fonte: GOIS, 2016

Das praças pesquisadas, duas se classificam como praças de vizinhança I e seis se classificam como praças de vizinhança II, de acordo com a divisão estabelecida pelo Plano Diretor, conforme descrito no Quadro 01:

Quadro 01: Descrição das praças analisadas na pesquisa, de acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju

Tipo de Praça	Descrição	Praças
Praça de Vizinhança Tipo I	Áreas de até 3.999 m ² ; Admite-se banca de jornais e/ou revistas ou quiosque de lanche na praça, limitado a um único equipamento, seja de que tipo for; Equipamentos para prática de jogos e parque infantil; 50% da área deverá ser arborizada numa relação mínima de 1 árvore a cada 16,00 m ² ; Raio de atendimento: até 700m	Liberato Costa e Nelson Ferreira Martins.
Praça de Vizinhança Tipo II	Áreas entre 4.000 e 29.999 m ² ; Bancas de jornal e/ou revistas e quiosques de lanches em praças, na proporção de uma unidade, independentemente de seu uso, para cada 4.000 m ² de área de praça; Equipamentos para prática de jogos, esporte, ginástica, parque infantil; 50% da área deverá ser arborizada numa relação mínima de 1 árvore a cada 16,00 m ² ; Raio de atendimento: até 1400m.	Olímpio Campos, Ulysses Guimarães, Dom José Thomaz, da Juventude, Dr. Ranulfo Prata, Theodorico do Prado Montes.

Fonte: Lei Complementar 042/2000, adaptado por SANTOS (2016)

Nestas oito praças, foi analisado, em diferentes momentos e dias da semana, como as relações efêmeras e transitórias da cidade se fazem presentes. Para isso, foi utilizada a matriz quali-quantitativa das praças, além das entrevistas com moradores e frequentadores, utilizando os métodos descritos a seguir.

3.2 Paradigma e Natureza da Pesquisa

A observação de territorializações foi realizada de forma a analisar as ações dos atores que promovem a relação, segregação e apropriação do espaço, assim como a própria materialidade da territorialização, através das características presentes nas praças, tais como localização, agentes empreendedores, equipamentos da praça, ação de órgãos públicos e da sociedade civil e presença de comércio (COSTA, 2010).

Para avaliar melhor a formação de territorializações, a pesquisa se utilizou do método hipotético-dedutivo. De acordo com MARCONI e LAKATOS (2003), tal método, criado por Popper no início do século XX, consiste em partir de um problema, oferecendo uma solução

paliativa, que por sua vez dá origem a um novo problema. Em outras palavras, relacionando a formação de territórios com o método indicado por Popper, as territorialidades surgem a partir de uma dada expectativa, sobre a qual será elaborada uma conjectura (ou nova teoria), a ser submetida a novas observações (ou seja, aos testes de falseamento).

Por entender que a formação de territórios depende de diversos fatores, aos quais podem ser contestados, refutados e novamente afirmados, o método hipotético-dedutivo mostrou-se como o mais adequado, já que pressente que as territorialidades consistem em um processo contínuo, com margens a novos problemas, conjecturas e refutações (MARCONI; LAKATOS, 2003).

A pesquisa é do tipo descritiva, já que a formação de territorialidades exige um conhecimento prévio do pesquisador para relatar, de forma mais fidedigna possível, quais são os fatores que levam à formação de territórios nas praças (TRIVIÑOS, 2006). Assim, se fez necessário levantar dados sobre a praça, os equipamentos presentes, os moradores do entorno e seus frequentadores.

Para isso, a pesquisa foi realizada com levantamento bibliográfico, coleta de dados em campo e catalogação dos resultados. O levantamento bibliográfico visa embasar a pesquisa de campo, utilizando referências da literatura científica, tais como livros, artigos e páginas da internet, que ajudaram na compreensão de como funciona as concepções de espaço, território e territorialidade nas praças aracajuanas, além de auxiliar na discussão dos resultados, visando confirmar ou refutar a hipótese proposta.

A coleta de dados, fase concomitante ao levantamento bibliográfico, foi realizada em três fases. A primeira, efetuada entre os meses de março e novembro de 2014, refere-se à observação simples durante a manhã e à tarde das praças de Aracaju, a fim de verificar quais são as mais e menos frequentadas em cada zona da cidade. A divisão por zonas e a escolha das praças mais e menos frequentadas visou identificar quais os fatores que determinam a apropriação simbólica das praças, como se relacionam os equipamentos presentes na praça com seus usos e quais fatores são relevantes na utilização ou não das praças. A escolha de praças situadas em diferentes zonas da capital sergipana pretendeu ainda analisar a ocorrência das territorialidades, descrevendo como este fenômeno ocorre na capital sergipana.

A segunda fase da coleta de dados, realizada nas oito praças escolhidas como objeto de estudo, consistiu na aplicação de uma matriz quali-quantitativa de avaliação das praças

(Apêndice A), construída a partir de metodologia proposta por DE ANGELIS *et al.* (2004). De acordo com estes autores, efetuar uma avaliação das praças baseada em sua estrutura física e no seu uso permite realizar um levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação completa das praças, permitindo a construção e consolidação de subsídios para seu planejamento. Além disso, tal matriz permite caracterizar cada uma das praças do estudo, proporcionando uma análise mais detalhada da praça e avaliando cada um dos elementos que a constituem, proporcionando assim relacionar equipamentos com o seu uso, retomando o conceito de espaço abordado anteriormente. Para isso, os aspectos quali-quantitativos das praças serão divididos em três tipos, assim descritos:

a) Aspectos físicos: Descrevem os elementos inseridos na praça a fim de oferecer conforto aos usuários e melhor infraestrutura. Foram analisados estado de conservação e presença destes elementos. São estes: bancos (quantidade, bancos sombreados e não sombreados), lixeiras (seletivas e convencionais), tipo de iluminação, sanitários, ponto de ônibus, bebedouros, comércio, estacionamento e existência de equipamentos de lazer.

b) Aspectos culturais e de lazer: São ligados aos equipamentos inseridos para a realização de atividades recreativas e exercícios físicos, além de elementos característicos, próprios de cada praça, tais como monumentos, estátuas e bustos.

c) Aspectos ambientais: Relacionados aos elementos destinados a oferecer conforto térmico para a praça (exceto a vegetação), tais como chafariz, fontes e lagoas, além do tipo de pavimentação utilizado nos passeios da praça.

Para auxiliar na aplicação da matriz, foram utilizadas fotografias das praças em diversos momentos do dia, procurando ilustrar a arquitetura da praça e os equipamentos presentes. Tais instrumentos permitiram apurar a observação da pesquisadora, visando melhorar a visualização de fenômenos que propiciem a visualização da formação de territórios e territorialidades

As observações podem variar das atividades de coleta de dados formais às informais. Mais formalmente, os instrumentos observacionais podem ser desenvolvidos como parte do protocolo (...), e o pesquisador de campo talvez seja solicitado a investigar a ocorrência de determinados tipos de comportamento durante alguns períodos de tempo no campo (YIN, 2010, p.136)

Na terceira fase de coleta de dados, pretendeu-se realizar 20 entrevistas semiestruturadas, sendo 10 entrevistas com moradores (Apêndice B) e 10 frequentadores entrevistados (Apêndice C), em cada uma das praças estudadas, totalizando 160 entrevistas. Porém, nas praças Theodorico do Prado Montes, Dr. Ranulfo Prata e Liberato Costa não foi possível realizar as entrevistas, já que não havia moradores e frequentadores a ser abordados e/ou utilizando a praça. Assim, de fato, foram aplicadas 100 entrevistas nas praças Olímpio Campos, Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães, da Juventude e Nelson Ferreira Martins. Optou-se por realizar metade das entrevistas durante a semana (segunda a sexta-feira) e outra metade durante os finais de semana (sábado e domingo). As entrevistas tiveram por objetivo conhecer a opinião dos moradores sobre as praças, frequência de visitação, vantagens e desvantagens a partir de seu ponto de vista, a fim de verificar como a população do entorno e seus frequentadores se relaciona com a praça. Além disso, no guia de entrevista foi descrito o perfil sociocultural do entrevistado. O público das entrevistas foi escolhido de acordo com os usos observados na praça durante as observações preliminares, realizadas no mês de agosto de 2015. As entrevistas foram aplicadas durante os meses de agosto e setembro de 2015, conforme cronograma descrito no Apêndice E.

O Quadro 02 descreve resumidamente o perfil sociocultural dos 100 entrevistados durante a terceira fase de coleta de dados da pesquisa:

Quadro 02: Perfil geral dos entrevistados das praças analisadas

Idade ³	Durante a semana				Finais de semana			
	18-25 anos	26-39 anos	40-59 anos	Acima de 60	18-25 anos	26-39 anos	40-59 anos	Acima de 60
	8	14	15	10	3	21	17	9
Sexo	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino	
	31		19		28		22	
Grau de Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Ensino Superior Incompleto	Ensino Superior Completo		
	14	12	15	36	7	13		

Fonte: Pesquisa de campo (2015)

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), enquanto técnica de investigação social, a entrevista é utilizada para averiguação, determinação das opiniões, sentimentos e anseios,

³Dois entrevistados da Praça Olímpio Campos e um entrevistado da Praça Dom José Thomaz preferiram não revelar a idade e o grau de escolaridade.

além de listar os motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas adotadas pelo entrevistado. Nesta pesquisa, a entrevista pretendeu inferir dos entrevistados que formas de relação são mantidas com a praça e de quais instrumentos os entrevistados, sejam moradores ou frequentadores, utilizam para estabelecer a formação de territórios e territorialidades.

Para isso, foi feita análise de conteúdo, seguindo os passos sugeridos por Bardin (2011), que consiste em partir dos elementos particulares e reagrupa-los sistematicamente por aproximação de elementos semelhantes. O cruzamento destas informações permitiu a demarcação dos territórios constituintes das praças utilizadas no estudo.

A análise de conteúdo possui uma função heurística: enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta. É a análise de conteúdo “para ver o que dá”.

Também pode possuir uma função de administração da prova. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias, servindo de diretrizes, apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma afirmação. É a análise de conteúdo “para servir de prova”. (BARDIN, 2011, p 31).

A escolha da análise de conteúdo deu-se porque é um método que possibilita exprimir os sentimentos dos entrevistados quanto ao local em estudo. Ao ouvir o que o entrevistado pensa sobre a praça, a sua visão daquele local como frequentador, é possível inferir que tipo de relação é estabelecida com a praça, além de elencar quais são os elementos necessários para estabelecer tal relação (equipamentos da praça, demais frequentadores, localização, presença de comércio, entre outros). A autora explica o método da seguinte forma

Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orchestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjetividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz “Eu”, com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afetividade e a afloração do seu inconsciente. E ao dizer “Eu”, mesmo que esteja a falar de outra pessoa ou de outra coisa, explora, por vezes às apalpadelas, uma certa realidade que se insinua através do “estreito desfiladeiro da linguagem”, da sua linguagem, porque cada pessoa serve-se dos seus próprios meios de expressão para descrever acontecimentos, práticas, crenças, episódios passados, juízos... (BARDIN, 2011, p 89-90).

Utilizando as três ferramentas descritas acima (levantamento bibliográfico, utilização da matriz quali-quantitativa e entrevistas com moradores e frequentadores), pretendeu-se relacionar quais territórios são formados nas praças aracajuanas. Tal metodologia possui a finalidade de listar os territórios formados nas praças, identificar em quais praças os territórios ocorrem e quais são os elementos que norteiam a identificação e permanência destes territórios. Além disso, a partir dos conceitos discutidos anteriormente sobre espaço, território e territorialidade, procurou-se aliar o conhecimento teórico já consolidado com a realidade presente nas praças aracajuanas.

Portanto, a pesquisa é de caráter qualitativo, já que necessitou de maior aprofundamento sobre as questões colocadas para os entrevistados, analisando de forma específica cada um dos discursos, relacionando ao seu perfil e à praça ao qual se refere. Além disso, a pesquisa pretendeu avaliar a influência do ambiente sobre os entrevistados, e verificar a influência do comportamento sobre a formação de territorialidades. Assim, a partir dos resultados obtidos na observação das praças e na aplicação das entrevistas, foram verificados os tipos de territórios formados nas praças, descrevendo como são formados e em quais praças estão presentes.

Capítulo 3

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Desvendando as territorialidades das praças arcajuanas

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: Desvendando as territorialidades das praças aracajuanas

A dinâmica urbana é complexa e ininterrupta. As praças constituem uma amostra de como se desenha a cidade durante diferentes momentos do dia, desde o movimento de jovens e adultos seguindo para o trabalho e/ou estudo, até os mais idosos que fazem da praça ponto de encontro. Seja durante a semana, em que a praça integra-se à rotina de produção, seja durante os finais de semana e feriados, em que diversos eventos podem acontecer. Pode ocorrer que, por falta de comodidade ou segurança, as praças permanecem sem movimento durante alguns horários.

A presença e ausência de pessoas nas praças, a densidade observada e os tipos que se movimentavam se constituíram o primeiro aspecto a ser observado durante as observações iniciais da pesquisadora. A fim de melhor analisar como esta dinâmica é observada, a partir daqui serão abordados os resultados por praça, de acordo com o que foi mostrado na matriz e nas entrevistas aplicadas aos moradores e aos frequentadores.

No seguinte quadro estão resumidos os principais usos verificados nas praças constantes deste estudo, de acordo com as entrevistas aplicadas com os moradores do entorno e os frequentadores das praças. O Quadro 03 procura resumir as informações descritas pelos usuários das praças:

Quadro 03 - Relação dos usos das praças analisadas na pesquisa

PRAÇA	Atividade Física	Comércio	Eventos	Lazer	Religião	Recreação Infantil
Ulysses Guimarães	X	X	X	X	X	X
Olímpio Campos		X	X		X	
Juventude	X	X	X	X		X
Dom José Thomaz	X	X	X	X	X	X
Nelson Ferreira Martins		X		X	X	X
Theodorico do Prado Montes						
Dr. Ranulfo Prata						
Dr, Liberato Costa						

Fonte: Trabalho de campo, ago/2015

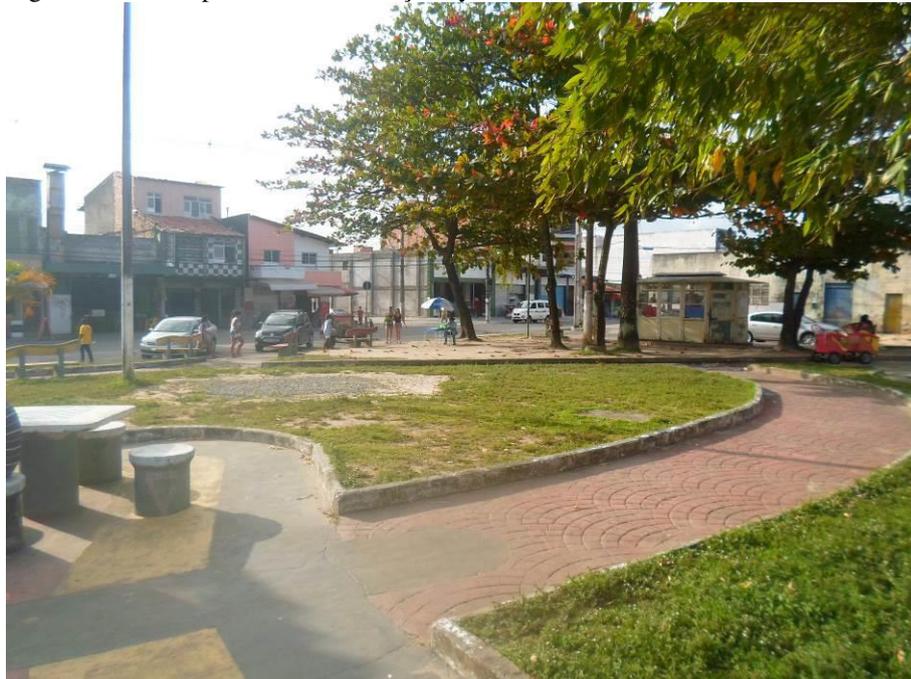
Os resultados estão descritos da seguinte forma: inicialmente, será feita uma breve descrição das praças analisadas, a partir do que foi constatado durante o levantamento bibliográfico e com a matriz quali-quantitativa. A seguir, são descritos os territórios encontrados na pesquisa, detalhando as características que formam tais territórios, as territorialidades presentes e em quais praças cada tipo de território se faz presente.

4.1 Descrição das Praças através da Matriz Quali-Quantitativa e do Guia de Entrevistas

4.1.1 Praça Ulysses Guimarães

A Praça Ulysses Guimarães (Figura 07) é considerada a praça principal do bairro Santos Dumont, um dos mais importantes da Zona Norte de Aracaju. A praça, fundada na década de 1990 e reformada mais recentemente em 2009 (ARACAJU, 2015b), de acordo com dados obtidos no site da Prefeitura de Aracaju, está localizada próxima à igreja católica do bairro (Paróquia São Francisco de Assis) e à Escola Pública de Esportes José Gerivaldo Garcia, além de estar cercada de pequenos pontos comerciais. A movimentação de pessoas na praça é intensa, especialmente no final da tarde e durante os tardes e as noites dos finais de semana, em que é observada maior permanência da população do entorno, tanto nos bancos da praça quanto nas calçadas das casas próximas.

Figura 07 - Visão panorâmica da Praça Ulysses Guimarães, Bairro Santos Dumont



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

De acordo com a matriz quali-quantitativa, o estado geral da praça é bom, com a maior parte dos bancos sombreados e em bom estado de conservação. As lixeiras, embora não sejam de coleta seletiva, estão em bom estado de conservação. A iluminação é eficiente, o que

permite o uso da praças à noite pelos visitantes. A pavimentação da praça encontra-se em ótimo estado de conservação, sem buracos e com rampas para acesso a deficientes físicos. A praça possui ainda parque infantil, em estado regular de conservação, e uma quadra em bom estado de conservação. Não há qualquer referência ou placa ao patrono da praça, deputado federal que participou da Constituinte de 1988.

A praça possui cerca de 6900 m², e é interessante observar como há diferenças de uso em pelo menos três setores. Os grafites encontrados na quadra da praça são uma homenagem a um jovem morador do bairro, morto em um afogamento enquanto surfava (F5NEWS, 2015). Os grafiteiros se fazem presentes especialmente nos finais de semana, fazendo companhia a skatistas e demais jovens, que ficam recolhidos ao setor da praça próxima à quadra, principalmente às noites (Figura 08).

Figura 08 - Setor da Praça Ulysses Guimarães onde ficam concentrados os jovens, principalmente grafiteiros e skatistas, com idades entre 16 e 24 anos



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Em outro setor da praça, situado em frente à escola pública de esportes, ficam as crianças com seus pais e parentes (Figura 09). As crianças dividem-se entre os brinquedos da praça, com estado de conservação regular, e o pula-pula disponibilizado por uma vendedora ambulante durante os finais de semana. Há ainda outro vendedor de doces, que fica na praça todos os dias, geralmente entre as 15 e as 20h.

Figura 09 - Setor da Praça Ulysses Guimarães dedicado à recreação infantil



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Um terceiro setor, que ocupa a maior parte da praça, principalmente as bordas e o setor sul da praça, é ocupado prioritariamente por homens que se encontram para conversar nos bancos, nas calçadas das casas próximas à praça e nos bares, principalmente às noites (Figura 10). Há ainda, em menor proporção, mulheres e casais que passeiam pela praça. Durante as tardes de segunda, quarta e sexta, há a Academia da Cidade, projeto da Prefeitura de Aracaju que visa à promoção de atividades físicas gratuitas em áreas públicas da cidade. Nestes momentos, a proporção de mulheres aumenta, mas não supera a quantidade de homens que visita a praça às noites.

Figura 10 - Porção da praça dedicada principalmente à prática de atividades físicas, durante o dia, e encontros à noite

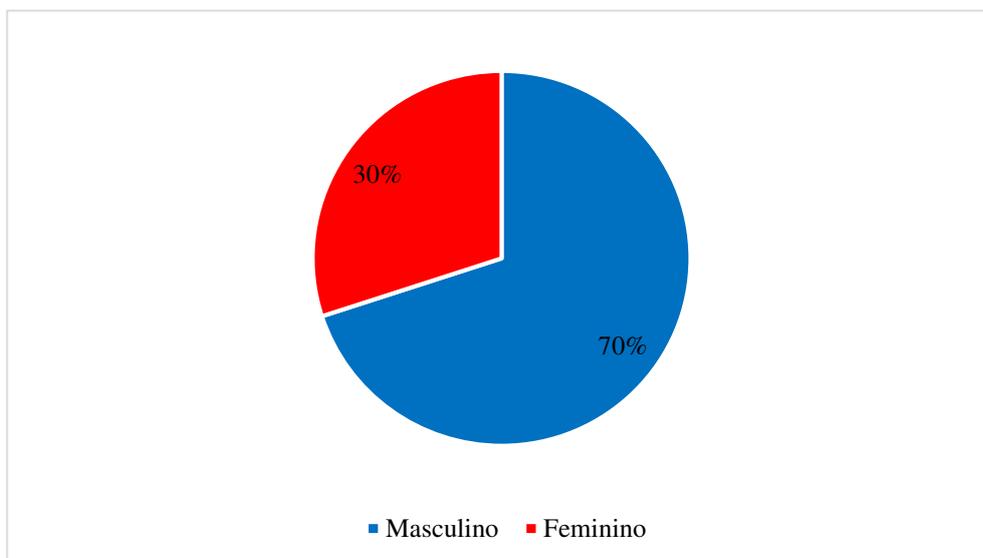


Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Visando ouvir estes diferentes públicos (jovens grafiteiros e skatistas, homens que visitam a praça à noite, mulheres que praticam exercícios às tardes, pais que levam seus filhos para passear), o perfil socioeconômico dos entrevistados está descrito nos seguintes gráficos:

Quanto ao sexo, a maior parte dos entrevistados (70%) são do sexo masculino (Figura 11). Isso se deve à maior presença deles, tanto durante a semana quanto nos finais de semana, nos bancos da praça e nos bares situados nas proximidades. As mulheres entrevistadas acompanhavam seus filhos brincando ou faziam atividade física na área de passeio da praça. Porém, tanto nos finais de semana quanto em dias úteis, a proporção de homens frequentando esta praça é significativamente maior.

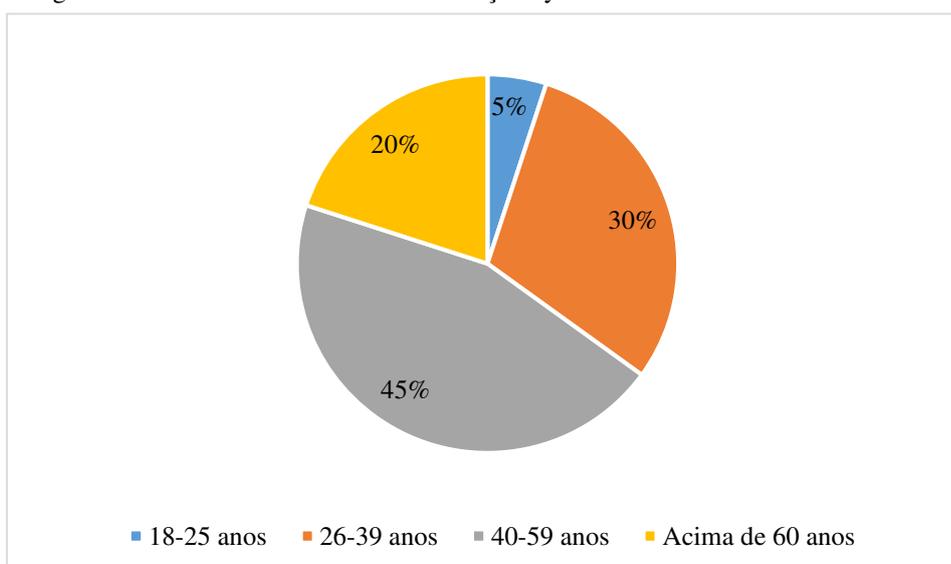
Figura 11 - Sexo dos Entrevistados da Praça Ulysses Guimarães



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Quanto à idade (Figura 12), a maior parte dos entrevistados da praça Ulysses Guimarães (75%) constitui-se em pessoas em idade economicamente ativa, dos 26 aos 59 anos. São trabalhadores ou donas de casa da região que, em sua maioria, utilizam o espaço da praça para descansar, levar os filhos para passear ou encontrar com os amigos. Os jovens até 25 anos e os idosos entrevistados utilizam a praça em porções específicas (próximo à quadra, no caso dos jovens, ou nas áreas dos bares, para os mais velhos) e em menor proporção.

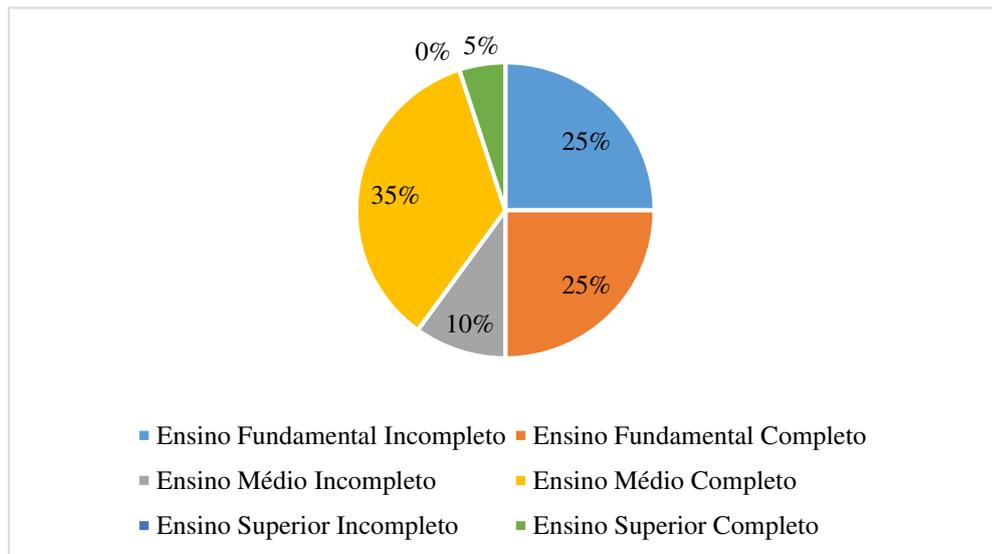
Figura 12 - Idade dos Entrevistados da Praça Ulysses Guimarães



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Por fim, quanto ao grau de escolaridade (Figura 13), quase 100% dos entrevistados possuem até o Ensino Médio Completo, de forma análoga aos moradores do bairro Santos Dumont. Isto se reflete quanto aos problemas indicados pelos entrevistados em relação à praça, em que todos citaram a questão da violência e apenas dois entrevistados indicaram o vandalismo e a necessidade de mais árvores para melhor conforto térmico da praça.

Figura 13 - Grau de Escolaridade dos Entrevistados da Praça Ulysses Guimarães



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Nas entrevistas aplicadas aos moradores e frequentadores durante a semana, foram descritos diversos usos da praça: lazer, realizar atividades físicas ao ar livre, ponto de passagem, lugar para relaxar. Como desvantagem, foi colocada a questão da violência em todas as entrevistas, sugerindo a colocação de posto policial dentro da praça. Já nas entrevistas aplicadas aos finais de semana, foi acrescentada a atividade “levar os filhos para passear” e a questão da violência e do tráfico de drogas foi mais uma vez abordada como desvantagem por todos os públicos da praça. Quase todos os moradores entrevistados foram unânimes em permanecer residindo próximo à praça, descrevendo uma série de vantagens: “local mais divertido”, “aqui o movimento é bom”, “o local é tranquilo”. Apenas um morador, entrevistado no final de semana, alegou que “de madrugada é muito perigoso”, expressando o desejo de morar em um local mais distante da praça.

Como a Praça Ulysses Guimarães é considerada pelos moradores do Santos Dumont como a principal área de lazer do bairro, nos finais de semana são realizados eventos na

quadra ou nas áreas próximas aos bancos da praça, tais como música ao vivo, aulas de aeróbica, cafés-da-manhã e distribuição de sopas. Os eventos ocorrem por iniciativa da comunidade ou de associações de moradores, como o Projeto “Praça Viva”, de acordo com os entrevistados.

4.1.2 Praça Olímpio Campos

A Praça Olímpio Campos (Figura 14) é uma das mais antigas e importantes praças da capital sergipana. Esta praça, juntamente com a Praça Fausto Cardoso, localizada no quarteirão em frente, representa o palco de um dos conflitos mais emblemáticos da História de Sergipe, entre o republicano Fausto Cardoso e o monarquista Monsenhor Olímpio Campos, no início do século XX (PRADO, 2009). A praça ainda contém alguns elementos da época, a exemplo do busto do patrono da praça e monumentos, bastante danificados, referenciando aos indígenas, primeiros moradores da região.

Situada no Centro de Aracaju, a praça contém em seu interior a Catedral Metropolitana de Aracaju, sede da Arquidiocese de Aracaju, o que a faz ser conhecida popularmente como “Praça da Catedral”. Além disso, a praça possui ainda a Galeria de Arte “Álvaro Santos”, destinada à divulgação de artistas locais, e o restaurante “Cacique Chá”, com longa tradição (hoje administrado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC). Em suas proximidades, estão ainda o Colégio Estadual Jackson de Figueiredo, a Rua do Turista (antiga Rua 24 Horas), o já desativado Parque Teófilo Dantas, a Procuradoria Geral do Estado e o Calçadão da Rua Laranjeiras, um dos principais pontos de comércio de Aracaju. Por estar próximo também ao Terminal Rodoviário Luiz Garcia (conhecido popularmente como Rodoviária Velha), a praça é ainda ponto de encontro e referência para moradores do interior do Estado que vêm à Capital.

Figura 14 - Visão panorâmica da Praça Olímpio Campos



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

O estado geral da praça, de acordo com a matriz quali-quantitativa, é considerado regular. A maior parte dos bancos está situada próxima à igreja católica; porém, em pequena quantidade para a área da praça, em estado regular de conservação. Devido à pequena disponibilidade de bancos, os usuários utilizam a calçada da Catedral para descansar, especialmente os comerciários que exercem suas atividades nas lojas próximas à praça (Figura 15). Os monumentos estão em péssimo estado de conservação, apresentando sinais de degradação e intemperismo. A praça é bem iluminada durante a noite, além de possuir um lago em seu interior, onde funcionava o antigo Parque Teófilo Dantas. Além disso, a praça possui dois pontos de ônibus e um ponto de táxi ao seu redor, o que reforça o caráter de “ponto de referência”. Outra característica marcante da praça é a quantidade e o porte das árvores: são cerca de 200 espécimes arbóreos de 30 espécies diferentes em sua área.

Figura 15 - Utilização da calçada lateral da igreja como área de descanso



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Além da igreja católica, dos órgãos públicos e do comércio intenso nas proximidades da praça, há ainda vendedores de artesanato na área da praça, que realizam suas atividades de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h, e aos sábados das 8h às 12h, cadastrados na Fundação Cultural de Aracaju (FUNCAJU). Encontram-se ainda vendedores “hippies”, que trabalham de maneira informal, próximos às barracas dos vendedores cadastrados. Na praça funcionam ainda três bares, com movimentação mais intensa durante os finais de semana. Há ainda outros vendedores ambulantes: os de água de coco, os de salgados e os de doces, que ficam geralmente próximos a um dos pontos de ônibus da praça (Figura 16). Em alguns dias, durante a semana, é possível encontrar ainda vendedores de livros usados, improvisando um “sebo” no passeio da praça. Como o Centro é um bairro predominantemente comercial, o guia de entrevistas dos moradores foi aplicado com os vendedores, adaptando as perguntas (Apêndice D).

Figura 16 - Feira de artesanato e vendedores ambulantes situados na Praça Olímpio Campos



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Nesta praça, o movimento varia bastante durante a semana e nos finais de semana. De segunda a sexta-feira, os artesãos realizam suas vendas junto a aracajuanos e turistas, trabalhadores utilizam o espaço da praça para descansar durante o horário do almoço, fieis dirigem-se à igreja durante os horários de Missa diários e confissões⁴, jovens se encontram para conversar nos bancos e nos bares da região. Enquanto o movimento do Centro da cidade e, conseqüentemente, da praça, diminui, o público muda. Saem os comerciantes e trabalhadores, ficam os moradores de rua. A movimentação de pessoas diminui drasticamente. Apenas os bares funcionam regularmente nos finais de semana, para a transmissão de jogos de futebol pela televisão ou reproduzindo músicas através de caixas de som.

Durante os finais de semana, próximo aos horários de Missa na Catedral, a praça é utilizada como estacionamento, ficando toda a porção ao redor da Igreja tomada por carros e religiosos. Tal movimentação é observada também durante os dias santos, em que acontecem procissões saindo ou chegando da Catedral, e em alguns feriados, como o caso do Dia de Independência (07 de setembro) em que, no final do desfile, a praça é tomada por espectadores que utilizam os pontos de ônibus da Praça para retornar às suas casas (Figura 17).

⁴ O termo “confissão” aqui refere-se ao sacramento da Penitência que, de acordo com o catolicismo, consiste em relatar os erros cometidos a um sacerdote a fim de obter o perdão dos pecados. Na Catedral Metropolitana, o atendimento dos fieis para confissão é realizado de terça à sexta, das 10 às 12h e das 14 às 16h.

Figura 17 - Movimento da praça durante o feriado do Dia da Independência

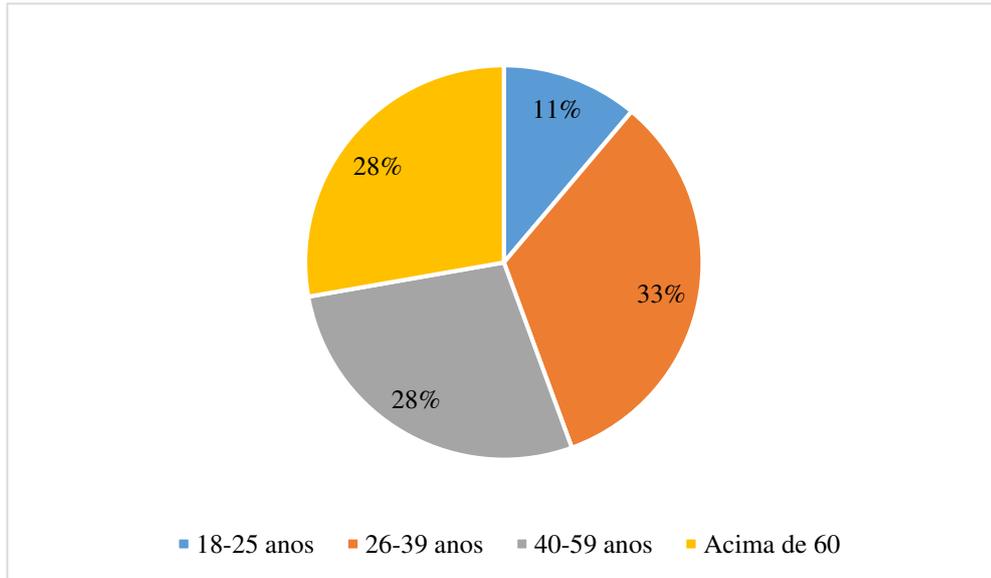


Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Assim, as entrevistas com os vendedores foram realizadas apenas durante a semana. Já as entrevistas com os frequentadores buscaram abordar as pessoas que fazem da praça como ponto de encontro, de descanso e de lazer, além de acesso à Catedral Metropolitana de Aracaju.

De forma semelhante ao que ocorre na Praça Ulysses Guimarães, a maior parte dos entrevistados (51%) é composta de pessoas acima de 26 anos (Figura 18). Porém, na Praça Olímpio Campos, foram entrevistados mais idosos e menos jovens. Todas as faixas etárias abordadas pela entrevista utilizam a praça como ponto de encontro, além de outros usos assim descritos: acesso à igreja, ponto de comércio (principalmente entre os mais velhos) ou área de descanso (para as pessoas até 39 anos, predominantemente).

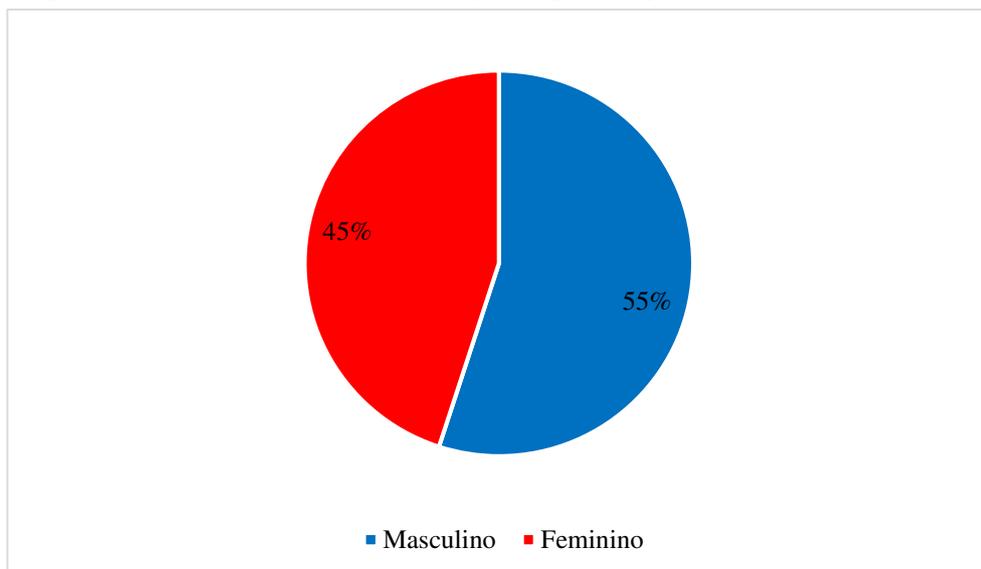
Figura 18 - Idade dos entrevistados da Praça Olímpio Campos



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Quanto ao sexo dos entrevistados, a maior parte (55%) é constituída de homens (Figura 19). Aqui, não há diferenças significativas de uso entre homens e mulheres: ambos fazem uso da praça de diferentes maneiras, como citado acima: área de descanso, acesso à igreja, ponto de comércio.

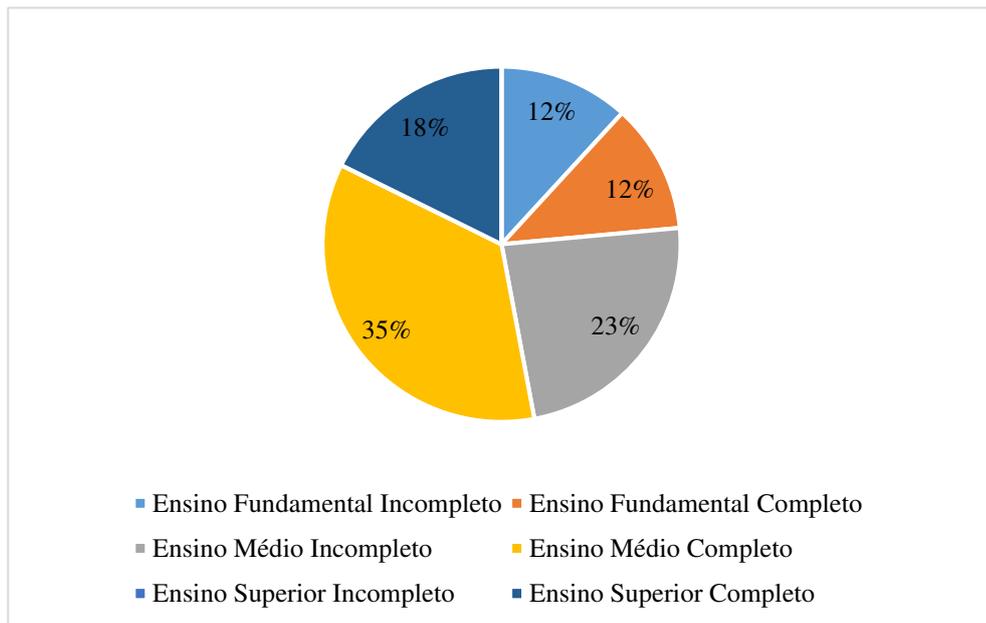
Figura 19 - Sexo dos entrevistados da Praça Olímpio Campos



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Quanto ao grau de escolaridade, quase 60% dos entrevistados possuem Ensino Médio completo ou incompleto. São comerciantes que trabalham próximo à praça ou os vendedores que fazem uso dela, cadastrados ou não (Figura 20). A atenção à parte cultural da praça (monumentos e demais elementos históricos) não foi citada nas entrevistas, sendo que os problemas mais citados foram a violência e estado de conservação da praça como um todo.

Figura 20 – Grau de Escolaridade dos entrevistados da Praça Olímpio Campos



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

A maior parte dos comerciantes entrevistados é composta por mulheres acima de 40 anos, que utilizam a praça como ponto de venda há diferentes períodos, de dois meses a 30 anos. Quanto aos frequentadores, o público é bastante variado: desde moradores do interior do Estado aguardando parentes na praça, jovens estudantes ou trabalhadores da região utilizando a praça como local de descanso, ou fiéis de passagem pela Igreja. Nos finais de semana, foram entrevistadas pessoas indo em direção à Igreja ou aos bares localizados dentro da praça. Nestes dias, os entrevistados possuíam mais de 26 anos e apenas 50% exercia algum tipo de atividade próximo à praça durante a semana. A outra metade não trabalha ou estuda no Centro da cidade, tampouco utiliza a praça regularmente entre os dias úteis.

Entre os comerciantes que trabalham na área e os frequentadores, há notáveis diferenças em relação às opiniões sobre a praça. Em comum, apenas a desvantagem relacionada à falta de segurança. Entre os vendedores, os pontos positivos estão relacionados

ao fluxo de moradores e turistas existente na praça e ao fato de a praça ser um ponto de comércio e ser o “ganha-pão” de diversas famílias. Já entre os frequentadores, as vantagens estão relacionadas à presença da Catedral (especialmente aos finais de semana, quando há maior frequência de Missas e a movimentação nos bares), à fácil localização e ponto de referência, especialmente para os moradores do interior do Estado que visitam esporadicamente a Capital sergipana e ao local de descanso de trabalhadores e estudantes. Os vendedores de artesanato, quando perguntados sobre a opção de permanecer na praça ou escolher outro ponto de venda, preferem locais como o Mercado Municipal e a Orla de Atalaia, que possuem maior fluxo de turistas. Já os ambulantes (vendedores de bebidas e doces que ficam próximos aos pontos de ônibus) escolheram permanecer na praça, devido à fácil localização e ao público cativo já presente na praça.

4.1.3 Praça da Juventude Presidente João Goulart

A Praça da Juventude foi construída em 2010, como parte do plano do Governo Federal de construir mais áreas de esporte e lazer destinadas à juventude (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2015), com quadras poliesportivas e pista de skate, tornando-se a primeira praça deste tipo e com esta denominação do país (INFONET, 2015). Assim, esta praça se tornou a principal do referido Conjunto Augusto Franco, contando ainda com um posto da Guarda Municipal em seu interior e uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA) no entorno, o Hospital Municipal Fernando Franco.

Assim como na Praça Ulysses Guimarães, a Praça da Juventude é uma das contempladas com o projeto Academia da Cidade. Além disso, possui alguns vendedores ambulantes, e nas suas proximidades, além das residências do conjunto, possui ainda uma clínica, um colégio e pequenos pontos de comércio.

Devido à construção recente da praça, de acordo com a matriz quali-quantitativa o estado geral da praça é bom, com boa distribuição de bancos e árvores. Apesar de não possuir nenhuma menção ao patrono da praça, possui um monumento que remete ao projeto “Praças da Juventude” (Figura 21). As quadras, as mesas de tabuleiro, o palco para eventos, a pista de skate e o parque infantil encontram-se em bom estado de conservação. Além disso, a praça possui um ponto de ônibus, estacionamento e um ponto de táxi.

O movimento da praça é regular durante diversos momentos do dia, intensificando-se às noites e nos finais de semana. Durante os dias da semana, além das pessoas que fazem atividade física e acompanhamento médico com a Academia da Cidade três vezes por semana (predominantemente mulheres a partir dos 40 anos), há ainda crianças com seus pais, jovens que se encontram para realizar atividades físicas espontaneamente na quadra, pessoas que aguardam notícias de parentes e amigos que estão internadas no hospital próximo e demais moradores que apenas aproveitam a área verde da praça para descansar. Já às noites e finais de semana, com a presença de vendedores ambulantes, o público da praça aumenta, concentrando-se principalmente em famílias que levam seus filhos para passear, jovens que se encontram para ouvir música e comer “espetinho”, trabalhadores que fazem seu *happy-hour* na área da praça.

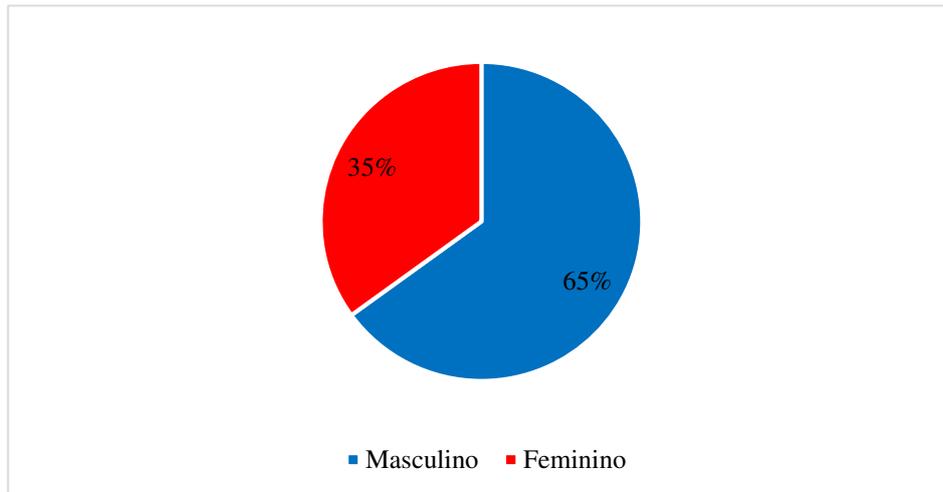
Figura 21 - Visão panorâmica da Praça da Juventude, com o ícone indicativo do projeto



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Desta forma, os públicos abordados durante as entrevistas estão assim distribuídos:

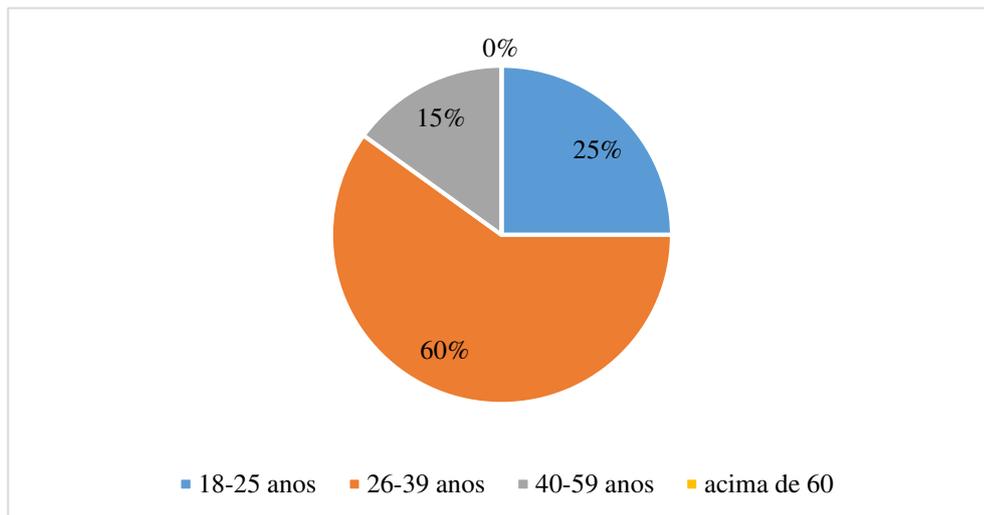
Figura 22 - Sexo dos entrevistados da Praça da Juventude Pres. João Goulart



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

A maioria dos entrevistados desta praça é do sexo masculino (Figura 22). Os homens entrevistados utilizam mais as quadras, áreas livres e os pequenos pontos comerciais situados na praça, tanto durante a semana quanto aos finais de semana. Já as mulheres entrevistadas utilizam a praça para a prática de exercícios ou para levar as crianças para passear.

Figura 23 - Idade dos entrevistados da Praça da Juventude Pres. João Goulart

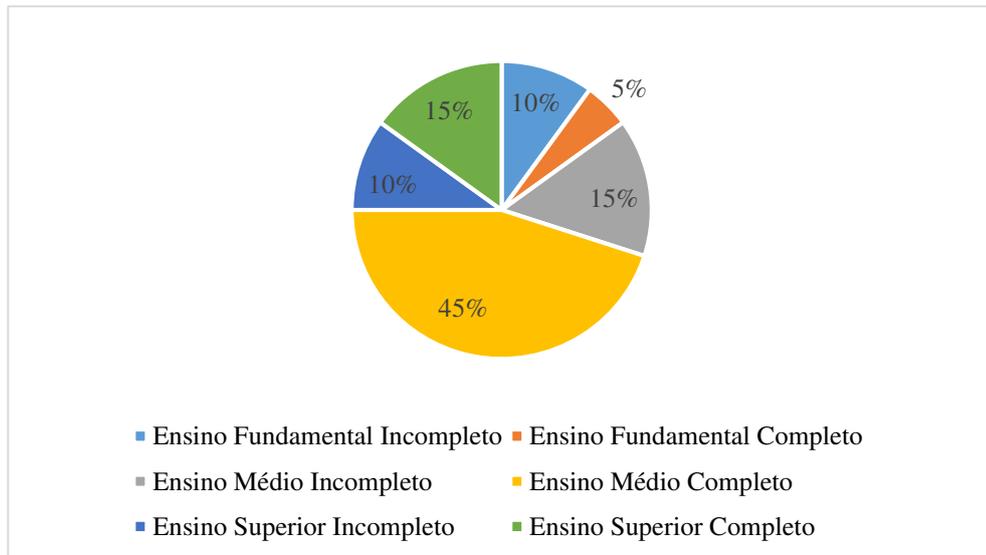


Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Quanto à idade (Figura 23), a Praça da Juventude foi que contou com mais jovens e menos idosos sendo entrevistados. A maior parte do público entrevistado compõe-se de jovens e adultos de até 39 anos. Esta praça foi a que contou com a maior porcentagem de

jovens de 18 a 25 anos entrevistados (25% do total de entrevistas feitas na praça). Entre os jovens, há as mães que levam os filhos para passear, estudantes que se encontram na praça ou praticam esportes nas quadras ou na pista de *skate*.

Figura 24 – Grau de escolaridade dos entrevistados da Praça da Juventude Pres. João Goulart



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

A maior parte do público entrevistado (55%) possui no mínimo Ensino Médio completo (Figura 24). Como nas outras praças, a questão da violência foi mais citada como problema, além de outras questões pontuais: falta de cobertura das quadras, de banheiro público e de manutenção dos brinquedos.

A praça é apontada pelos moradores e frequentadores entrevistados como área de lazer, de prática de atividades físicas, como local de encontro, de descanso e de recreação infantil. Como pontos positivos, os entrevistados destacaram o bom estado geral da praça, a presença de quadras e do Projeto Academia da Cidade, a área verde e a possibilidade de encontros oferecida pela praça. Todos os moradores do entorno entrevistados colocaram como vantagem residir próximo à praça, não manifestando o desejo de mudança para um local distante. Já como pontos negativos, relataram a falta de segurança e a presença de vândalos.

4.1.4 Praça Dom José Thomaz

A Praça Dom José Thomaz, também conhecida como “pracinha do Siqueira”, é uma das principais de Aracaju. Situada entre escolas, supermercados, farmácias e bancos, é um dos principais pontos de referência da Capital sergipana e do bairro Siqueira Campos, por estar próximo a uma das saídas da Aracaju, a Avenida Osvaldo Aranha (Figura 25). Além dos moradores e frequentadores residentes em Aracaju, a praça é utilizada por habitantes do interior do Estado que vêm realizar exames médicos nas clínicas situadas próximo à praça e por estudantes de diversos bairros da Capital e cidades vizinhas, que vêm buscar o transporte no ponto de ônibus situado na praça.

Figura 25 - Visão panorâmica da Praça Dom José Thomaz, bairro Siqueira Campos



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

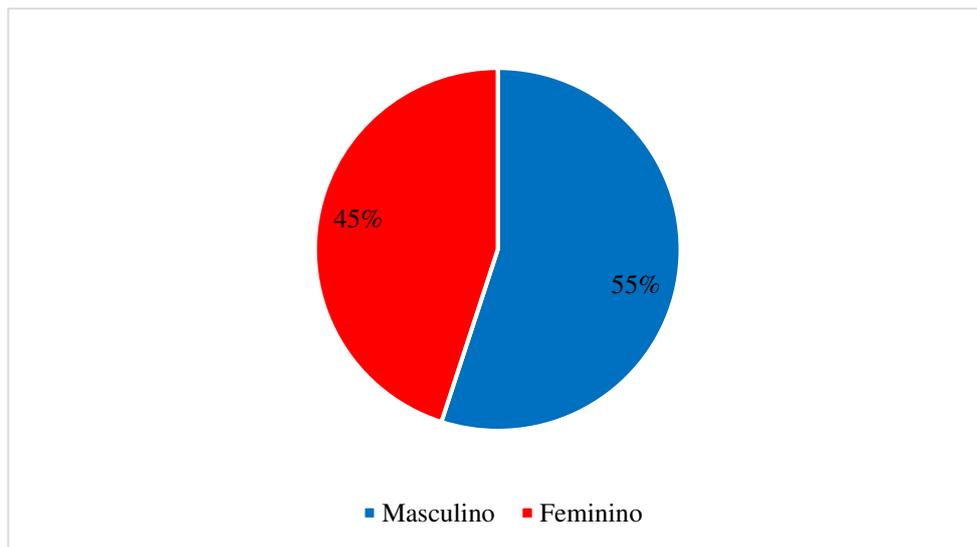
O nome da praça faz menção ao primeiro bispo de Aracaju, nomeado em 1911. No monumento situado na praça com o seu busto, não há informações sobre o religioso. De acordo com a matriz quali-quantitativa, o estado geral de conservação da praça é bom, apenas com falhas no calçamento e pequena distribuição de bancos no interior da praça. A praça contém ainda uma quadra e mesas para jogos de tabuleiro.

O movimento da praça está diretamente relacionado às atividades de comércio e ao movimento dos colégios em seu entorno. Durante a semana, em horário comercial, predomina o fluxo intenso de estudantes e trabalhadores dirigindo-se ao local de estudo e trabalho ou voltando para casa. Na praça, permanecem por mais tempo os aposentados que utilizam a

praça como ponto de encontro, os vendedores dos bares, da banca de revista e alguns ambulantes. Já nos finais de semana, além das pessoas que se encontram para jogar nas mesas de tabuleiro localizadas na praça, vêm ainda famílias para passear com seus filhos. À noite, em quase todos os dias da semana, predominam as pessoas que ficam nos bares situados na praça. É importante constatar também que próximo à praça há também uma igreja católica, da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, cujos horários da Missa influenciam no movimento da praça.

Na última reforma da praça, ocorrida em 2004 de acordo com relatos de moradores, houve uma mudança na localização e na estrutura dos bares. Antes de menor porte e situados no entorno, os bares foram ampliados e deslocados para o meio da praça, próximo à quadra e às mesas de jogos. Tal mudança agradou os donos de bares e seus frequentadores, mas foi vista como desfavorável aos moradores do entorno da praça. Visando analisar este fato, optou-se por entrevistar os donos dos bares e seus frequentadores, moradores do entorno e demais frequentadores da praça, de acordo com o disposto nas figuras abaixo.

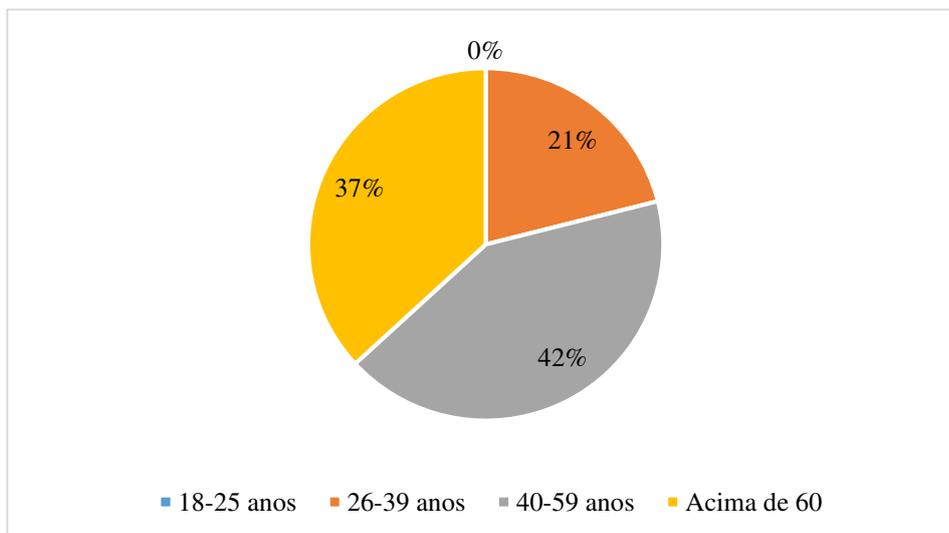
Figura 26 - Sexo dos entrevistados da Praça Dom José Thomaz



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Assim como nas praças analisadas acima, a maior parte do público entrevistado é composta por homens (Figura 26). As pessoas do sexo masculino utilizam a praça como área de descanso ou frequentam os bares situados na praça. Já as mulheres utilizam principalmente como local de encontro ou de descanso, além de levar os filhos para passear.

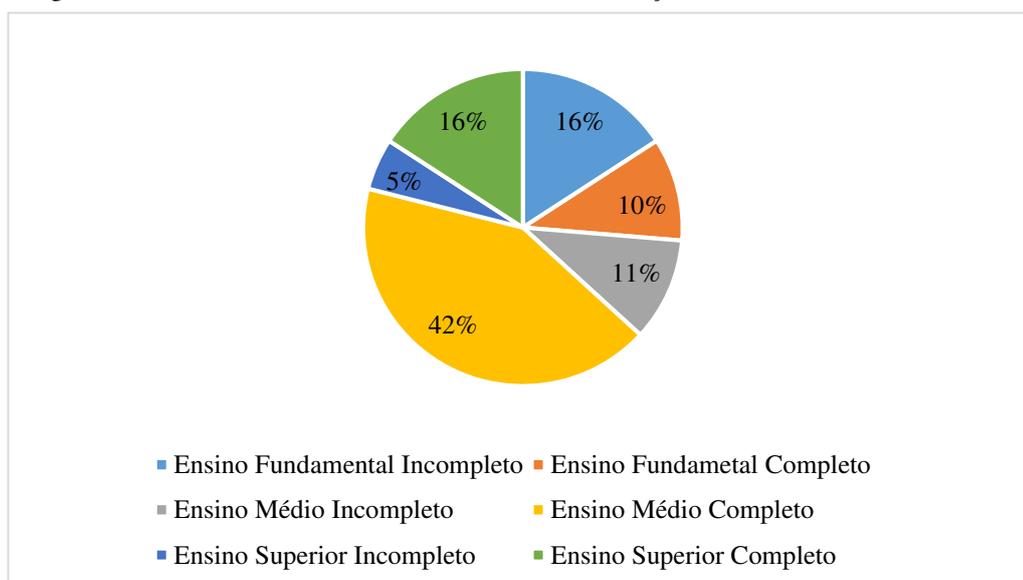
Figura 27 - Idade dos entrevistados da Praça Dom José Thomaz



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

De forma oposta à Praça da Juventude, o público entrevistado na praça Dom José Thomaz é predominantemente formado por idosos, que utiliza principalmente as mesas de jogos ou as áreas livres para descansar (Figura 27). O movimento de jovens, de 18 a 25 anos, está concentrado apenas nos pontos de ônibus, não sendo possível realizar as entrevistas com estas pessoas. Já os entrevistados das demais faixas etárias constituem-se de moradores e comerciantes da área, além de frequentadores que utilizam a praça como ponto de encontro.

Figura 28 – Grau de escolaridade dos entrevistados da Praça Dom José Thomaz



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Apesar da diferença significativa em relação à idade dos entrevistados, a semelhança do público abordado na Praça Dom José Thomaz com a Praça da Juventude está no grau de escolaridade: assim como na praça situada no Conjunto Augusto Franco, a maior parte dos entrevistados na praça possui no mínimo Ensino Médio completo (Figura 28). Tal parâmetro ajudou a visualizar um dos atuais pontos de conflito da praça, entre os comerciantes e os moradores do entorno.

Os moradores entrevistados destacam a importância da praça com ponto de encontro e de referência, além do conforto térmico proporcionado pelas árvores situadas na área. Porém, como desvantagem os moradores citam a falta de segurança e o barulho causado pelos frequentadores de bares situados na praça, oferecendo como opção de melhoria a redução no número destes estabelecimentos. Os proprietários de bares, por sua vez, relatam como vantagens a centralidade da praça e como desvantagem a insegurança. Já os frequentadores destacam a proximidade da praça de diversos pontos de comércio e serviços, bem como a área verde disponibilizada. Além da falta de segurança, os frequentadores reprovam o vandalismo e a presença de usuários de drogas, especialmente à noite e aos domingos.

4.1.5 Praça Nelson Ferreira Martins

A Praça Nelson Ferreira Martins, localizada no Conjunto Dom Pedro I, bairro José Conrado de Araújo, foi escolhida por ser a menos movimentada da Zona Oeste de Aracaju (Figura 29). Mesmo com uma igreja católica no interior da praça, um colégio particular de pequeno porte e alguns pontos de comércio em seu entorno, o movimento da praça restringe-se apenas aos finais da manhã e de tarde, com a entrada e saída dos alunos, e aos horários da Missa. A única referência ao nome da praça é apenas uma placa indicativa, situada em um poste, em que apenas olhares mais atentos conseguem perceber.

Figura 29 - Visão panorâmica da Praça Nelson Ferreira Martins



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Tal fato está associado, de acordo com moradores, com o fechamento do posto policial situado na praça, há aproximadamente cinco anos. Devido à situação observada nesta praça, optou-se por fazer as entrevistas nos finais da tarde e no domingo de manhã, no final da Missa. Assim, conseguiu-se fazer as vinte entrevistas requisitadas para esta praça. De acordo com a matriz quali-qualitativa, o estado geral da praça é bom, com poucos sinais de vandalismo. No segundo semestre de 2015 foi inserido um parque infantil, em ótimo estado de conservação (Figura 30). Além disso, a praça possui alguns bancos e área de passeio, em bom estado de conservação, e o passeio público está conservado. A iluminação é eficiente e há bancos em ótimo estado de conservação, localizados próximo à igreja. Porém, não há estacionamento ou espaço para eventos.

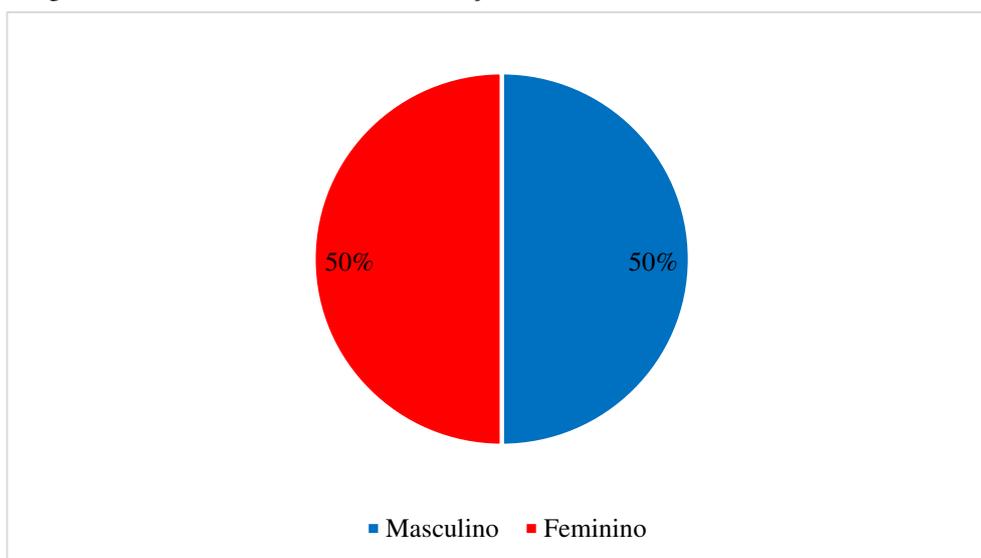
Figura 30 - Parque infantil e bancos na Praça Nelson Ferreira Martins



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Para conseguir coletar as entrevistas, foi necessário ir à praça em dois dias da semana e em dois finais de semana, além do feriado da Independência do Brasil. Assim, o perfil do público entrevistado está assim descrito:

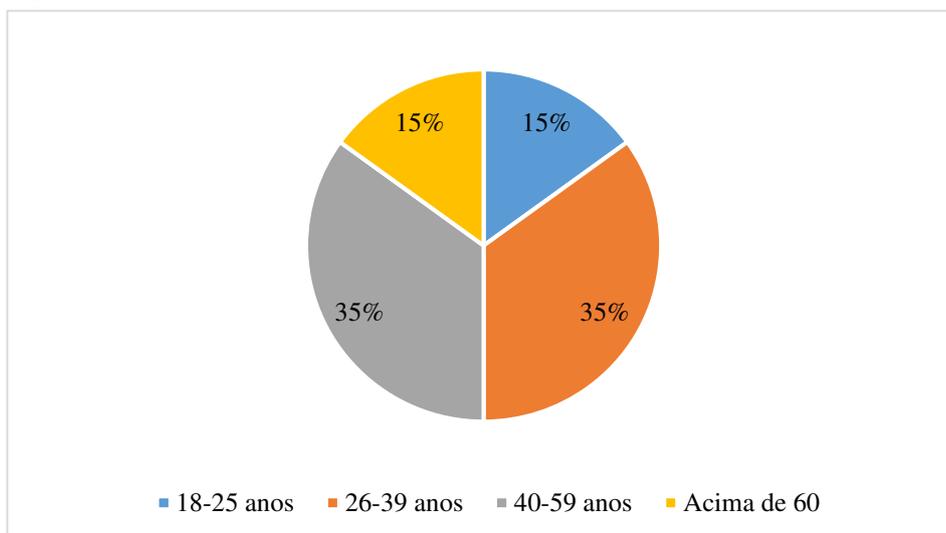
Figura 31 - Sexo dos entrevistados da Praça Nelson Ferreira Martins



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Esta foi a única praça em que o número de entrevistados homens foi igual ao de mulheres (Figura 31). Os homens utilizam mais a praça como ponto de encontro, principalmente nos finais de semana, enquanto as mulheres levam os filhos para brincar no parque infantil ou como área de passagem, principalmente durante a semana.

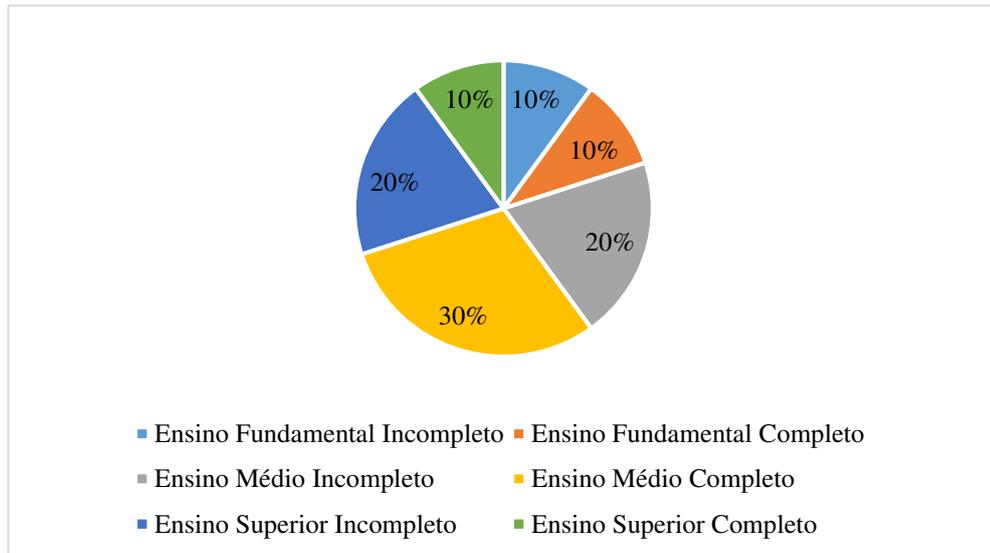
Figura 32 - Idade dos entrevistados da Praça Nelson Ferreira Martins



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Quanto à idade, 70% do público entrevistado compõem-se de moradores do entorno e frequentadores entre 26 e 59 anos (Figura 32). Não há diferenças significativas entre o uso das pessoas pela praça e a idade dos entrevistados.

Figura 33 – Grau de Escolaridade dos entrevistados da Praça Nelson Ferreira Martins



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Como foi necessário ir à praça várias vezes para realizar as entrevistas, o público é o mais heterogêneo, com pessoas de todas as faixas de idade e todas as escolaridades, principalmente com Ensino Médio (completo ou não) (Figura 33). Os moradores descrevem a falta de segurança como principal problema, assim como foi listado em outras praças desta pesquisa. Como vantagens, listam a área verde e o espaço de convivência. Três moradores não listaram nenhuma vantagem e mostraram indiferença entre permanecer morando próximo à praça ou morar em um local mais distante. Um frequentador alegou que somente na atual gestão municipal que investiram na melhoria da praça.

4.1.6 Praça Theodorico do Prado Montes

A praça Theodorico do Prado Montes, situada entre casas de grande porte e escritórios de advocacia, no Bairro Farolândia, foi escolhida por ser a menos movimentada da Zona Sul de Aracaju. A praça possui em sua área uma quadra, passeio público, bancos e lixeiras para coleta convencional regularmente distribuídas, além de iluminação eficiente. Não há referências sobre o patrono da praça, nem placas indicativas sobre o nome do local, tampouco monumentos ou bustos. Além disso, a praça apresenta sinais de não uso: a quadra de esportes está cheia de grama, assim como partes do passeio (Figura 34). Embora seja limpa regularmente, não apresenta movimento durante a semana ou nos finais de semana.

Figura 34 - Quadra da Praça Theodorico do Prado Montes



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Durante as visitas realizadas na praça, não foi possível ver transeuntes ou entrevistar moradores que fizessem uso da praça. Assim, não foi possível realizar as entrevistas na praça, tanto durante a semana, quanto nos finais de semana.

4.1.7 Praça Doutor Ranulfo Prata

A Praça Dr. Ranulfo Prata, no bairro Getúlio Vargas, foi considerada durante a coleta preliminar de dados como a praça menos frequentada da Zona Central de Aracaju. Localizada próximo à Central de Abastecimento de Aracaju (CEASA), a praça contém em seu entorno o Cemitério da Cruz Vermelha. Na praça há poucos equipamentos: uma quadra abandonada, sem cercas, e alguns bancos. No meio da praça, há um monumento que remete ao seu patrono, escritor e médico sergipano do início do século XX.

O estado geral da praça é regular: o calçamento possui buracos e alguns bancos estão quebrados. Um trecho da praça é utilizado como depósito de lixo, devido a falhas no calçamento e no meio-fio (Figura 35).

Figura 35 - Depósito de lixo situado na Praça Dr. Ranulfo Prata. Ao fundo, o monumento com o nome do patrono da praça



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Durante as visitas, apenas o responsável pela guarda do cemitério estava presente; porém, o mesmo alegou que não frequentava a praça e, por isso, não tinha condições de realizar a entrevista. Assim, não foi possível realizar as entrevistas com os moradores e frequentadores deste local.

4.1.8 Praça Liberato Costa

A praça Liberato Costa, localizada no bairro Industrial, Zona Norte de Aracaju, apresenta sinais de reforma recente, apesar de ser a menos frequentada desta zona. Não há informações sobre o patrono da praça, nem placa indicativa com seu nome. A praça possui um parque infantil, bancos e mesas de tabuleiro. Porém, a grama presente nos brinquedos do parque evidencia um não uso da praça, além de falta de manutenção (Figura 36). Devido a

este fator, a praça possui estado geral de conservação bom, com calçamento e demais equipamentos em ótimas condições.

Figura 36 - Presença de grama nos brinquedos da Praça Liberato Costa



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

A praça foi reformada em 2009, de acordo com dados da Prefeitura. Porém, o fato de estar localizada em uma área pouco movimentada, com poucas casas e pontos de comércio ao redor, além de estar em um local com pouco destaque na Capital sergipana, não atrai frequentadores de outros locais. Assim, como nas praças Theodorico do Prado Montes e Dr. Ranulfo Prata, não foi possível aplicar a entrevista com o público previsto.

4.2 Territorialidades das Praças Aracajuanas

A simples utilização da praça, mesmo como área de passagem, indica o exemplo claro de como o conceito de território se aplica às praças. Ao se pensar na relação entre materialidade e atores sociais, relacionando às praças pesquisadas, é possível perceber como isto acontece. Até mesmo nas praças “desocupadas”, a relação permanece: o modo de “não frequentar” as praças ocorre por alguma razão, relacionada à praça ou aos próprios moradores.

A relação materialidade/atores sociais (ou entre sistemas de ações e sistemas de objetos) nas praças em que foi observada movimentação ocorre pelo uso da praça e pelos equipamentos que a mesma oferece (aparelhos de ginástica, quadra, área de encontros, palcos). Além disso, o uso como ponto de comércio influencia ainda na relação com a praça. Até nas praças em que não foi notado movimento, alguns fatores induziam à falta de relação entre a praça e seus moradores: estado ruim de conservação, localização pouco privilegiada, falta de equipamentos. Tais aspectos também ilustram uma relação, embora menos notória, mas nem por isso menos relevante.

Para entender melhor como as relações se estabelecem nas praças aracajuanas, formando territórios e territorialidades, neste tópico será realizada a discussão referente aos territórios formados nas praças aracajuanas.

É importante observar, inicialmente, que tais territórios não são independentes. A formação e permanência destes nas praças depende uns dos outros: o comércio está diretamente relacionado ao público da praça; a recreação infantil quase sempre está ligada à presença dos pais, que podem estar presentes em algum evento. Um exemplo são os vendedores de bebidas que estão nas praças onde se pratica atividade física, ou ainda os vendedores ambulantes que alugam pula-pulas para as crianças nas praças com recreação infantil. Os territórios podem apresentar ainda pontos de conflito uns com os outros: onde há a existência de um, outro se recolhe ou deixa de estar presente. Os territórios formados nas praças aracajuanas podem ser resumidos da seguinte maneira:

- a) **Territórios da acessibilidade:** Localizados nas praças consideradas como ponto de referência, devido à sua proximidade com áreas comerciais, escolas e clínicas. Tais territórios também se formam devido à facilidade de acesso para estas praças: possuem pontos de ônibus e/ou de táxi em seu entorno, ou ainda facilidade de estacionamento.

Tal situação se encontra nas praças Olímpio Campos, Ulysses Guimarães, Dom José Thomaz e da Juventude.

- b) **Territórios da atividade física:** São formados devido à iniciativa da população, à presença de quadras e equipamentos de ginástica, ou ainda de programas da Prefeitura, como a Academia da Cidade, relacionados à prática de exercícios físicos individuais ou em grupo. Nas áreas de passeio das praças, realizam-se a caminhada ou a corrida; nas quadras, jogos coletivos tais como o futebol de salão, basquete e vôlei. Estes territórios são vistos nas praças Ulysses Guimarães, Dom José Thomaz e da Juventude. Há ainda as pistas de skate nas praças da Juventude e Ulysses Guimarães.
- c) **Territórios do comércio:** Marcados pela presença intensa de pontos comerciais, especialmente informais: feira livre ou vendedores autônomos. Tal situação é vista nas praças Olímpio Campos, Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães, Nelson Ferreira Martins e da Juventude.
- d) **Territórios dos eventos:** são as praças utilizadas como ponto de encontro - para o *happy hour*, bate-papo de adolescentes e adultos, realização de eventos diversos. Em algumas destas praças, são realizadas festas por iniciativa própria dos moradores da região, que utilizam a praça e seus equipamentos como palco para shows, feiras e outros. As praças Ulysses Guimarães, Dom José Thomaz, da Juventude e Olímpio Campos são locais em que este tipo de território ocorre.
- e) **Territórios infantis:** A recreação infantil é predominante neste tipo de território. Através de equipamentos disponíveis na própria praça ou colocados por vendedores ambulantes, pais ou responsáveis levam crianças para brincar na área da praça. Este cenário se desenha nas praças Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães, Nelson Ferreira Martins e da Juventude.
- f) **Territórios religiosos:** Nas praças com centros religiosos em seu interior, é possível observar como a presença dos templos influencia na frequência e no público que está na praça. Nos horários dos cultos, a movimentação de pessoas torna-se mais intensa e eventos como procissões e festas do padroeiro mudam a rotina da praça. Tal cenário está presente nas praças que possuem igrejas católicas em seu interior ou nas proximidades, como é o caso da Praça Dom José Thomaz, Praça Olímpio Campos e Praça Nelson Ferreira Martins.

g) **Territórios topofóbicos:** Diferentemente dos territórios citados, em que há distintas situações, com características bem definidas, neste tipo de território não há movimentação de pessoas, nem o uso por crianças, nem a presença de pontos de comércio. Há um aparente marasmo presente nestes espaços, em diferentes horas do dia e dias da semana. Esta situação está presente nas praças em que não foi possível realizar as entrevistas: Dr. Ranulfo Prata, Liberato Costa e Theodorico do Prado Montes.

Para elaborar a constituição e a descrição destes territórios nas praças aracajuanas, utilizou-se a análise de conteúdo, através dos discursos emitidos durante as entrevistas. De acordo com as vantagens e desvantagens colocadas pelos usuários, pelo motivo que os leva a frequentar a praça e de que forma transformariam a praça em um local mais agradável, a divisão em categorias dos discursos embasou a descrição dos territórios, como é explicado no Quadro 04:

Quadro 04 - Constituição dos territórios em praças a partir da análise do discurso dos entrevistados

Tipos de Territórios	Palavras relacionadas	Exemplos do discurso
Acessibilidade	Fluxo/ Encontro/ Passar/ Próximo/ Passeio	“Fluxo de pessoas”; “Ponto de encontro com o primo” (Praça Olímpio Campos); “[...] passa aqui várias vezes ao dia” (Praça Dom José Thomaz); “[...]por causa do movimento (Praça Ulysses Guimarães); [...]às vezes é passeio (Praça da Juventude)
Atividade Física	Caminhada/ Atividade física/ Praticar esporte/ Corrida/ Pista de skate	“[...]o pessoal pratica esporte” (Dom José Thomaz); “Fazer caminhada” (Praça Ulysses Guimarães); “Geralmente quando frequento é para fazer atividade física” (Praça da Juventude)
Comércio	Trabalho/ Comércio/ Ganha pão	“Ambiente de trabalho, ganha pão” (Praça Olímpio Campos); “Aqui tem comércio” (Praça Dom José Thomaz); “Trabalho e moradia” (Praça Ulysses Guimarães); “Ponto de comércio” (Praça da Juventude); “Pelo trabalho (Praça Nelson Ferreira Martins)
Infantis	Brincar/ Crianças/ Brinquedos	“Leva o filho pra ficar brincando (Praça Ulysses Guimarães); Trazer minha filha para brincar (Praça da Juventude).
Eventos	Conversar/ Lazer/	“Conversando” (Praça Olímpio Campos); “Lazer, o pessoal pratica esporte, conversa” (Praça Dom José Thomaz) “Um lugar de lazer” (Praça Ulysses Guimarães) “Sombra, entretenimento” (Praça da Juventude)
Religiosos	Igreja/ Missa	“A igreja, horários de Missa” (Praça Olímpio Campos) “A igreja, tem tudo perto” (Praça Dom José Thomaz) “O que era pra ser vantagem não é, que é a igreja” (Praça Nelson Ferreira Martins)

Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Os discursos feitos pelos entrevistados são a expressão de como os territórios nas praças estão constituídos. A formação destes territórios nas praças, listando os fatores que motivam e estabelecem tais territorialidades será descrito a seguir.

4.2.1 Territórios da acessibilidade

A acessibilidade pode se referir a diversos conceitos. Pode ser definida, por exemplo, como a facilidade, em distância, tempo e custo, de se alcançar fisicamente, a partir de um ponto específico na cidade, os destinos desejados (SEMOB, 2005). Também se caracteriza como sendo uma medida de esforço para se transpor uma separação espacial caracterizada pelas oportunidades apresentadas ao indivíduo ou grupo de indivíduos. No dicionário, acessibilidade significa “qualidade de ser acessível; facilidade na aproximação, no trato ou na obtenção” (FERREIRA, 2001). As medidas de acessibilidade podem ser vistas sob dois aspectos: acessibilidade de lugares (facilidade de se chegar a certos lugares) ou de pessoas (facilidade de uma pessoa ou grupo de pessoas para alcançar centros de atividades) (MACHADO; WAISMAN, 2011). A acessibilidade aqui se relaciona à ideia de “objetos complexos sistêmicos” (SANTOS, 2002, p. 219), ou seja a todos os mecanismos e ferramentas que favoreçam o acesso a um determinado destino.

Já a mobilidade está relacionada aos deslocamentos cotidianos no espaço urbano, quer sejam de fato efetuados, quer existam apenas a facilidade e a possibilidade de ocorrência. É importante lembrar que o conceito de mobilidade encontra-se associado com o de acessibilidade. O conceito de mobilidade engloba o grau de facilidade ou dificuldade de se locomover, o número possível de deslocamentos que um determinado indivíduo pode realizar em dado período de tempo. Ao se pensar em mobilidade nas praças, pode-se relacionar, por exemplo, às condições do calçamento, à sinalização horizontal e vertical presente, aos equipamentos disponíveis aos portadores de necessidades especiais. A mobilidade envolve ainda a relação do habitante com o espaço e com os demais indivíduos, que envolve ainda o planejamento físico, a organização das cidades e à qualidade ambiental dos espaços (LONDE, MENDONÇA, 2014).

Outra forma de se pensar a acessibilidade em áreas verdes refere-se aos modos de consumo, aos estilos de vida presentes nestes locais. Aqui, é interessante observar que tais espaços, apesar de serem “públicos”, trazem elementos que remetem a uma sensação de propriedade ou até mesmo de abandono: basta-se pensar em uma praça com mais elementos arquitetônicos e em bom estado ou em praças abandonadas: geralmente as primeiras estão em áreas nobres, ou ao menos turísticas, enquanto as segundas estão em áreas menos valorizadas da cidade. Os primeiros espaços estão mais acessíveis a depender do uso que é feito nestes locais, enquanto que as praças ditas “vazias” ou “abandonadas” não oferecem condições de uso. Serpa (2004) acredita que tais formas de uso estão ligadas a outros elementos

No espaço público da cidade contemporânea, o “capital escolar” e os modos de consumo são os elementos determinantes das identidades sociais. Aqui, diferença e desigualdade articulam-se no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo, simbólica. Visto assim, acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe evidente, que atua na territorialização (e, na maior parte dos casos, na privatização) dos espaços públicos urbanos (SERPA, 2004, p. 26).

Aqui, o autor se refere a uma nova configuração cada vez mais presente nas cidades: a construção de espaços públicos destinados somente à classe média, que detém maior poder de consumo. Assim, elementos como a presença de comércio ambulante e adoção de áreas verdes por empresas privadas levam a uma nova forma de apropriação, que pode atrair outras pessoas ou causar segregação, fazendo com que o uso da praça se restrinja ao público que possa ter acesso aos bens de consumo ali presentes.

Há ainda outra forma de segregação: quando determinadas áreas da praça são ocupadas por um público que inspira “desconfiança” para os demais. São porções mais reservadas da praça, ocupadas por um público específico. Na Praça Olímpio Campos, por exemplo, esta porção está localizada no fundo da Catedral Metropolitana (Figura 37): por não apresentar movimento constante, esta parte da praça está quase sempre vazia ou, esporadicamente, ocupada por um público diverso da praça. Não são trabalhadores das lojas do Centro ou estudantes dos colégios próximos; são pessoas, literalmente “às margens da praça”. Tal porção é, paradoxalmente, acessível e não-acessível: está disponível a todos, mas, ao mesmo tempo, é uma área em que é difícil se aproximar.

Figura 37 - Porção da Praça Olímpio Campos “menos acessível”, no fundo da Catedral Metropolitana



Fonte: Pesquisa de campo (set/2015)

Pensar em acessibilidade, portanto, não se relaciona meramente à facilidade de acesso a um local, mas também à liberdade de ir e vir, de seguir as normas de uso vigentes, de verificar se estas normas são comuns a todos os locais ou se são específicas, destinadas a um tipo de público.

Os territórios da acessibilidade formados nas praças de Aracaju estão relacionados diretamente ao fato da praça ser considerada como referência para moradores e visitantes da Capital. As praças Olímpio Campos e Dom José Thomaz são referências para toda a Capital, enquanto que as praças Ulysses Guimarães e da Juventude são referências para os moradores da Zona Norte e do Conjunto Augusto Franco, respectivamente. Além de sua fácil localização, os empreendimentos presentes nas praças auxiliam nesta referência: a Catedral na Praça Olímpio Campos, as quadras na Praça da Juventude e na Praça Ulysses Guimarães, os pontos de ônibus presentes em todas estas praças. Outro fator que leva a constituição deste tipo de território é a arquitetura da praça: distribuição de árvores e bancos, boas condições de iluminação, passeio em estado bom ou ótimo, presença de estacionamento. Nestas quatro praças, estas condições são comuns.

Este tipo de território se constrói em diferentes momentos, a depender da localização da praça: na Praça Olímpio Campos, se faz presente principalmente no horário comercial, nas demais praças, praticamente em todos os momentos. Não há conflitos entre este tipo de território formado e os demais presentes nas outras praças. Inclusive, os territórios da

acessibilidade estão diretamente ligados aos outros, já que a facilidade de acesso é condição primordial para constituir os demais territórios (Figura 38). As relações de poder, neste caso, são comuns a todos os transeuntes, exceto por aqueles que, inconscientemente ou não, formam territórios de exclusão, como é o caso da área do fundo da Catedral, na Praça Olímpio Campos.

Figura 38 - Estacionamento nas praças da Juventude (A) e Ulysses Guimarães, condição que favorece a formação de territórios da acessibilidade.



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Embora as outras praças também sejam usadas como pontos de referência e áreas de passeio, os territórios da acessibilidade não estão presentes nas outras quatro praças porque tal característica não é essencial às demais avaliadas. Na Praça Nelson Ferreira Martins, por exemplo, tal característica não é citada pelos entrevistados. Outro fator que explica porque esta praça não forma este tipo de território é que a mesma não é utilizada como ponto de encontro da comunidade, já que não possui estacionamento ou outros elementos que favoreçam seu acesso.

Nas praças Theodorico do Prado Montes, Liberato Costa, Dr. Ranulfo Prata e Nelson Ferreira Martins, além da ausência de pontos de ônibus, as praças não são consideradas pontos de referência ou de encontro em seus bairros. Embora apresentem características que melhorem as condições de acessibilidade (todas tem estacionamento e, com exceção da Praça Dr. Ranulfo Prata, possuem calçamento em boas condições), os territórios da acessibilidade não se constituem porque não há, de fato, “livre acesso”. Tal fato pode se desencadear por

diversos fatores: localização pouco privilegiada, praça com pouca área livre ou sem boas condições de uso.

4.2.2 Territórios da atividade física

A busca por melhores condições de saúde, a fim de eliminar fatores para o desencadeamento de doenças cardiovasculares e metabólicas, propiciou nas últimas décadas a prática regular de atividades físicas por grande parte da população. Seja por recomendação médica, pela sensação de bem-estar propiciada ou como uma forma de lazer, as atividades físicas tem se tornado um hábito cada vez mais comum e, pode-se dizer, necessário à população urbana. É fato consolidado que a prática regular de exercícios físicos, aliada a uma boa alimentação e ao não consumo de bebidas alcoólicas e tabaco, reduz a probabilidade de doenças cardiovasculares e diversos tipos de câncer, além da melhoria da capacidade cardiorrespiratória.

A ideia de aliar áreas verdes com prática de atividade física começou na década de 1940 (SEGAWA, 2005), com a construção das primeiras quadras poliesportivas no interior destes espaços. A partir de então, as praças tornaram-se também locais para a prática de esportes coletivos e, em pouco tempo depois, as áreas de passeio das praças tornaram palco de atividades como a caminhada e corrida. Na Carta Internacional de Educação Física e do Esporte da UNESCO, assinada em 1978, é defendido que equipamentos e instalações suficientes para a promoção da educação física e do esporte devem ser instalados a fim de possibilitar a participação segura e intensiva da população (UNESCO, 2015).

Para atender aos anseios propostos pela UNESCO, em algumas capitais brasileiras foram criadas iniciativas para a utilização de espaços urbanos como áreas comuns de atividade física. Em Curitiba/PR, na década de 1960, foi realizada a readequação do espaço urbano e a criação de políticas públicas que propiciem a promoção da saúde e dos exercícios. Em Vitória/ES, há o “Serviço de Orientação do Exercício” (SOE) desde a década de 1990, que permite a informação, orientação e prática de atividades físicas em praças e parques da capital capixaba. Visando também à melhoria da saúde da população urbana e à diminuição do índice de inatividade física, foi criado em 2002, na cidade de Recife/PE, o projeto “Academia da Cidade”, que visa à criação, ou à reforma e utilização de espaços públicos já

construídos, para o lazer, a mobilização social e a orientação quanto às atividades físicas. O programa chegou em Aracaju em 2004 e está ativo até hoje, com o acompanhamento contínuo das condições de saúde de seus usuários e à promoção da atividade física (HALLAL *et al.*, 2010).

A nível nacional, em 1986 foi criado o programa Exercício Físico e Saúde, iniciativa dos Ministérios de Saúde e de Educação (HALLAL *et al.*, 2009). O programa sofreu diversas alterações desde então, sendo conhecido atualmente como “Programa Academia da Saúde”. Seguindo os moldes das capitais acima citadas, o programa procura promover a saúde e o cuidado dos habitantes das cidades, através da prática da alimentação saudável, atividade física e de modos de vida saudáveis. Os polos do programa estão situados em espaços públicos e possuem acompanhamento profissional (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

A escolha das áreas verdes para a promoção de tais atividades não é por acaso. Devido ao seu fácil acesso e localização, além de fazer parte da rotina da população urbana, a realização destas práticas torna-se ainda mais eficaz e propicia às áreas verdes uma outra utilização. O programa Academia da Cidade, por exemplo, está localizado em 19 polos da Capital, quase todos em praças.

Nas praças analisadas neste estudo, duas são integrantes do Programa: Ulysses Guimarães e da Juventude. Embora localizados em pontos diferentes da Capital, o programa se apresenta da mesma forma: por meio da promoção de atividades físicas e acompanhamento de instrutores três vezes por semana. Além dos atendidos pelo programa, outras pessoas nestas duas praças realizam atividades físicas por conta própria, utilizando o espaço de passeio ou as quadras presentes (Figura 39).

Figura 39 - Atividade física realizada na Praça da Juventude (A) e na Praça Ulysses Guimarães (B)



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Os limites deste território são bem definidos: as quatro linhas da quadra, o passeio ao redor da praça. Porém, esta delimitação não apresenta caráter discriminatório: durante a realização da atividade física, a área da praça é comum a todos. Nas praças Ulysses Guimarães e da Juventude, a área da quadra é formada predominantemente por jovens, que fazem maior uso destes espaços. Ou seja, há uma apropriação simbólica destas áreas pelos jovens: porém, tal apropriação é móvel ou, utilizando o termo de Souza (2001), afetiva.

A prática de atividade física também foi observada na praça Dom José Thomaz, de forma menos intensa, com estudantes utilizando a quadra para fazer atividade física. Tal tipo de território se constitui nas primeiras horas do dia e, principalmente, nos finais de tarde, de segunda à sexta. Não há conflitos entre este tipo de território e outros e, por vezes, estes territórios se aliam com os do comércio, os de eventos e os da recreação infantil, conforme descrito a seguir.

4.2.3. Territórios do comércio

O comércio está diretamente ligado à história da praça. Desde a Antiguidade, as praças tem sido utilizadas como ponto de encontro e de vendas, variando seu uso ao longo do tempo. No Brasil, a inserção de pontos comerciais nas praças consolidou-se somente no século XIX, quando a praça efetivou-se no espaço urbano (SEGAWA, 2005).

A consolidação do comércio nas praças é um exemplo de como o conceito de espaço está presente. Neste caso, é claro perceber como a praça funciona como um palco da reprodução das relações sociais de produção, de que Santos (2008) e Souza (2001) citam ao discutir a formação do espaço geográfico. A influência destes pontos comerciais, aliada aos demais elementos da praça e ao uso pelos transeuntes, constitui a formação do espaço.

Em Aracaju, em cinco das oito praças analisadas, foi observada a forte influência de pontos comerciais, especialmente aqueles que utilizam o espaço da praça. Nas praças Olímpio Campos, Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães, Nelson Ferreira Martins e da Juventude há vendedores ambulantes e pequenos pontos de comércio instalados nas praças, tais como feira de artesanato (Praça Olímpio Campos), bares (Praça Olímpio Campos, Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães e Nelson Ferreira Martins), bancas de revista (Olímpio Campos e Dom José Thomaz) e restaurantes (Praça Olímpio Campos). Nestas cinco praças, há vendedores ambulantes de produtos diversos: água e refrigerantes (Olímpio Campos, Dom José Thomaz, Ulysses Guimarães e da Juventude), aluguel de brinquedos infantis (Ulysses Guimarães e da Juventude), livros usados (Praça Olímpio Campos) e de doces (Olímpio Campos e Dom José Thomaz) (Figura 40).

Figura 40 - Tipos de comércio observados nas praças analisadas: A) Feira de artesanato na Praça Olímpio Campos; B) Vendedores ambulantes na Praça da Juventude; C) Bares na Praça Dom José Thomaz; D) Bar na Praça da Juventude



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

A finalidade deste tipo de território, diante desta diversidade, é uma só: atender ao público que visita à praça. Dada a diversidade de públicos e situações, os territórios do comércio da praça não buscam conflitos: ao contrário, buscam satisfazer a todos os públicos, variando de acordo com as formas de utilização das praças. Tal fato é tão consolidado que, no Plano Diretor de Aracaju, é permitida a instalação de um ou mais pontos de comércio, a depender do tamanho da praça. Aqui, é um exemplo de como a abordagem econômica do território é analisada: o território da praça como fonte de recursos.

4.2.4 Territórios religiosos

No Brasil Colônia, a instalação das primeiras praças deu-se de forma espontânea, através da continuação dos largos das igrejas. Tal tradição se manteve e, em maior ou menor grau, nas cidades brasileiras há uma praça contendo um templo em seu interior, predominantemente católico. Nas praças analisadas pela pesquisa, duas possuem igrejas em sua área: Praça Olímpio Campos e Praça Nelson Ferreira Martins (Figura 41). Já a Praça Dom José Thomaz possui forte influência da igreja católica localizada na lateral da praça.

Figura 41 - Igrejas localizadas nas Praças Olímpio Campos (Catedral Metropolitana – Paróquia Nossa Senhora da Conceição) e Nelson Ferreira Martins (Capela Cristo Rei)



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

A influência das igrejas católicas nas praças é determinada principalmente pelos horários da Missa, quando os fiéis utilizam a praça para chegar à igreja e utilizam o espaço da praça antes ou depois das celebrações. Por isso, a área ao redor das igrejas fica, de certa forma, “reservada” aos frequentadores das Missas. Há outro tipo de influência observada: na praça Olímpio Campos, a área em frente Catedral Metropolitana é considerada mais segura, já que há movimento durante todo o horário comercial. Já a parte de trás da Catedral, mais deserta, é considerada menos segura, sendo pouco frequentada, como foi descrito nos territórios da acessibilidade.

A presença de igrejas nas praças ainda impõe uma condição de respeito, de imponência. Há poucas pichações ou sinais de vandalismo nestas igrejas, e alguns frequentadores afirmam (ou ao menos esperam) que o fato da praça possuir uma igreja inibe a ação de vândalos e/ou criminosos. Embora os territórios religiosos não dialoguem com os outros territórios, não significa que quem constitui este território não faça parte dos outros: um comerciante ou uma pessoa que realize atividade física ou leve seu filho para passear na praça também podem constituir territórios religiosos em outros horários.

Outra manifestação clara deste tipo de território acontece durante as procissões e festas de padroeiro, em que há maior movimentação de pessoas na praça. Em tais ocasiões, os demais territórios acabando sendo “suprimidos” e o território religioso prevalece (Figura 42).

Figura 42 - Praça Olímpio Campos na festa da padroeira de Aracaju, em 08 de dezembro de 2015



Fonte: Arquidiocese de Aracaju. Disponível em: <http://arquidiocesedearacaju.org/?pg=noticia&idNoticia=2645>

Como instituição, a igreja, juntamente com seus fiéis, estabelece uma relação de poder em dias e horários determinados. Embora não apresente limites formais definidos, é um poder consolidado. Sua territorialidade é clara e definida, estando diretamente ligada aos territórios da acessibilidade e aos de eventos. Claramente, aqui se vê a apropriação cultural: simbólica, subjetiva.

Um ponto curioso é que a Praça Ulysses Guimarães também possui uma igreja católica vizinha, a Paróquia São Francisco de Assis, além de outras igrejas evangélicas. Porém, a influência destas igrejas nesta praça é menor, comparada com as praças descritas acima. A área da igreja católica contém um salão paroquial que é utilizado pelos fiéis durante e pouco depois da Missa, o que diminui a influência direta na praça. Já nas igrejas evangélicas, os fiéis utilizam a praça apenas para passagem.

4.2.5 Territórios infantis

Quando os primeiros equipamentos destinados à prática de atividades físicas foram inseridos nas praças, também os brinquedos infantis foram colocados, na década de 1940, ampliando o caráter de lazer desta categoria de área verde. Em Aracaju, diversas praças contam com este tipo de equipamento. Tais equipamentos foram encontrados em quatro praças analisadas: da Juventude, Ulysses Guimarães, Nelson Ferreira Martins e Liberato Costa.

Nas duas primeiras praças, embora alguns brinquedos apresentem sinais de vandalismo, gangorras, balanços e carrosséis são utilizados pelas crianças. Na Praça Nelson Ferreira Martins, ao menos durante as visitas, os equipamentos foram pouco utilizados, já que se trata de uma praça menos frequentada. Já na Praça Liberato Costa, os brinquedos não são utilizados há um bom tempo, inclusive apresentando grama crescendo ao redor. Portanto, não se pode afirmar que há um “território infantil” próximo à praça (Figura 43).

Figura 43 - Áreas de recreação infantil nas praças analisadas. A) Brinquedos na Praça da Juventude; B) Brinquedos abandonados na Praça Liberato Costa; C) Brinquedos na Praça Nelson Ferreira Martins; D) Praça Ulysses Guimarães



Fonte: Pesquisa de campo (set/2015)

Os territórios infantis se fazem mais presentes em bairros residenciais, em que pais, ou parentes levam crianças para passear e brincar na praça. Por isso, não estão presentes na Praça Olímpio Campos, situada em bairro comercial. Tais territórios se fazem mais presentes nas primeiras horas da noite e nos finais de semana. Nas praças Ulysses Guimarães e da Juventude, além dos brinquedos já presentes, há ainda vendedores ambulantes que alugam brinquedos para as crianças.

Estes territórios ocupam porções específicas da praça, virtualmente delimitadas. Não há fronteiras ou limites definidos, apenas o respeito dos demais moradores da praça para deixar partes da praça para as crianças brincarem mais à vontade. Tais territórios se estabelecem ao redor dos brinquedos construídos ou alugados. Assim, por exemplo, na Praça Ulysses Guimarães as crianças ficam na porção mais próxima à escola pública de esportes. Nas praças da Juventude e Nelson Ferreira Martins, os parques ficam próximos à quadra e à igreja, respectivamente. A territorialidade ali presente, embora transitória, é consolidada, dialogando principalmente com os territórios do comércio, da acessibilidade e dos eventos.

4.2.6 Territórios dos eventos

Ao descrever os territórios acima, fica implícito notar que a divisão em territórios não é delimitada formalmente, nem tampouco os integrantes de cada território são exclusivos. Assim, ao falar deste tipo de território, relacionado aos eventos que ocorrem na praça, é importante observar que estas ações ocorrem com os frequentadores que participam ou não dos demais territórios. Os eventos descritos aqui são das mais diversas formas: *happy hour* da sexta à noite, jogar utilizando as mesas de tabuleiro, comer um espetinho, aulas de aeróbica e dança não relacionadas à Academia da Cidade. São os eventos não formais, que ocorrem por iniciativa de quem vai à praça. Ocorrem sem horário definido, espontaneamente. São a celebração do encontro que as praças procuram promover.

O que delimita estes territórios, muito mais do que o local em que eles ocorrem, são o público que os realiza: grupos de aposentados, de adolescentes, de pais e mães, de amigos que se encontram na praça, de casais que passeiam na praça, de pessoas que utilizam o tempo livre para observar o movimento ou levar seus animais de estimação para passear. Assim, este território ocorre em cinco das oito praças analisadas, de forma heterogênea. Na Praça Olímpio Campos, ocorre durante os horários da Missa e horário comercial. Já nas praças Ulysses Guimarães, Dom José Thomaz, Nelson Ferreira Martins e da Juventude (Figura 44) tal território se consolida nos finais da tarde e nos finais de semana.

Figura 44 - Eventos ocorridos nas praças Nelson Ferreira Martins (A), Ulysses Guimarães (B), da Juventude (C) e Dom José Thomaz (D)



Fonte: Pesquisa de campo (ago/2015)

Aqui, “eventos”, podem ser descritos de diferentes formas: encontros de amigos, de casais, de pais com seus filhos, celebrações de diferentes natureza. Vale destacar que, nas praças analisadas, os eventos são de menor porte, reunindo menos pessoas. Apenas as procissões, como citadas nos territórios religiosos, apresentam maior número de pessoas reunidas. Aqui, é o palco das “microterritorialidades”, determinada somente pela ocupação e presença do público na praça. Também se constitui na apropriação simbólica: por determinado momento, a pessoa ou grupo valoriza aquele território, toma-o como seu.

4.2.7 Territórios topofóbicos

Em todos os territórios citados acima, há dois pontos em comum: os frequentadores que fazem uso da praça das mais diferentes formas, e a praça, com seus elementos, influenciando na formação de territórios e territorialidades. Quando se visualiza a utilização das praças, os equipamentos que as compõem e a forma que isso acontece, em diferentes momentos do dia, é possível delinear os territórios, classifica-los, e verificar como os conceitos se aplicam. O espaço se faz presente através das regras e localizações próprias presentes em cada momento da praça; os territórios se constituem e desconstituem em um espaço definido por relações de poder, das mais diversas e variadas formas; as territorialidades são definidas através do pertencimento que cada ator exerce na praça ao ocupa-la.

Nas praças Dr. Ranulfo Prata, Liberato Costa e Theodorico do Prado Montes, não foi possível identificar, diretamente, como tais conceitos estão presentes. A falta de movimento observada nestas praças permite inferir algumas considerações. A primeira é que o estado geral da praça influencia em sua utilização: como citado anteriormente, as praças Liberato Costa e Dr. Ranulfo Prata apresentam sinais de abandono: brinquedos com mato ao redor, um depósito de lixo dentro da praça, mesmo com coleta regular de resíduos sólidos. Tal situação constitui uma topofobia: não se consegue estabelecer sensações boas, agradáveis, ao se passar por estas duas praças. O sentimento de abandono prevalece.

A localização também influencia na ausência de frequentadores nestas praças. As três praças, apesar de possuírem fácil acesso, não se constituem em pontos de referência por estar distantes de pontos de comércio de seus bairros, ou ainda em locais com poucas residências. A preferência por outras áreas de lazer acaba prevalecendo: no Bairro Industrial, há outras praças e o Parque da Cidade, o Getúlio Vargas é próximo ao Centro da cidade, já a Farolândia é próxima à Praia de Atalaia.

Por fim, pode-se notar outra forma de segregação, feita pelos moradores da área. Ao não se apropriarem da praça, não utilizar os equipamentos presentes, ao não colocar a praça como parte importante do bairro, os frequentadores de outras localidades não se sentem convidados a conhecer e se apropriar do espaço. Assim, o objeto, a paisagem está presente, mas as praças Theodorico do Prado Montes, Dr. Ranulfo Prata e Liberato Costa não se constitui em um espaço de vida para a comunidade local. Tal condição, porém, é transitória:

basta a iniciativa da população para que o espaço e o território se efetivem. Por isso, os territórios desta praça são nomeados como “topofóbicos”, já que há condições para o desenvolvimento das territorialidades; porém, devido à sensações negativas que tais territórios representam aos moradores do entorno, estes não se fazem presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As praças aracajuanas são parte integrante da trama urbana da Capital. Suas características, seus elementos, seus frequentadores refletem a realidade de Aracaju, exprimem como a cidade se desenvolve. Mostram ainda como a população move-se, busca lazer, trabalho, descanso, convivência. Desde as praças que são pontos turísticos devido à sua importância para a cidade, até as localizadas em bairros periféricos, cada praça revela um pedaço da cidade e propicia o contato com a natureza através da vegetação presente.

Ao estudar esta categoria de área verde, pode-se pensar em diversas abordagens. Pensar na funcionalidade das praças através de duas categorias chave da geografia, o espaço e o território, permite um novo olhar sobre as praças: pensar em sistemas de objetos e sistemas de ações, pensar em territórios, possibilita colocar os atores das praças como determinantes e colaboradores das praças. Aqui, o responsável da praça não é apenas o gestor público ou a empresa que cuida da praça, mas a comunidade, os seus frequentadores, o público que toma a praça para si e se apropria.

Para isso, é necessário analisar o que forma a praça, quais os elementos que a constituem, a sua localização. É preciso ouvir os frequentadores, a diferentes momentos: saber o que eles sentem, anseiam, esperam da praça ou da comunidade que a cerca e faz uso. Tais ações contribuem para a melhor gestão destes espaços, já que torna os frequentadores como partícipes da gestão eficiente.

Pensar em espaço e territórios nas praças e aliar às ferramentas de gestão implica, inicialmente, em conhecer a fundo estas categorias-chave, procurando associar à realidade a ser estudada. Aqui, inúmeras abordagens são válidas: espaço de vida, horizontalidades e verticalidades, materialidades e ações sociais; abordagens culturais, políticas, naturais ou econômicas de território, microterritorialidades. Nas praças aracajuanas, é possível visualizar cada um destes conceitos, a fim de verificar como a relação entre a população e a praça é construída e desconstruída continuamente.

As territorialidades presentes nas praças aracajuanas associam-se, inicialmente, ao espaço da praça: ao seus equipamentos e localização. O espaço, aqui utilizando a abordagem geográfica, permite inferir como é realizada a ação do ser humano com a praça e com os outros seres humanos. O território da praça se constrói e desconstrói a partir de relações de

poder efêmeras: não há um poder legitimado, apenas o uso por uma parte da população por um dado período.

Nas oito praças analisadas neste estudo, o conceito de espaço é evidente. Até mesmo nas situações de abandono, ou quando a praça não é frequentada, a ação humana está presente: seja no lixo que foi jogado na praça, na aparente tofobia que não permite uma aproximação real à praça. O ser humano, o habitante está ali, até o não-uso evidencia uma relação com o espaço da praça.

Quanto aos territórios observados, é possível verificar claramente como a apropriação simbólica se faz presente, especialmente no viés cultural. O uso da praça para levar os filhos à passeio, para encontrar os amigos, para descansar, para ir à igreja, para fazer atividade física. Tais ações estão inerentes à população e permitem relações de poder não conflituosas e, por vezes até amigáveis. Os territórios do comércio impõem o viés econômico, mas este campo de visão é completamente dependente do econômico.

Alguns conflitos foram observados: a inserção de pontos de comércio (os novos bares da Praça Dom José Thomaz) que não são favoráveis à população, a reclamação pelas taxas de violência, fato citado em todas as praças em que foram realizadas as entrevistas, são aspectos que necessitam de maior atenção. Afinal, a inserção de novos pontos de comércio favorece possibilita o melhor uso das praças? As praças são áreas que favorecem ou inibem a violência? Tais aspectos necessitam de melhores aprofundamentos. As demais categorias geográficas (paisagem, lugar e rede) podem ajudar na análise destas questões.

As territorialidades constituídas pela população são, em sua maioria, espontâneas, ocorrem por livre iniciativa. Os projetos inseridos pelo poder público, como a Academia da Cidade, podem melhorar a integração da população com a praça. Porém, até mesmo para garantir a efetividade destas ações, é necessário saber como a população se relaciona com a praça e se tais projetos não representem zonas de conflito com a comunidade.

Por fim, o estudo das territorialidades das praças constitui-se em uma excelente ferramenta para a gestão das praças. Para valorizar áreas tão importantes de Aracaju, o estudo da formação de territórios permite um viés mais amplo das praças aracajuanas, permitindo conhecer seu público e levando mais qualidade aos seus cidadãos. Assim, a praça será efetivamente pública: um local de livre acesso e uso da população aracajuana, um potencial instrumento de bem estar aos seus cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (orgs.). **Territórios em Movimento: Cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Brasília: SEBRAE, 2004.

ALMEIDA, F. G. de. O ordenamento territorial e a geografia física no processo de gestão ambiental. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. (org.). **Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

ARACAJU. **Sistema de Informações Urbanísticas Georeferenciadas**. Disponível em: <http://www.aracaju.se.gov.br/planejamento_e_orcamento/?act=fixo&materia=sistema_de_informacoes_urbanisticas_georreferenciadas_-_siug>. Acesso em: 30 dez 2014.

_____. **PMA entrega duas novas praças por mês**. Disponível em: <http://www.aracaju.se.gov.br/obras_e_urbanizacao/index.php?act=leitura&codigo=39844>. Acesso em: 01 ago. 2015.

_____. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Aracaju (Lei Complementar 042/2000)**. Disponível em: <<http://www.aracaju.se.gov.br/legislacao/>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

BARBOSA, J. L. O ordenamento territorial urbano na era da acumulação globalizada. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. (org.). **Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. **Estatuto das Cidades**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em: 31 dez. 2015.

CÂMARA MUNICIPAL DE ARACAJU. **Plano Diretor de Aracaju: Para entender e participar**. Disponível em: <<http://www.cmaju.se.gov.br/files/pddus.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2015.

CARLOS, A. F. A. **A Cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COSTA, B. P. da. Emergência de novas territorialidades urbanas: a condição homossexual. In: OLIVEIRA, J. A. de. (org.). **Cidades Brasileiras: Territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

DE ANGELIS, B. L. D.; CASTRO, R. M. de; DE ANGELIS NETO, G. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. **Revista Engenharia Civil**: Londrina, n. 20, 2004.

F5NEWS. **Amigos e familiares realizam homenagem ao surfista afogado em Aracaju**. Disponível em: <http://www.f5news.com.br/217305_amigos-e-familiares-realizam-homenagem-ao-surfista-afogado-em-aracaju.html>. Acesso em: 01 ago. 2015.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 992 p.

GOIS, D. V.; FIGUEIREDO, M. L. F. G. de; MELO E SOUZA, R. Cidadãos e Áreas Verdes Públicas: Percepção de moradores e demandas sociais para a gestão ambiental urbana em Aracaju/SE. In: MELO E SOUZA, R. SILVA, M do S. F. (orgs.) **Conservação Ambiental e Planejamento Territorial: Desafios da gestão e da participação social**. 1. ed. Porto Alegre: Redes, 2013.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia: Conceitos e temas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e Desenvolvimento: Diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

_____. **Territórios Alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O Mito da Desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. (org.) **Território, Territórios: Ensaio sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

HALLAL, P.C.; REIS, R. S.; HINO, A. A. F.; SANTOS, M. S.; GRANDE, D.; KREMPEL, M. C.; CARVALHO, Y. M.; CRUZ, D. K. A.; MALTA, D. C. Avaliação de Programas Comunitários de Promoção de Atividade Física: O caso de Curitiba, Paraná. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 14, n. 2, 2009.

HALLAL, P. C.; TENÓRIO, M. C. M.; TASSITANO, R. M.; REIS, R. S.; CARVALHO, Y. M.; CRUZ, D. K. A.; DAMASCENA, W.; Avaliação do programa de promoção da atividade física Academia da Cidade de Recife, Pernambuco, Brasil: percepções de usuários e não-usuários. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 26, v. 1, p. 70-78, jan-2010.

HEIDRICH, A. L. Conflitos territoriais na estratégia de preservação da natureza. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (orgs.). **Territórios e Territorialidades: Teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; UNESP: Programa de Pós-Graduação em Geografia.

IBGE. **IBGE Cidades**. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=280030&search=sergipelar+acaju>>. Acesso em: 30 dez. 2014.

INFONET. **Ministro Inaugura em Aracaju a 1ª Praça da Juventude do País**. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/politicaeconomia/ler.asp?id=99092>>. Acesso em: 04 dez. 2015.

LIMA, R.S. Atitudes e Percepções na Construção de Territórios Identitários: O bairro Bugio em Aracaju/SE. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013. (Programa de Pós-Graduação em Geografia).

LONDE, P. R.; MENDONÇA, M. das G. Espaços livres públicos: relações entre meio ambiente, função social e mobilidade urbana. **Caminhos da Geografia**, v. 15, n. 49, p. 138-151, mar/2014.

MACHADO, C. S.; WAISMAN, J. **Alteração na Acessibilidade a Pontos de Interesse Decorrentes da Implantação do Rodoanel Mário Covas na Região Metropolitana de São Paulo**. Disponível em: <http://www.cbtu.gov.br/estudos/pesquisa/antp_15congr/pdf/DU-196.pdf>. Acesso em: 01 dez 2011.

MAIA, R. A força dos símbolos e os “pedaços” da cidade. In: OLIVEIRA, J. A. de. (org.). **Cidades Brasileiras: Territorialidades, Sustentabilidade e Demandas Sociais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Espaço de vida e mobilidade nas metrópoles: a luminosidade do lugar e a experiência dos riscos e vulnerabilidades. In: OLIVEIRA, J. A. de. (org.). **Cidades Brasileiras: Territorialidades, Sustentabilidade e Demandas Sociais**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASSEY, D. B. **Pelo Espaço: Uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Praça da Juventude**. Disponível em: <<http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/secretaria-executiva/praca-da-juventude>>. Acesso em: 29 ago. 2015.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Academia da Saúde**. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/leia-mais-o-ministerio/1028-secretaria-svs/vigilancia-de-a-a-z/academia-da-saude-svs/12-academia-da-saude-svs/13816-sobre-o-programa>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

MORAES, A. C. R. Ordenamento Territorial: Uma conceituação para o planejamento estratégico. In: OFICINA SOBRE A POLÍTICA NACIONAL DE ORDENAMENTO TERRITORIAL, 1, 2003, Brasília. **Anais...** Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005, p. 43-47.

PRADO, G. da S. Batalhas da Memória Política em Sergipe: As comemorações das mortes de Fausto Cardoso e Olímpio Campos (1906-2006). **Dissertação de Mestrado**. Universidade de Brasília, Brasília, 2009. (Programa de Pós-Graduação em História).

RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROSENDAHL, Z. Espaço, cultura e religião: dimensões de análise. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SANTOS, C. Z. A. dos. Subsídios para o Planejamento de Áreas Verdes Públicas de Aracaju, Sergipe. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013. (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente).

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1998.

SANTOS, M. O papel ativo da geografia: um manifesto. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 5, n. 9, p. 103-109, jul./dez., 2000.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 4. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008 (Coleção Milton Santos, 1).

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2001, 473 p.

SEGAWA, H. Ao Amor do Público: Jardins no Brasil. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, 2005. 255 p.

SECRETARIA NACIONAL DE TRANSPORTE E MOBILIDADE URBANA DO MINISTÉRIO DAS CIDADES (SEMOB). **Estatuto da mobilidade urbana: texto básico de**

fundamentação do anteprojeto de lei – Documento para discussão. Brasília: Ministério das Cidades, 2005. Mimeografado.

SERPA, A. Espaço Público e Acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. **Espaço e Tempo.** São Paulo, n. 15, p. 21-37, 2004.

SOUZA, A. P. C. A. de. **Ordenamento Territorial:** Uma análise do macrozoneamento de Ipirá. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/3637/3324>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

SOUZA, M. J. L. de. O Território: Sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Mudar a Cidade:** Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SOUZA, A. P. de. **Análise de Qualidade Ambiental Urbana em Praças Públicas através da Percepção dos seus Usuários:** O caso da Praça Dois de Julho – Campo Grande Salvador-Bahia. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental). Salvador: Escola Politécnica, Universidade Federal da Bahia.

TRINDADE JÚNIOR, S-C. C. da. Agentes, Redes e Territorialidades Urbanas. **Território.** São Paulo, n. 5, ano III, p. 31-50, jul.-dez. 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** A pesquisa qualitativa em educação. 1. ed. 14. reimp. São Paulo: Atlas, 2006.

UNESCO. **Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO.** Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002164/216489por.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2015.

YIN, R. K. **Estudo de Caso:** Planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Matriz Quali-Quantitativa para Avaliação das Praças

a) Modelo da Matriz aplicado nas praças aracajuanas

Praça:		Data:																																																																								
Localização/Bairro:		Área (m²):																																																																								
I. ASPECTOS FISICOS																																																																										
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: _____ Estado de conservação: <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																					Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: _____ Tipo de coleta: <input type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																					Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Legenda: 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																															Sanitários <input type="checkbox"/> Ausentes <input type="checkbox"/> Presente Funcionalidade: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: _____ _____ P. de Ônibus/Táxi: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																										
Espaço para eventos <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____	Monumentos históricos <i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input type="checkbox"/> Diária <input type="checkbox"/> Outros: _____ _____ <i>Ações sofridas:</i> <input type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input type="checkbox"/> Intemperismo <input type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input type="checkbox"/> Nenhum Obs.: _____	Equipamentos de lazer <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Quadra <input type="checkbox"/> Campo <input type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____																																																																								
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																										
Espelhos d'água <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ _____	Tipo de pavimentação <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Areia <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____	Estado de conservação: <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																																																																								
Observações gerais:																																																																										
Número das fotografias:																																																																										
Avaliador:																																																																										

Fonte: Adaptado de DE ANGELIS *et al.*, 2004.

c) Praça Olímpio Campos

Praça: Olímpio Campos		Data: 24/08/2015																																																																								
Localização/Bairro: Centro		Área (m²): 14.472 m ²																																																																								
I. ASPECTOS FISICOS																																																																										
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: 07. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: 03. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: _____. <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																					Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: 0. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: 20. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 20. Tipo de coleta: <input checked="" type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																					Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: 10. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: 20. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: _____. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Legenda: 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																															Sanitários <input checked="" type="checkbox"/> Ausentes <input type="checkbox"/> Presente <i>Funcionalidade:</i> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: _____ _____ P. de Ônibus/Táxi: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input checked="" type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																										
Espaço para eventos		Monumentos históricos																																																																								
<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input checked="" type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____	<i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input checked="" type="checkbox"/> Diária <input type="checkbox"/> Outros: _____	<i>Elementos</i> <input type="checkbox"/> Ausente <input checked="" type="checkbox"/> Estátuas <input checked="" type="checkbox"/> Monumentos <input type="checkbox"/> Busto <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ <i>Ações sofridas:</i> <input checked="" type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input checked="" type="checkbox"/> Intemperismo <input checked="" type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input type="checkbox"/> Nenhum Obs.: _____	<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Quadra <input type="checkbox"/> Campo <input type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____																																																																							
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																										
Espelhos d'água		Tipo de pavimentação																																																																								
<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input checked="" type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: Fechada para visitação.	<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input checked="" type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input checked="" type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Areia <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____	<i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input checked="" type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																																																																								
Observações gerais: Contém a Catedral Metropolitana e o antigo Parque Teófilo Dantas.																																																																										
Número das fotografias: 35																																																																										
Avaliador: Emanuela Carla																																																																										

d) Praça da Juventude

Praça: da Juventude (Presidente João Goulart)		Data: 27/08/2015																																																																								
Localização/Bairro: Conj. Augusto Franco		Área (m²): 20.400 m ²																																																																								
I. ASPECTOS FISICOS																																																																										
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: 16. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: 18. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 34. <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Ótimo																					Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: 0. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: 06. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 06. Tipo de coleta: <input checked="" type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																					Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: 16. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: _____. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: _____. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> <i>Legenda:</i> 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																															Sanitários <input type="checkbox"/> Ausentes <input checked="" type="checkbox"/> Presente <i>Funcionalidade:</i> <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: Ficam no prédio da Guarda Municipal P. de Ônibus/Táxi: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input checked="" type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																										
Espaço para eventos		Monumentos históricos																																																																								
<input type="checkbox"/> Ausente <input checked="" type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____	<i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input type="checkbox"/> Diária <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Ausente.	<i>Elementos</i> <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Estátuas <input checked="" type="checkbox"/> Monumentos <input type="checkbox"/> Busto <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: <i>Ações sofridas:</i> <input type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input type="checkbox"/> Intemperismo <input type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input checked="" type="checkbox"/> Nenhum Obs.:	<input type="checkbox"/> Ausente <input checked="" type="checkbox"/> Quadra <input type="checkbox"/> Campo <input type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input checked="" type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____																																																																							
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																										
Espelhos d'água		Tipo de pavimentação																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____		<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Areia <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____																																																																								
Estado de conservação: <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Ótimo																																																																										
Observações gerais: Atendida pelo projeto "Academia da Cidade". Contém ainda um posto da Guarda Municipal.																																																																										
Número das fotografias: 77																																																																										
Avaliador: Emanuela Carla																																																																										

e) Praça Dom José Thomaz

Praça: Dom José Thomaz		Data: 25/08/2015																																																																								
Localização/Bairro: Siqueira Campos		Área (m²): 14.396 m ²																																																																								
I. ASPECTOS FISICOS																																																																										
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: 10. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: 01. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 11. <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																					Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: 00. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: 02. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 02. Tipo de coleta: <input checked="" type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																					Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: 01. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: 06. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: 04. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> <i>Legenda:</i> 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																															Sanitários <input type="checkbox"/> Ausentes <input checked="" type="checkbox"/> Presente <i>Funcionalidade:</i> <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: _____ _____ P. de Ônibus/Táxi: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input checked="" type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																										
Espaço para eventos		Monumentos históricos																																																																								
<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____	<i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input type="checkbox"/> Diária <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Ausente.	<i>Elementos</i> <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Estátuas <input type="checkbox"/> Monumentos <input checked="" type="checkbox"/> Busto <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ <i>Ações sofridas:</i> <input type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input checked="" type="checkbox"/> Intemperismo <input type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input type="checkbox"/> Nenhum Obs.: _____	Equipamentos de lazer <input type="checkbox"/> Ausente <input checked="" type="checkbox"/> Quadra <input type="checkbox"/> Campo <input checked="" type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____																																																																							
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																										
Espelhos d'água		Tipo de pavimentação																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ _____		<input type="checkbox"/> Ausente <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input type="checkbox"/> Péssimo <input checked="" type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Concreto <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Areia <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____																																																																								
Observações gerais: A praça possui um igreja católica em seu entorno, a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes.																																																																										
Número das fotografias: 99																																																																										
Avaliador: Emanuela Carla																																																																										

f) Praça Nelson Ferreira Martins

Praça: Nelson Ferreira Martins		Data: 08/09/2015																																																																								
Localização/Bairro: José Conrado de Araújo		Área (m²): 2.443 m ²																																																																								
I. ASPECTOS FISICOS																																																																										
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: 04. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: 06. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 10. <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Ótimo																					Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: 01. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 01. Tipo de coleta: <input checked="" type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																					Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: 02. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> <i>Legenda:</i> 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																															Sanitários <input checked="" type="checkbox"/> Ausentes <input type="checkbox"/> Presente <i>Funcionalidade:</i> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: _____ _____ P. de Ônibus/Táxi: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input checked="" type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																										
Espaço para eventos		Monumentos históricos																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____	<i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input type="checkbox"/> Diária <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Ausente	<i>Elementos</i> <input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Estátuas <input type="checkbox"/> Monumentos <input type="checkbox"/> Busto <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ <i>Ações sofridas:</i> <input type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input type="checkbox"/> Intemperismo <input type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input type="checkbox"/> Nenhum Obs.: _____	<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Quadra <input type="checkbox"/> Campo <input type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input checked="" type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____																																																																							
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																										
Espelhos d'água		Tipo de pavimentação																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ _____		<input type="checkbox"/> Ausente <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Concreto <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Areia <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____																																																																								
Observações gerais: A praça possui um igreja católica em seu interior, a Capela Cristo Rei.																																																																										
Número das fotografias: 25																																																																										
Avaliador: Emanuela Carla																																																																										

g) Praça Dr. Ranulfo Prata

Praça: Dr. Ranulfo Prata		Data: 25/08/2015																																																																																																																																														
Localização/Bairro: Getúlio Vargas		Área (m²): 8.100m ²																																																																																																																																														
I. ASPECTOS FISICOS																																																																																																																																																
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: 00. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: 07. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 07. <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																																									Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: 0. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: 01. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: _____. Tipo de coleta: <input checked="" type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																																									Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: 03. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: _____. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: _____. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Legenda: 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																																																													Sanitários <input checked="" type="checkbox"/> Ausentes <input type="checkbox"/> Presente <i>Funcionalidade:</i> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: _____ _____ P. de Ônibus/Táxi: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input checked="" type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																																																																																																
Espaço para eventos		Monumentos históricos																																																																																																																																														
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____.	<i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input type="checkbox"/> Diária <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Ausente	<i>Elementos</i> <input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Estátuas <input type="checkbox"/> Monumentos <input type="checkbox"/> Busto <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Letreiro com o nome da praça. Obs.: _____ <i>Ações sofridas:</i> <input type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input checked="" type="checkbox"/> Intemperismo <input type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____. <input type="checkbox"/> Nenhum Obs.: _____	<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Quadra <input checked="" type="checkbox"/> Campo <input type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____. Obs.: Campo de futebol abandonado.																																																																																																																																													
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																																																																																																
Espelhos d'água		Tipo de pavimentação																																																																																																																																														
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____. Obs.: _____ _____		<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input checked="" type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Areia <input type="checkbox"/> Outros: _____. Obs.: _____ <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																																																																																																																																														
Observações gerais: A praça fica próxima ao Cemitério da Cruz Vermelha.																																																																																																																																																
Número das fotografias: 30																																																																																																																																																
Avaliador: Emanuela Carla																																																																																																																																																

h) Praça Liberato Costa

Praça: Liberato Costa		Data: 06/09/2015																																																																								
Localização/Bairro: Industrial		Área (m²): 800 m ²																																																																								
I. ASPECTOS FISICOS																																																																										
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: 04. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: 04. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 08. <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input type="checkbox"/> Bom <input checked="" type="checkbox"/> Ótimo																					Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: 00. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: 01. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 01. Tipo de coleta: <input checked="" type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																					Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: 02. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: _____. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: _____. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> <i>Legenda:</i> 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																															Sanitários <input checked="" type="checkbox"/> Ausentes <input type="checkbox"/> Presente <i>Funcionalidade:</i> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: _____ _____ P. de Ônibus/Táxi: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input checked="" type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																										
Espaço para eventos		Monumentos históricos																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____	<i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input type="checkbox"/> Diária <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Ausente	<i>Elementos</i> <input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Estátuas <input type="checkbox"/> Monumentos <input type="checkbox"/> Busto <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ <i>Ações sofridas:</i> <input type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input type="checkbox"/> Intemperismo <input type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input type="checkbox"/> Nenhum Obs.: _____	<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Quadra <input type="checkbox"/> Campo <input type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input checked="" type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____																																																																							
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																										
Espelhos d'água		Tipo de pavimentação																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ _____		<input type="checkbox"/> Ausente <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Concreto <input type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Areia <input checked="" type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____																																																																								
Observações gerais:																																																																										
Número das fotografias: 10																																																																										
Avaliador: Emanuela Carla																																																																										

i) Praça Theodorico do Prado Montes

Praça: Theodorico do Prado Monte		Data: 27/08/2015																																																																								
Localização/Bairro: Farolândia		Área (m²): 4.513 m ²																																																																								
I. ASPECTOS FISICOS																																																																										
Bancos <input type="checkbox"/> Ausentes Sombreados: 03. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N Sombreados: 00. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 03. <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Ótimo																					Lixeiras <input type="checkbox"/> Ausentes Seletivas: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> N seletivas: 02. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Total: 02. Tipo de coleta: <input checked="" type="checkbox"/> Convencional <input type="checkbox"/> Seletiva																					Iluminação <input type="checkbox"/> Ausente Tipo 1: 02. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 2: _____ <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> Tipo 3: 04. <table border="1" style="width: 100%; height: 20px;"> <tr><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> </table> <i>Legenda:</i> 1. Postes acima das árvores. 2. Postes abaixo das árvores. 3. Postes na altura das árvores.																															Sanitários <input checked="" type="checkbox"/> Ausentes <input type="checkbox"/> Presente <i>Funcionalidade:</i> <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não Obs.: _____ _____ P. de Ônibus/Táxi: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não	Bebedouros <input type="checkbox"/> Presente <input checked="" type="checkbox"/> Ausente Comércio: <input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não Estacionamento: <input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
II. ASPECTOS CULTURAIS E DE LAZER																																																																										
Espaço para eventos		Monumentos históricos																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Palcos <input type="checkbox"/> Coreto <input type="checkbox"/> Anfiteatro <input type="checkbox"/> Espaço para feiras <input type="checkbox"/> Outros: _____	<i>Tipo de feiras:</i> <input type="checkbox"/> Livres <input type="checkbox"/> Culturais <i>Frequência:</i> <input type="checkbox"/> 1x semana <input type="checkbox"/> 1 x mês <input type="checkbox"/> Diária <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Não há feiras	<i>Elementos</i> <input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Estátuas <input type="checkbox"/> Monumentos <input type="checkbox"/> Busto <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ <i>Ações sofridas:</i> <input type="checkbox"/> Vandalismo/Pichação <input type="checkbox"/> Intemperismo <input type="checkbox"/> Falta de limpeza <input type="checkbox"/> Outros: _____ <input type="checkbox"/> Nenhum Obs.: _____	<input type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Quadra <input checked="" type="checkbox"/> Campo <input type="checkbox"/> Estrutura 3ª idade <input checked="" type="checkbox"/> Parque infantil <input type="checkbox"/> Outros: _____																																																																							
III. ASPECTOS AMBIENTAIS																																																																										
Espelhos d'água		Tipo de pavimentação																																																																								
<input checked="" type="checkbox"/> Ausente <input type="checkbox"/> Chafariz <input type="checkbox"/> Fontes <input type="checkbox"/> Lagoas <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____ _____		<input type="checkbox"/> Ausente <i>Estado de conservação:</i> <input type="checkbox"/> Paralelepípedo <input type="checkbox"/> Péssimo <input type="checkbox"/> Pedra portuguesa <input type="checkbox"/> Regular <input checked="" type="checkbox"/> Concreto <input checked="" type="checkbox"/> Bom <input type="checkbox"/> Areia <input type="checkbox"/> Ótimo <input type="checkbox"/> Outros: _____ Obs.: _____																																																																								
Observações gerais:																																																																										
Número das fotografias: 18																																																																										
Avaliador: Emanuela Carla																																																																										

APÊNDICE B: Roteiro de Entrevista para Moradores**Praça:****Perfil do entrevistado:**

Sexo: M() F()

Idade:

Grau de escolaridade:

Ocupação/profissão:

Renda:

1. Há quanto tempo reside próximo à praça?
2. Costuma frequentar esta praça?
() Sim () Não
3. Em caso positivo, com qual frequência?
() Diariamente
() Uma a duas vezes por semana
() Esporadicamente (ao menos uma vez por mês)
4. Em caso negativo, por qual motivo?
5. Qual o principal motivo de o(a) senhor(a) frequentar esta praça?
6. O que considera como principal vantagem e/ou benefício desta praça?
7. O que considera como principal desvantagem e/ou malefício desta praça?
8. O que mudaria para transformar esta praça em um local mais agradável?
9. Se pudesse escolher entre permanecer morando próximo a esta praça ou morar em outro local distante desta, o que o(a) senhor(a) escolheria? Por que?

APÊNDICE C: Roteiro de Entrevista para Frequentadores**Praça:****Perfil do entrevistado:**

Sexo: M () F ()

Idade:

Grau de escolaridade:

Ocupação/profissão:

Renda:

1. Com qual frequência o(a) senhor(a) visita esta praça?

 Diariamente Uma a duas vezes por semana Esporadicamente (ao menos uma vez por mês) É a primeira vez que visito a praça.

2. Qual o motivo de o(a) senhor(a) frequentar esta praça?

3. O que o(a) senhor(a) considera como principal vantagem e/ou benefício desta praça?

4. O que o(a) senhor(a) considera como principal desvantagem e/ou malefício desta praça?

5. O que o(a) senhor(a) mudaria para transformar esta praça em um local mais agradável para o senhor?

APÊNDICE D: Roteiro de Entrevista para Comerciantes (Adaptado aos vendedores da Praça Olímpio Campos e aos comerciantes da Praça Dom José Thomaz)

Praça:

Perfil do entrevistado:

Sexo: () M () F Idade:

Grau de escolaridade:

Ocupação/profissão:

Renda:

1. Há quanto tempo possui comércio na praça?

2. Costumava frequentar a praça antes de possuir o ponto comercial?
() Sim () Não

3. Em caso negativo, por qual motivo?

4. O que o (a) senhor(a) considera como principal vantagem e/ou benefício desta praça?

5. O que o (a) senhor(a) considera como principal desvantagem e/ou malefício desta praça?

6. O que mudaria para transformar esta praça em um local mais agradável?

7. Se pudesse escolher entre permanecer vendendo nesta praça ou vender em outro local distante desta, o que o(a) senhor(a) escolheria? Por que?

APÊNDICE E: Cronograma de Aplicação das Entrevistas

Praças	Semana	Final de semana
Ulysses Guimarães	25/08/2015	12/09/2015
Olímpio Campos	24/08/2015	05/09/2015
Juventude	26/08/2015	12/09/2015 e 13/09/2015
Dom José Thomaz	25/08/2015	12/09/2015
Nelson Ferreira Martins	08/09/2015 e 09/09/2015	13/09/2015
Theodorico do Prado Montes	26/08/2015 e 04/09/2015	07/09/2015 e 12/09/2015
Dr. Ranulfo Prata	24/08/2015 e 08/09/2015	05/09/2015 e 07/09/2015
Liberato Costa	25/08/2015 e 02/09/2015	05/09/2015 e 07/09/2015